

REVISTA

DA SEMANA

12 2009 600000



EM SÃO PAULO O CASAMENTO DO SÉCULO



EDUCANDO PARA A LIBERDADE

* Aqui durante a guerra foi um famoso campo de concentração. Nêle os alemães exterminaram impiedosamente milhões de poloneses. Hoje serve de campo de peregrinação para os poloneses livres que com o exemplo vivo da crueldade alemã vão aprender a amar mais ainda a liberdade. Tôdas as escolas superiores do país, periódica e obrigatòriamente, mandam turmas de rapazes visitar o campo e compreender os horrores que a barbarie e a selvageria podem derramar sôbre o mundo.

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

No Brasil Nunca Houve Um Casamento Assim ..	4/9
Ademar Ferreira Não Pode Comer Suas Medalhas ..	10/11
O Olho é o Radar da Beleza ..	12/13
Consumou-se a Imoralidade ..	16/19
Chepilov Prefere a Liberdade ..	24/25
Mais de 1 Bilhão de Cruzeiros Por Ano ..	27/29
Duas Jovens (Bonitas) E Uma Reportagem ..	31/33
Estes São Personagens Diários ..	35/37
Debate Sobre o Direito de Greve na U.R.S.S. ..	44/45
Os Milionários do Turle ..	46/49

HUMORISMO

Fortuna ..	52/53
------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr\$ 350,00
Seis meses ..	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano ..	Cr\$ 600,00
Seis meses ..	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..	Cr\$ 700,00
Seis meses ..	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente ..	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial ..	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente ..	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade ..	J. M. Costa Júnior
Diagramação ..	Victor Tapajós
Fotografia ..	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho ..	Alberto Lima
Laboratório ..	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores ..	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

CAPA



Tutsi Bertrand, uma das moças mais conhecidas da nova geração. Ao contrário do poema de Drumond, subiu verticalmente e se transformou em notícia. Ver reportagem nas páginas 31 a 33. Ektachrome de Yllen Kerr. (Exclusivo da REVISTA DA SEMANA).

Cartão de Natal

Apertemo-nos as mãos, leitoras, leitores, pois é Natal: feliz Natal!

★ Não estamos comemorando somente o nascimento de um meninozinho que é um Deus e morrerá depois; comemoramos nesse dia, sejam quais forem as nossas convicções religiosas ou filosóficas, a ternura humana, a confraternização entre os homens, o desejo que a todos anima: sermos felizes, pois o ano vai terminar, outro virá e esperamos sempre — tanto de esperanças vivem os homens — que os dias futuros sejam mais belos, mais risonhos, mais claros e felizes do que os dias que acabamos de viver e passaram com o ano que passou.

E' Natal, apertemo-nos as mãos, desejemo-nos felicidades, saúde, alegria.

★ Para atravessar o ano que termina, esse 1956 de tanta luta — tivemos que ter muita coragem; nossos dissabores nesta cidade começaram manhãs cedo com o silêncio compungido de nossas torneiras de onde não nascem água; depois tudo foi atropelo, dificuldades, aborrecimentos; ginásticas nos transportes, ginástica nos orçamentos, a vida subindo em preços, bôcas e estômagos cada vez mais vazios, os artigos de primeira necessidade passando a jóias ou objetos sonhados. Mas vivemos e isso é o que importa. Vivemos, estamos vivos e continuaremos com a luta diária que torna cada um de nós um herói, obscuro é certo, desconhecido herói, coisa sem importância para os outros, mas que dá a cada um de nós o direito ao título, à medalha que jamais ganharemos, mas que ostentamos para nosso uso próprio, pregada em nosso peito. «Honra ao mérito»; honra ao nosso mérito de batalhadores do cotidiano. E' Natal, apertemo-nos as mãos, vem chegando um Ano Novo, estamos fazendo despedidas a alguns sonhos não realizados, carregando conosco bagagem que levaremos para o ano que vem vindo, outros sonhos, velhos e novos, desejos e ambições dos quais não abriremos mão.

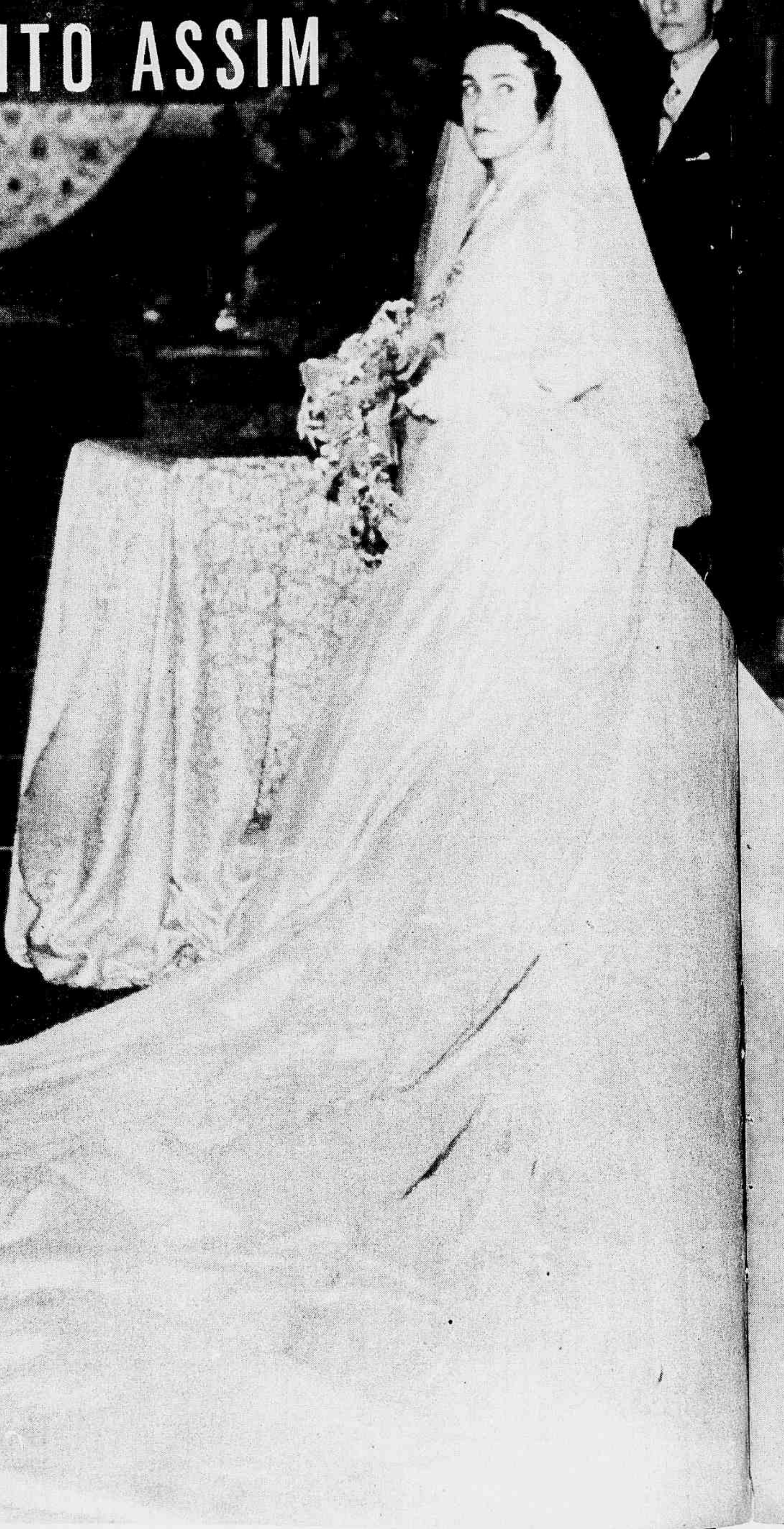
★ Feliz Natal, Feliz Ano Novo para as leitoras e leitores da «Revista da Semana». Desejo-lhes muita saúde, muita coragem; desejo-lhes liberdade para pensar, agir, coisas garantidas pela nossa Constituição; desejo-lhes um ambiente de paz para trabalhar e produzir, desejo-lhes trabalho e bom salário, dias claros, muito otimismo. Creio que assim desejando estou esperando não apenas melhores dias para meus compatriotas, mas também dias melhores para o Brasil.

Apertemo-nos as mãos, leitoras e leitores, pois é Natal.

Feliz Natal, Feliz Ano Novo para todos nós. Saúde, coragem, otimismo. Que melhores votos?

ENEIDA

**NO BRASIL, NUNCA HOUVE
UM CASAMENTO ASSIM**







D. CARLOS CARMELO abençoa o jovem casal durante a cerimônia. A Catedral estava toda enfeitada de hortênsias formando arcos entrelados, com palmas brancas. A chuva quase prejudicou ao maior casamento deste ano em São Paulo. Sob um grande guarda-chuva, a jovem noiva desce as escadas arrastando a grande cauda do vestido.



O COCHICHO — Aproveitando um momento de calma, Denyse diz algo ao príncipe que ouve atentamente. A irmã e o irmão do príncipe assistiram ao casamento tendo ao lado o senador Assis Chateaubriand. Apesar da chuva as opiniões são absolutamente iguais: foi o maior casamento já realizado no Brasil, em qualquer tempo.





Em frente ao altar da Catedral de São Paulo, Denyse e D. Carlos fazem a pose clássica. Note-se o vestido da jovem princesa, todo feito de cetim, coberto com rendas de bruges. A longa cauda foi a nota principal do vestido. Ao lado, os padrinhos.

JÓIAS RARAS E VESTIDOS VALIOSOS FORAM EXIBIDOS NA MAIOR REUNIÃO SOCIAL DE S. PAULO — A CHUVA MOLHOU O POVO QUE QUERIA VER DENYSE E D. CARLOS — A CATEDRAL SOLENE FICOU LOTADA DE CASACAS E «TOILETTES» — TRINETO DE PEDRO II CASOU-SE NO MESMO DIA EM QUE A PRINCESA LEOPOLDINA TERESA

Reportagem de AUGUSTO MATOS

Fotos de ORLANDO ALLI

◆ Imponente e colorido como devem ser os casamentos reais, aconteceu em São Paulo, no dia 15 último, o casamento da suave menina de olhos azuis Denyse Morse Pais de Almeida com o trineto de Pedro II, o príncipe e fazendeiro de café D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança. Considerado como o casamento do ano, uma vez que reuniu na capital paulista toda a sociedade do Rio e de São Paulo, bem como grande número dos descendentes da família real brasileira, o enlace foi um absoluto sucesso social, pois arrastou para a Catedral uma multidão de casacas e «toilettes» da última moda e a exibição do maior número de jóias já visto em São Paulo.

O PRÍNCIPE — D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, descende de D. Pedro II e é sobrinho bisneto de Isabel a Redentora, sendo sua bisavó a princesa dona Leopoldina Teresa Francisca Carolina Micaela Gabriela Rafaela Gon-

zaga. Em 15 de dezembro de 1864 (mesma data do casamento do jovem príncipe), casou-se a filha de Pedro II com o duque de Saxe-Coburgo, d. Luís Augusto Maria Eudes, nascido no Castelo d'Eu, filho do príncipe Augusto de Saxe-Coburgo Gotha e da princesa Clementina de Orleans, filha de Luís Felipe, rei de França. Dêse casamento vieram os Saxe-Coburgo e Bragança: O avô do noivo, d. Augusto, casou-se no seu exílio, por ordem do Imperador Francisco José com a arquiduquesa Carolina d'Austria. A mãe de d. Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança, princesa d. Teresa Cristina, nasceu dêse enlace. Essa casou-se com d. Carlos, o barão Lamoral de Tasso, pertencente a Casa dos Príncipes da Torre e Tasso.

A PRINCESA — A suave Denyse Morse Pais de Almeida é filha do atual presidente do Banco do Brasil, sr. Sebastião Pais de Almeida e de d. Diva Morse



Sorridente e feliz, o sr. Sebastião Pais de Almeida (levando o buquê de flores naturais) ajuda sua filha a subir as escadas da Catedral.



O ministro José Maria Alkmim e sra., seu filho Leonardo e o sr. Ovidio de Abreu ao entrarem na Catedral.



Armado de guarda-chuvas o povo compareceu em massa para assistir ao casamento do príncipe com a milionária.

NO BRASIL, NUNCA HOVE UM CASAMENTO...

Pais de Almeida. Seu avô paterno foi o ouvidor mor de Mariana (Minas-Gerais), Gregório Pais de Almeida. Denyse, agora, é uma princesa e o seu nome passou a ser Denyse Morse Pais de Almeida de Saxe-Coburgo e Bragança.

UM CASAMENTO DE LUXO — Entre alas de guardas da Fôrça Pública e de cordões de isolamento e diante de milhares de curiosos, que mesmo sob a chuva grossa persistiam em aguardar os noivos, desfilou a sociedade que aos poucos lotou a solene Catedral. Enquanto no altar, D. Carlos esperava pela noiva, o órgão de mil tubos tocava um concêrto, que só terminou, quando, precisamente às 18 horas, levada pelo braço de seu pai, o sr. Sebastião Pais de Almeida, Denyse, ainda adolescente e pequenina, subiu os degraus da Igreja para ir ao encontro do seu príncipe, encantado e verdadeiro.

O carrilhão marcava o **Angelus** e o órgão a **Marcha dos Guerreiros** de Mendelson. No altar, o Cardeal-Arcebispo D. Carmelo de Vasconcelos Mota aprestava-se para a cerimônia. Pompa e eloquência domina o ambiente. Ajoelhados no genefluxório, Denyse e D. Carlos oravam. Em volta, os padrinhos, senhor Vitor Morse e senhora Orminda Tormin de Almeida, os pais do noivo, princesa D. Teresa Cristina Maria Tasso de Saxe-Coburgo Bragança e o barão Lamoral Alexandre Tasso de Bordogna e Valnigra (padrinhos da noiva); sr. e sra. Sebastião Pais de Almeida e os príncipes Czartorysky (padrinhos do noivo), o senador Assis Chateaubriand (padrinho do civil), o irmão do noivo, príncipe Felipe Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, aluno do Colégio Naval, sua irmã, a princesa Maria Cristina e o sr. Manuel Inácio Cavalcanti de Albuquerque (padrinho do civil). Solene e demoradamente o Cardeal oficia o casamento enquanto centenas de flashes cortam o interior da Igreja. Fotógrafos e cinegrafistas se acumulam diante do altar, e a jovem Denyse, (reproduz uma cena de Grace Kelly) olhos faiscantes, parece dominada pela felicidade. D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em meio a cerimônia pede a Deus a bênção do casal e em seguida, numa breve oração, saudou-os. Finda a cerimônia religiosa, o casal sempre cercado pela sociedade, deixa a Catedral sob um grande guarda-chuva e os olhares do público plebeu, que, molhado, esperava, agora, a saída do jovem casal.

A RECEPÇÃO — Da Catedral na Praça da Sé, os novos se dirigiram para o Hotel Esplanada onde seria realizada uma grande recepção, para a qual foram contratados centenas de garçons. A confusão foi geral e os salões do tradicional hotel foram pequenos para conter os três mil convidados e os penetras. À porta do hotel, os curiosos se amontoaram atrapalhando o tráfego. A entrada torna-se difícil e vencendo as goteiras do toldo vão passando os convidados: ministro da Fazenda, sr. José Maria de Alkmim e sra.; sr. e sra. Valter Moreira Sales; sr. e sra. Tancredo Neves; srta. Gilda Sarmanho; sr. e sra. Hélio Muniz; sr. Harry Stone; sr. e sra. Horácio Klabin; sr. e sra. Marc Leitchic; deputado Horácio Lafer; sr. e sra. Joaquim Monteiro; sr. e sra. Nelson Coutinho; sr. e sra. Lucas Garcez; sr. e sra. Teodoro Martin Barbosa; vice-governador e sra. general Porfírio da Paz; sr. e sra. João de Souza Dantas; os condes Crespi; condes Matarazzo; sra. Odete Matarazzo; sr. Ermelino Matarazzo; e um sem número de outras personalidades do mundo social.

LUA DE MEL EM SANTOS — A estas horas, o jovem casal está passando a lua de mel em Santos, em um local retirado, enquanto aguarda o momento de embarcar para a França, onde vai em visita ao Castelo D'Eu. Por outro lado, ao terminar a lua de mel, os príncipes terão de se preocupar com as três salas do apartamento do casal Sebastião Pais de Almeida, que estão cheios de presentes, cada qual mais valioso, e que serão distribuídos pela residência dos casadinhos.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO NA CENTRAL DO BRASIL



O jornalista Anibal de Pinho, presidente do Comitê de Imprensa da Central do Brasil, se dirige ao dr. Jair de Oliveira em nome dos seus colegas.

♦ A imprensa homenageou ontem o engenheiro Jair Rego de Oliveira, com um almoço, levado a efeito no restaurante dos engenheiros da Central do Brasil e oferecido pelos jornalistas credenciados na Sala de Imprensa.

Os profissionais da pena, do rádio e da televisão, ao ensejo do término do ano, congregaram-se para distinguir um dos mais dedicados administradores das coisas públicas.

Associaram-se a essa manifestação de apreço, engenheiros do corpo administrativo da Central, numa demonstração eloqüente, de que dentro de uma harmonia administrativa, a nossa principal ferrovia progride e dá margem para que os censores da imprensa livre, tenham oportunidade de louvar um homem, pelos seus bons serviços.

Usou da palavra, em nome do Comitê de Imprensa, o seu presidente, Anibal de Pinho, que discorreu sobre a homenagem. Seguiu-se com a palavra, o engenheiro José Moacir de Andrade Sobrinho, que falou em nome dos engenheiros, enaltecendo a figura do homenageado e ressaltando a sua qualidade de homem acessível. Falou também o sr. Magalhães Castro, representante do Turismo da Prefeitura.

Agradeceu o homenageado, com palavras muito felizes.

A jornalista Nelly Van Putten, fez entrega de uma mensagem ao diretor da ferrovia, vasada nos seguintes termos:



O diretor da Central, engenheiro Jair Rego de Oliveira, agradece comovido a homenagem que lhe foi prestada pela imprensa e o corpo de engenheiros da importante ferrovia.

MENSAGEM DE AMIZADE DO COMITÊ DE IMPRENSA NA E.F.C.B. AO ENGENHEIRO JAIR REGO DE OLIVEIRA, DIRETOR DA E.F.C.B.

A Bancada de Imprensa da Estrada de Ferro Central do Brasil, ao ensejo do encerramento do ano de 1956, reunida num almoço de confraternização, vem agradecer pessoal e publicamente, ao Exmo. sr. dr. Jair Rego de Oliveira, operoso e dinâmico diretor da principal ferrovia do Brasil, as atenções de que tem sido alvo durante o último período administrativo.

Na verdade os profissionais da imprensa vêm merecendo o maior apreço por parte da direção da Central do Brasil, sempre fidalga em seu acolhimento, facilitando-lhes tôdas as fontes de informação e assegurando-lhes a mais completa liberdade de ação.

Por isso aproveitamos a oportunidade das festas de fim de ano, tradicionalmente destinadas à confraternização universal dos homens, para trazer, em nome da imprensa que representamos, ao ilustre Diretor da E.F.C.B., o manifesto de nossa simpatia e do nosso elevado apreço.

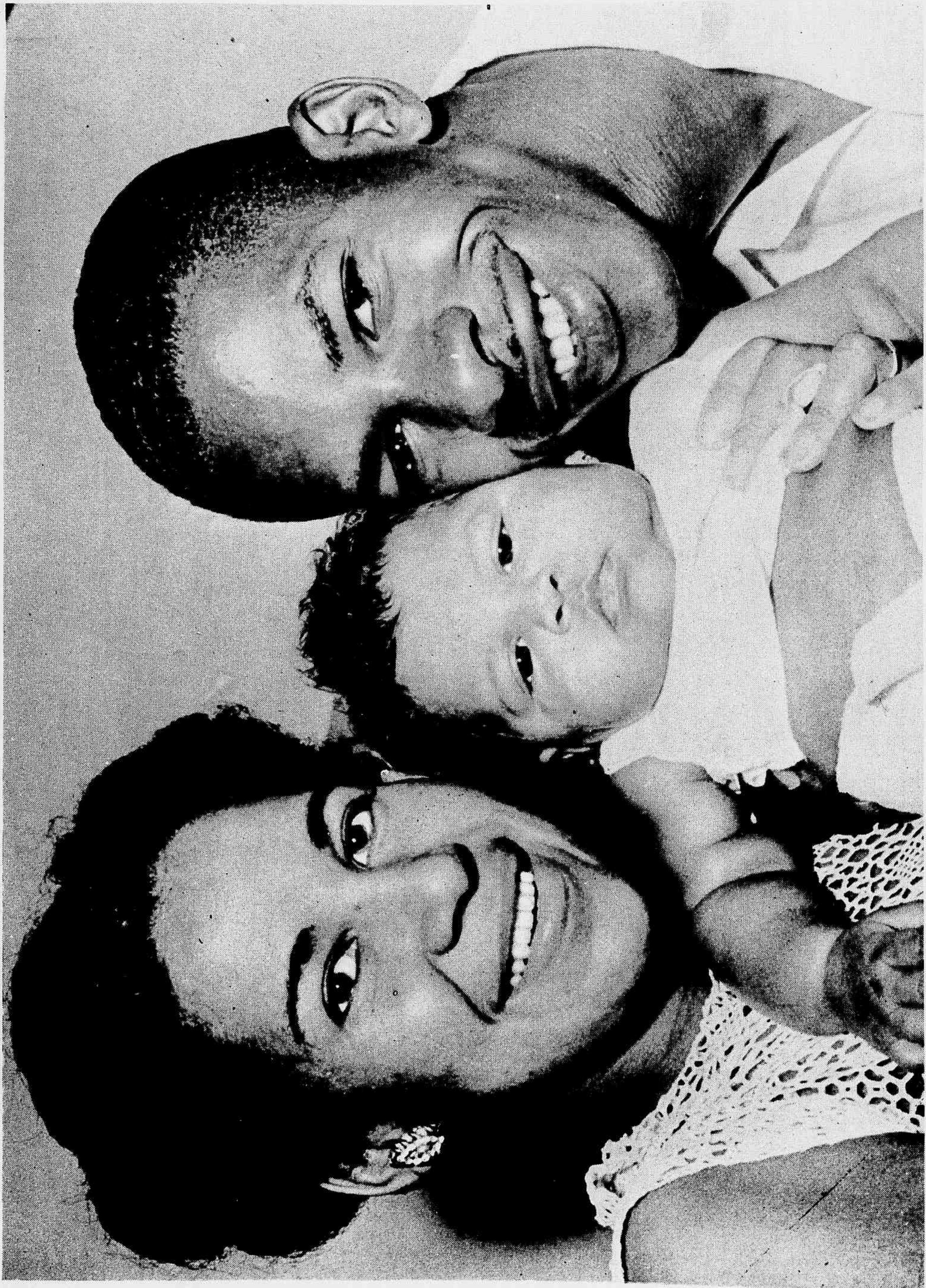
Estiveram presentes, além de grande número de repórteres, redatores, radialistas, os diretores de «O Mundo», jornalista Geraldo Rocha, Paulo Filho, do «Correio da Manhã», jornalista Cora Lopes, Chefe da Seção de Divulgação da Central do Brasil e outras autoridades.



O dr. Andrade Sobrinho, diretor do Departamento das Relações Públicas da Central do Brasil, faz uma calorosa saudação ao diretor Jair de Oliveira, em brilhante improviso.



Neste flagrante vê-se a jornalista Cora Lopes em palestra com colegas da imprensa, tendo à sua direita a aplaudida escritora Lásinha Luís Carlos.



ADEMAR NÃO PODE COMER SUAS MEDALHAS

EM SUA VIDA PRIVADA ADEMAR FERREIRA SALTA FEIO, PARA CONSEGUIR MANTER A FAMÍLIA DECENTEMENTE — O DINHEIRO É CURTO PARA CONTINUAR MANTENDO O SEU TÍTULO DE BICAMPEÃO — TRÊS EMPREGOS, PARA FUGIR ÀS CAMISAS POÍDAS, CALÇAS REMENDADAS E SAPATOS CMBETAS — COISAS QUE POUCOS SABEM, PRINCIPALMENTE O PRESIDENTE

Texto de SILVIA DONATO

◆ Alguém apresentou:

— Senhor Presidente, este é o NOSSO campeão!

O senhor Presidente levantou os olhos para o metro e noventa que estava na sua frente. Mirou o crioulo de alto a baixo. Abriu um sorriso e esticou a mão. Não houve abraços, a diferença de altura tirava a estética da coisa.

Depois o «NOSSO» campeão foi embora. Levava um diploma, uma faixa e uma medalha de ouro (seria?). Essas eram as coisas que a gente podia ver, ele as carregava ostensivamente. Muitos teriam um choque se pudessem dar uma voltinha pela mente do campeão. Ele ia amargurado, preocupado, pensando no futuro, inclusive no futuro daquela medalha de ouro (seria?). Se as finanças não melhorassem os troféus teriam que seguir o caminho do peñhor. Concluindo, não é vantagem ser campeão esportivo amador, principalmente no Brasil. E porque ???...

ADEMAR! ADEMAR! ADEMAR!

Centenas de pessoas (vascainos na sua maioria) aguardavam a chegada do NOSSO campeão Ademar Ferreira, no aeroporto do Galeão. O «Canguru» vestia dois casacões, apesar do calor. Vinha tristonho, mais calado que nunca. Nem os gritos Ademar... Ademar... Ademar, conseguiram arrancar um sorriso do campeão. Nessa reportagem acompanhava o rapaz. Só quando sua filhinha se aninhou em seus braços é que ele sorriu. Ao abraçar a esposa (mulher linda, de vivos olhos verdes) uma lágrima «bôba» desceu despercebida por sua face marcada. A reportagem continuou seguindo Ademar.

Já passavam das 14 horas quando a comitiva deixou a família Ferreira em São Cristóvão. Bandeiras do Brasil e Portugal (?) enfeitavam as janelas e portas. Ademar não viu nada. Depois de 80 horas de viagem, mais umas quatro de «homenagens», queria um banho e um feijão bem temperado. E nós continuamos esperando... e valeu a pena.

OS BRASILEIROS EM MELBOURNE

Com seu longo cigarro americano nos dedos, a filha no colo, Ademar começou sua conversa com o repórter:

— A equipe brasileira que seguiu para a Austrália, teve uma grande desvantagem sobre todos os outros disputantes. Apenas cinco dias para se aclimatarem. O frio estava apavorante. Muitos nem traziam agasalhos suficientes para enfrentá-lo. Falo pela turma do atletismo, pois com os outros pouco privei. De um modo geral a equipe deu o que podia. Se mais não fizeram, foi porque tiveram pela frente adversários como os americanos, russos e outros.

Deixando de lado o que é nosso, pois o que é nosso «deve» ser sempre bom, Ademar deu suas impressões sobre os «outros», os estrangeiros.

— Os australianos na prova de velocidade foram ótimos. Os americanos de 100 a 800 metros brilharam. Ainda os australianos deram um «show» em natação. Os europeus dominaram as provas de corridas de fundo, notadamente o russo Wladimir, ganhando bem os 5 e 10 mil metros. Os jogos foram bonitos e bem disputados. O povo australiano mereceu o espetáculo, pois trataram a todos com o máximo de carinho e bondade.

Uma pergunta que todo mundo fez ao campeão, foi saber qual a sua emoção ao dar o seu salto absoluto de 16,35. Nós não fugimos a regra.

— Uma coisa até engraçada acontece comigo nessas ocasiões. Digo engraçada para não dizer profunda. Fico esperando o grande momento, esperando... Quando ele vem, não sinto mais nada. Fim. Acaba tudo. As emoções todas deixam de existir. O acontecimento passa a ser uma coisa normal, passada.

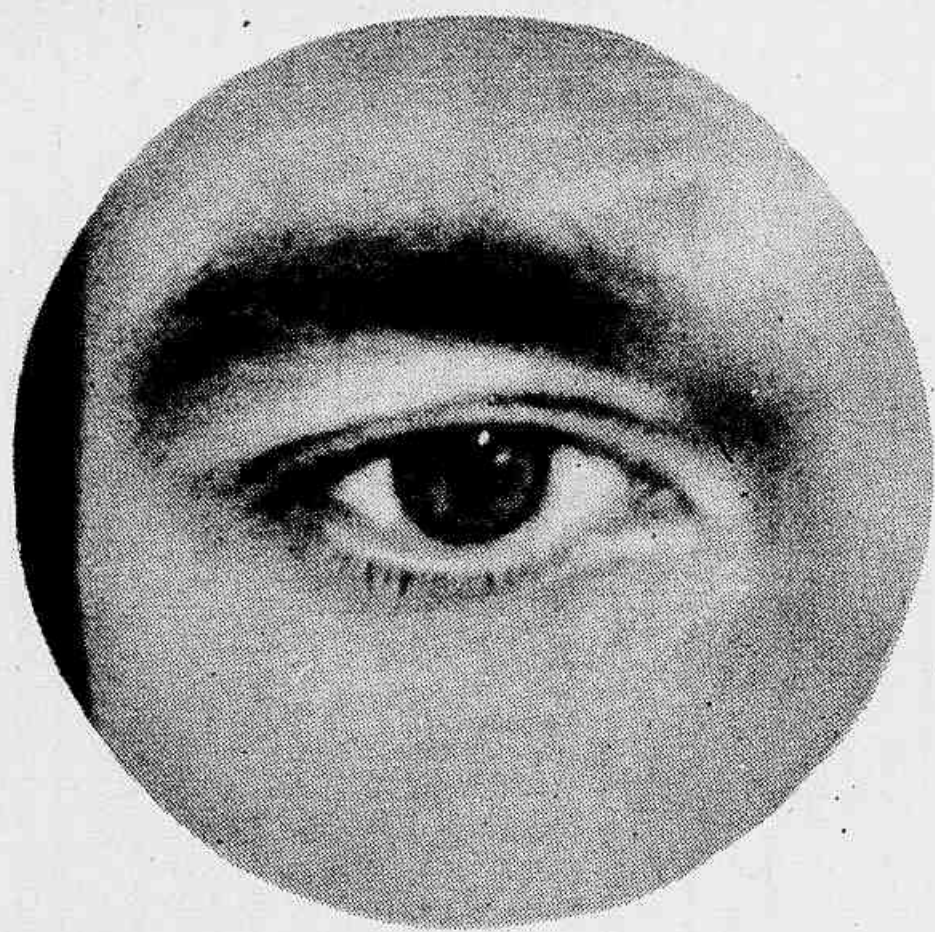
O CAMPEÃO IRA PARA A VENEZUELA

«Ninguém ignora que desde os romanos, o esporte é praticado com a finalidade de educar o corpo. As glórias não devem ir além de medalhas, prêmios sem valor financeiro. O esportista amador não deve ter ambições de dinheiro. Isso é muito bonito. É um ideal. Mas faço uma pergunta: pode esse ideal ser defendido com o mesmo ardor, quando temos um lar, família e filhos sob a nossa responsabilidade? Quando temos que enfrentar três empregos, para fazer um salário? Sim, eu sou o bicampeão. O bicampeão precisa ter roupas direitas, não pode andar com o colarinho poído, a calça remendada e o sapato cambeta. Isso não pode. Ele tem que viajar, tem necessidade de roupas apropriadas, mesmo porque, não é só o seu nome que está em jogo, o de sua terra também. Chego até a formular esta pergunta mentalmente: seria eu recebido pelo Presidente, se não pudesse me apresentar bem vestido? Certamente não. Talvez nem fosse por ele, mas sim por mim, eu teria vergonha de minha miséria. É muito gostoso dizer «o nosso campeão», mas acontece que nem só de glórias vive o homem. Preciso ter um emprego decente, com uma remuneração boa, se quiser continuar nos esportes. Só um bom emprego, possibilitaria a minha permanência no esporte amador. Talvez até eu pudesse ir à Roma em 1960. Note-se que a quase totalidade dos atletas estrangeiros, ou são estudantes ou militares. Os estudantes têm papai rico e os militares ganham bons salários».

Aqui Ademar parou de falar, voltou ao seu mutismo. Ele não é dessas expansões. Garantimos que o próprio Ademar estava espantado com a sua loquacidade. Insistimos em uma última pergunta: Caso sua situação financeira não fosse convenientemente resolvida aqui no Brasil, aceitaria o convite para viajar, na sua qualidade de técnico?

— Continuo firme no meu propósito de que se aqui não conseguir um emprego a altura, onde possa ganhar a vida como ela deve ser ganha, sem necessidade de pular mais que canguru, (isto no sentido figurado, porque Ademar adora pular) aqui no Brasil, aceitarei sem vacilações a oferta que me foi feita pela Venezuela. Então, adeus Campeão Brasileiro...

Ademar, sua esposa e a filhinha. O grande campeão tem que saltar mais que nas olimpíadas para manter decentemente a família.



O SEGREDO DO ÔLHO DE UMA ESTRELA



Mariane tem o olhar triste porque a linha das suas sobrancelhas é descendente. A pálpebra, muito pesada, cai sobre o olho de forma harmoniosa.



O ÔLHO É O RADAR DA BELEZA

Na verdade, o olho humano é um radar que registra os nossos mais insignificantes defeitos físicos. Veremos que os estetas o consideram como o «pivot» sobre o qual repousa toda a beleza feminina... A mulher que quiser agradar, deve ficar sabendo, desde logo, que quase todas as vezes que a olham, são seus olhos a parte do rosto mais visada. São claros? Bem tra-

tados? Sombreados? Os cílios são espessos? Ou compridos? Então, muitos dirão: «Ela tem olhos grandes e bonitos... Encantadores...» Mas os segredos dos belos olhos é perfeitamente passível de aprendizagem. Dêsse modo, Mariane, jovem «debutante» do cinema, resolveu seguir os conselhos de sua ilustre tia Arletty, e se iniciou nas sutilezas da maquiagem.

A BELEZA PARA OS SEUS OLHOS

★ EM CERTOS INSTITUTOS DE BELEZA dos Estados Unidos, as mulheres podem mudar a cor de seus olhos mediante a simples aplicação de algumas gotas de um colírio especial.

★ CERTAS VEDETTES, ao contrário, utilizam vidros de contato coloridos, espécie de películas que modificam a tonalidade do íris.

★ A REGRA GERAL prende-se à divisão dos olhos em dois grupos, quanto à cor. Olhos claros: azuis e castanhos. Olhos escuros: verdes, marrons e negros. Para os olhos claros, emprega-se uma verdadeira gama de disfarces arranjados sobre o castanho. Durante o dia coloca-se, por exemplo, uma camada de tinta azul-clara sobre as pálpebras, ao mesmo tempo que se deve alongar o olho com lápis cinzento. À noite, substitui-se o cosmético cinzento pelo azul-escuro.

Para os olhos escuros: Durante o dia, aplica-se um cosmético verde-cinza; cosmético castanho para os cílios e lápis preto para alongar o olho. À noite, o cosmético castanho deve ser substituído por um verde.

Para sombrear as pálpebras, nunca se deve espalhar o cosmético com um pincel; é mais conveniente fazer a aplicação com os dedos. O calor da pele facilita a ação do cosmético.

Tratamento dos cílios: Colocar a lâmina do espelho para cima, depois curvar-se sobre ela, o que permite dar aos cílios a curvatura desejada.

Há alguns anos passados, costumava-se depilar completamente as sobrancelhas e fazer em seu lugar um único e vigoroso traço a lápis. Mas, atualmente, age-se de maneira contrária: procura-se dar-lhe uma forma natural (ou que pelo menos pareça), em perfeita harmonia com as linhas gerais do rosto.

Para depilar as sobrancelhas, usa-se a pequena pinça tradicional ou se emprega a depilação elétrica, que destrói de uma vez por todas as raízes pilosas.

A fim de mudar a cor dos cílios e das sobrancelhas, recorra-se ao cabeleleiro. Este deve possuir uma tintura especial que, neste caso, deve ser aplicada também aos cabelos.

Se as sobrancelhas são deslustradas, deve-se escová-las todas as

manhãs com uma escova de dentes muito rija, embebida com uma mistura de vaselina líquida e água de rosa.

Evitar a queda dos cílios: aplique-se uma loção composta de 100 gramas de infusão de chá com uma grama de sulfato de quinina.

Cílios pouco densos: Empregar uma loção de três colheres de óleo de rícino e uma de rum.

Cílios unidos, aplastados: Lavar com água quente contendo «baborax» sódico em pó.

Pálpebras inchadas: Aplicar cataplasmas de tisana de tília, de sabugueiro ou de batata crua raspada. Beber suco de pepino (atenção: muitas vezes, as pálpebras inchadas indicam fadiga cardíaca).

Olhos fatigados: Aplicar sobre a nuca uma compressa de água quente, com algumas gotas de álcool canforado.

Olhos deslustrados: Empregar, alternativamente, sobre os olhos, compressas de água quente e fria. Excepcionalmente: uma gota de suco de laranja em cada olho.

Olhos vermelhos: Lavar diariamente com uma solução de sal marinho.

Para remover partículas dos olhos: Se o corpo estranho for metálico, deve-se removê-lo com um ímã. Se se tratar de um corpo corrosivo, banhar o olho com água açucarada.

O CARÁTER SE DEFINE PELOS OLHOS

★ QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA COR DOS OLHOS?

Olhos bem claros: fraqueza inata, doçura, timidez.

Azul-claro: sentimentalismo, indolência.

Azul-escuro: inclinação para a vida sedentária.

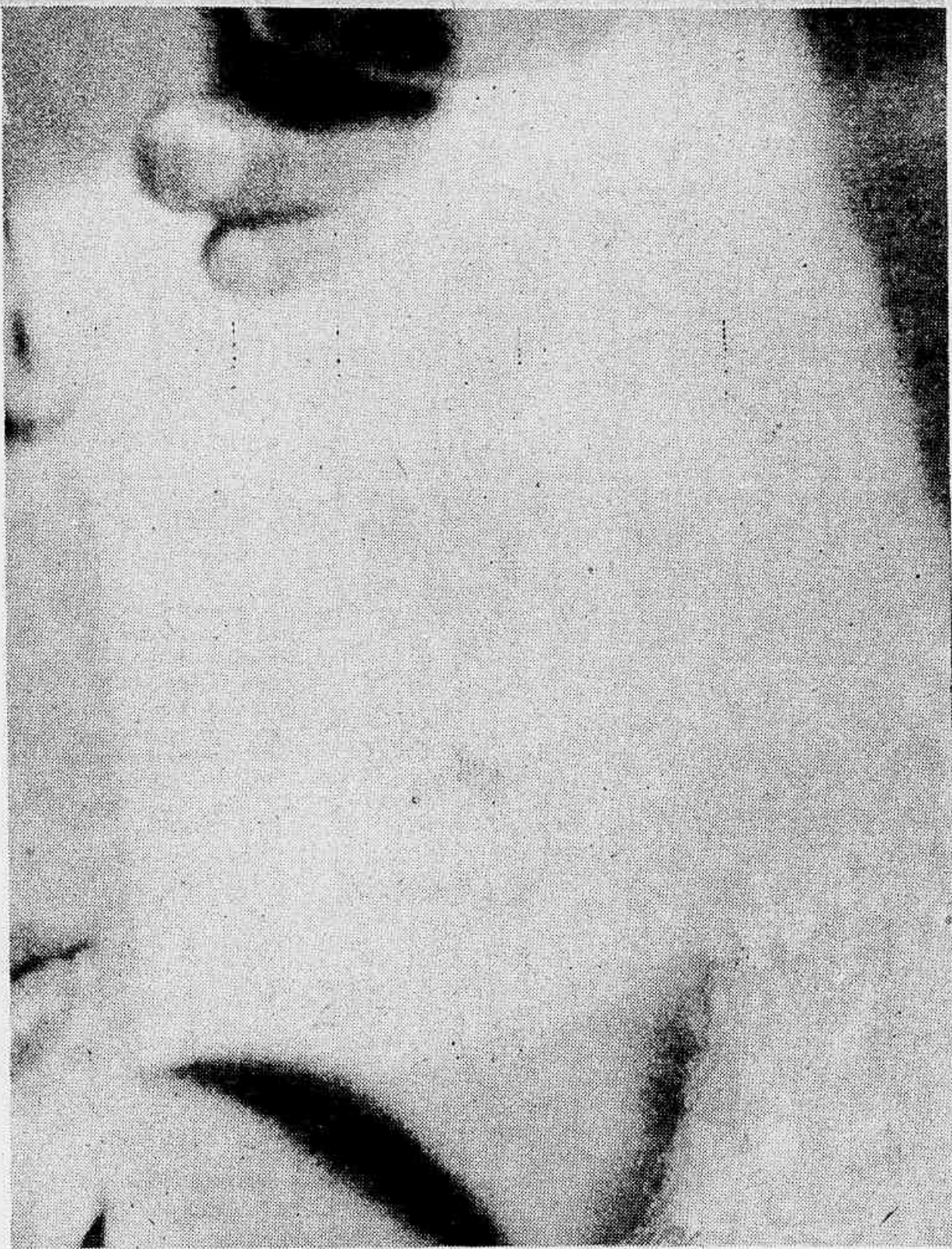
Marrom: revela uma constante necessidade de movimento.

Castanho esverdeado: Audácia e malevolência.

Castanho escuro: energia e atividade. Indica que a pessoa é altamente realizadora.

Verde-cinza: propensão para a misteriosidade e para o sonho.

Olhos negros: inteligência brilhante. Caráter vivo e arrebatado.



Um par de cílios artificiais é o grande segredo do olhar profundo das mulheres. Delgados, saindo da carnção natural, devem ser utilizados com maestria... As mulheres bonitas só se separam deles para dormir.

UMA MAQUILAGEM PERFEITA

A QUALIDADE DO OLHAR

Cálido e úmido: sinal de grande afetividade.

Frio: ausência de sensibilidade.

Olhar vivo: inclinação para o fácil arrebatamento.

Fugidio: tendência para a dissimulação.

AS DIMENSÕES DOS OLHOS

Olhos pequenos: revela predisposição para os negócios. Astuciosidade.

Grandes: indica que a pessoa é idealista, sonhadora. Tendência inata para a passividade.

A POSIÇÃO DOS OLHOS NO ROSTO

Olhos oblíquos relevados para fora: pessoas dinâmicas e alegres.

Oblíquos caídos para fora: pessoa triste e sujeita a freqüentes crises de melancolia.

Horizontais: equilíbrio perfeito.

A FORMA DA PUPILA

Pupila achatada: tendências místicas.

Verticalmente alongadas: muito comum nas pessoas maníacas.

A CURVATURA DOS CÍLIOS

Cílios longos e recurvados: Encanto. Natureza generosa.

Longos e retilíneos: Caráter enérgico.

VOCE TERÁ ALGUMA CHANCE NA VIDA?

Tome uma foto de seu rosto e meça, com um compasso, a distância que separa a pupila do canto da sua boca. Interessante notar que esta distância raramente é igual.

Se a distância do lado esquerdo for maior que a do lado direito, você terá muitas chances na vida; trate de aproveitá-las.

No caso em que a distância do lado esquerdo seja menor que a do lado direito, quando você quiser realizar algo, tome precauções. Pois os acontecimentos poderão tomar um sentido contrário a você.

TERÁ VOCE IMAGINAÇÃO?

Medir na fotografia a distância entre o centro do nariz e a pupila.

Se os seus olhos são muito separados do nariz: sinal de que você tem uma grande imaginação.

Em caso contrário: mostra que você é uma pessoa precisa. Siga profissões técnicas.

Se o seu olho direito é mais afastado do nariz que o esquerdo: revela que você tem uma acentuada tendência para as realizações científicas.

Se for o inverso: sua imaginação é puramente instintiva.

A combinação de todos esses elementos apresenta resultados bem mais interessantes. Senão vejamos:

O indivíduo que tem o olho direito mais afastado do nariz do que o esquerdo e, ao mesmo tempo, mais alto com relação à boca do que o olho esquerdo: **é o tipo do frustrado!**

E quando o indivíduo tem o olho direito menos afastado do nariz do que o olho esquerdo: trata-se de um tipo antipático. É certo que ele jamais obterá na vida posições que não sejam de responsabilidade limitada.



Fernand Aubry corrige a natureza para reencontrar a harmonia



A depilação se inicia. De tempos em tempos, Mariane arranca os indesejáveis pêlos nascentes.



Outra operação impressionante: o alongamento das sobrancelhas.



O retoque final: Os traços leves são responsáveis pela beleza do rosto.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

LEITURA DO ROMANCE DE FERNANDO SABINO, «O ENCONTRO MARCADO»

ERA em baixo do meu apartamento, na rua Almirante Gonçalves, que os personagens de Sabino se encontravam, no restaurante e bar Alcazar. Revejo-os, muito moços todos ainda, tangidos pela mais estranha boemia. Antonieta, Neusa, Gerlane e outras raparigas; se não me engano Gerlane usava uma boina branca. Aparecia, rápida, fugidia, em horas inesperadas. Ninguém sabia de onde vinha...

Li o romance de Sabino com uma atenção extrema e aprendi muita coisa, tive a explicação de muitas coisas... O **desajustamento** de Eduardo Marciano é característico dos homens de sua geração. Quase todos eles são sob certos aspectos parecidos. São mais moços do que eu, (que já passei dos cinquenta) uns quinze anos talvez, em média. Geração marcada por uma inadaptação à vida, pela desesperança, pela ambição de asas curtas, maior ainda do que sofreu a minha, também muito pouco interessante sob esse ponto de vista.

O livro de Fernando Sabino é uma espécie de "Educação Sentimental", com características e peculiaridades do nosso tempo. Para o meu gosto, que já é o gosto de um velho beletista, a roupagem literária, a forma como se dizia antigamente, deveria ser diversa, com recursos menos freqüentes a certas, digamos, brutalidades. Mas Sabino exprimiu-se como lhe pediu a própria maneira de sentir e ver as coisas. Sabino é um moderno, um *sér* para quem a própria tragédia que nos conta (pois trata-se de uma tragédia, de um romance em que o **mal** vence o **bem**, em que uma fatalidade conduz tudo e mergulha os personagens num mar de cinza) tem de ser concebida e marcada pela desintegração: o *sér* assistindo de fora ao seu próprio processo, sem intervir, por assim dizer, sem romper os liames e prisões, com os seus erros, as suas fraquezas.

O que mais me impressionou no "Encontro Marcado" foi a falta de qualquer frêmito, de qualquer interesse, de qualquer impulso construtivo, nos anos de preparação para a vida, de Eduardo Marciano e seus companheiros em Belo Horizonte. Adolescentes e jovens, entregam-se esses heróis à boemia, bebem, pregam sustos em seus semelhantes e em si mesmos. Sacodem a cidade pacata com **esbór-nias**. Não se conformam com a pacatez, a morna indefinição do ambiente provinciano. Necessitam expandir-se, agitar-se na sombra. São moços, tão moços que ainda não viveram sequer as experiências mais sérias, e já estão enopados de tédio. O que tange esses rapazes, esses estudantes, esses aprendizes de poetas, de romancistas, de ensaístas, é o medo da monotonia, a necessidade de coisas fortes. Que querem, que pretendem? Na verdade são os mais **lúcidos**, os mais **inteligentes**, os mais desamparados por isso mesmo de todos os nascidos na capital mineira. Para justificação e dignificação desses **solitários**, manda a verda-

de dizer que não visavam eles jamais as tristes recompensas do carreirismo, não pretenderam vencer na vida. Nasceram realmente isolados. Fora dos eixos, todos eles. Conheci muitos dos personagens de que nos fala Sabino, no seu romance. Alguns formaram o que Manuel Bandeira definiu "o lado cabaré do mundo comunista"; outros não conseguiram prender-se a coisa alguma, a nenhum partido. Tentaram a literatura, as artes plásticas, a música, mas não sei se conseguiram realizar-se nessas tentativas. Salvo uma ou outra exceção, creio que se perderam eles.

Não confundi-los, porém, com os cavadores, os felizes, os tranqüilos, inquietos apenas na agitação exterior...

TUDO o que aconteceu a Eduardo Marciano, a sua própria experiência com Antonieta é consequência da inadaptação, da inconformação com a vida...

Gostaria que o **Encontro Marcado**, fôsse percorrido por um sôpro de poesia maior, mais amplo, mais úmido de lágrimas, sinal de salvação à vista. Mas Sabino não pôde fazer diferente. O que prova ter sido fiel e autêntico. É por isso que reputo **Encontro Marcado** um livro de muita significação.

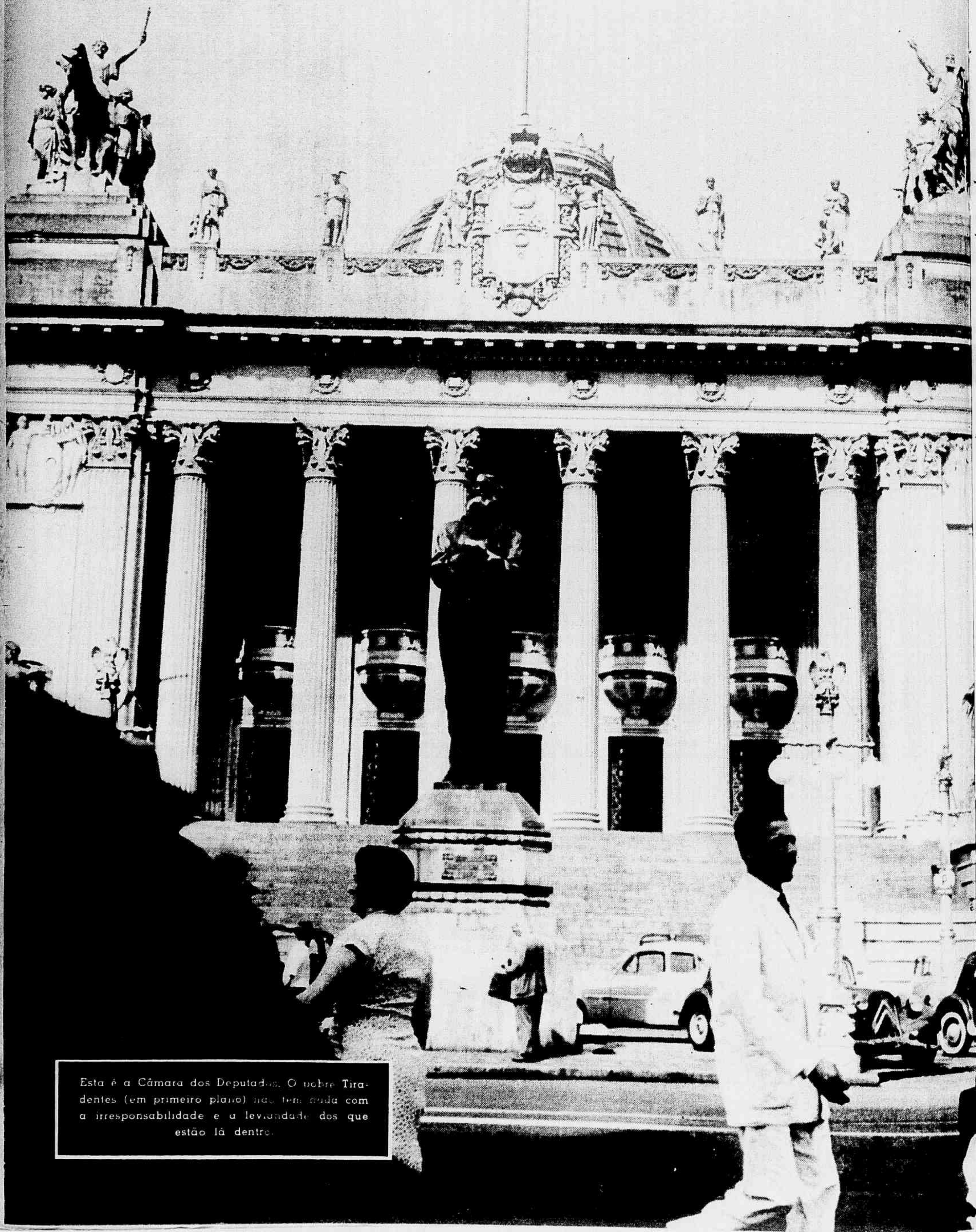
NA Academia Brasileira de Letras, vou assistir à posse de José Lins do Rego. Espanto-me de ver as espadas dos acadêmicos. Meu querido Alceu, que não vejo há tanto tempo, lá está de fardão também, os cabelos brancos, o rosto iluminado, porém, pelo sorriso inalteravelmente jovem. Manuel Bandeira, de casaca, surpreende-me pela atenta firmeza, nenhum sinal de cansaço. Os cabelos apenas começam a enbranquecer. Sou no fundo mais velho do que ele.

A execução de Ataulfo de Paiva sai cruelmente da boca de Zé Lins. Nenhuma injustiça no que ele diz, (a não ser a valorizante comparação de Ataulfo com Swann, personagem de Proust) mas a verdade é que o julgamento de um morto no local em que deveria ser elogiado pelo seu sucessor nos causa aflição e medo. Por que Zé Lins, que é um ser impulsivo mas de uma bondade à prova de fogo, praticou essa violência tão extrema, pergunto-me? Tive durante parte do discurso do autor de "Menino de Engenho", a impressão de que Ataulfo entraria de um momento para outro na sala, de espada à cinta, com o seu uniforme acadêmico, para desafrontar-se...

PEÇO a Deus que me conserve como sou, não aspirando coisa alguma, na República das Letras. Não querendo ser acadêmico, não desejando nada senão tocar em certas almas, ser lido por alguns seres... Esta é a minha ambição. Creio que me faltaria coragem de fardar-me, de arrastar a espada, embora seja obrigado a confessar que o querido Zé Lins ficou bem guapo e natural na sua aparatosa indumentária de imortal.



O poeta (grande poeta) é também industrial (grande industrial). Ei-lo em companhia do ministro Horácio Lafer visitando em São Paulo a nova fábrica para beneficiamento da mamona, que vai tornar o nylon uma coisa do passado.



Esta é a Câmara dos Deputados. O nobre Tira-
dentes (em primeiro plano) não tem nada com
a irresponsabilidade e a levandade dos que
estão lá dentro.

CONSUMOU-SE A IMORALIDADE

A CÂMARA VAI IMPORTAR CARROS (COM DÓLAR OFICIAL) PARA OS SEUS FELIZADOS COMPONENTES — REAÇÃO DO SENADO — MAS OS DEPUTADOS DISSERAM QUE ERA REPRESÁLIA DO SENADO E VOTARAM (SOB APLAUSOS) O PROJETO IMORAL — FALHARAM TOTALMENTE OS LÍDERES DA CÂMARA — NUMA CURIOSA JUSTIFICAÇÃO O SR. VIEIRA DE MELO VOTOU A FAVOR DO PROJETO IMORAL «PARA

SALVAR A DIGNIDADE DA CÂMARA» — O INQUALIFICÁVEL SR. PITOMBO — O DOCE E MEIGO FERRARI ESTÁ MAIS INTERESSADO EM SALVAR A PRÓPRIA LIDERANÇA DO QUE O DECORO DA CÂMARA — AURO MOURA ANDRADE, O INSINCERO — O DOUTOR PRADO KELLY CONTINUA ANDANDO DE TILBURY EM PLENA ERA DO AVIÃO A JATO.

Reportagem de HÉLIO FERNANDES

◆ Há mais de 4 meses que já se sabia que os deputados desejavam importar carro com dólar oficial. Conversaram secretamente com o Presidente Juscelino, mas não conseguiram nada. Tentaram também o ministro Alkmim, igualmente sem êxito. Mas as conversas entre eles prosseguiram, sendo os mais animados os srs. Arnaldo Cerdeira, Ari Pitombo e Divonsir Côrtes. E com êsses 3 nomes à frente, não é de admirar que a imoralidade se consumasse.

Quando pela primeira vez (timidamente) a notícia veio a público, os deputados desmentiram. Depois, quando o sr. Carlos Lacerda denunciou o fato, houve até alguns «representantes do povo» que se julgaram ofendidos. Agora já se sabe que tudo era verdade, e o que é pior, vinha sendo tratado em surdina, para que a opinião pública (pelos seus legítimos órgãos) não se escandalizasse. Consumada a imoralidade, os mais duramente atacados são os srs. Pitombo, Cerdeira e Divonsir. Mas achamos que a êsses 3 deputados (já conhecidos e fichados pelo povo de escândalos anteriores) não deve caber a responsabilidade maior da imoralidade. A principal culpa deve caber aos líderes dos partidos que não souberam liderar (por cumplicidade declarada ou omissão de culpa) e permitiram que a Câmara dos Deputados descesse tanto. A eles deve caber a responsabilidade dos erros, como se atribuem o pouco de bom que eventualmente realizam.

Agora, os deputados vão passar a trabalhar mais, a legislar melhor. Pois convenhamos que legislar a pé é humilhante e quase impossível.

De ônibus e lotação nem se discute, pois um deputado não pode se misturar «com a plebe vil e ignara das ruas». Tem que ser mesmo de «Cadillac» ou outro automóvel qualquer, desde que importado com dólar oficial. Consideramos legítima e indiscutível a decisão da Câmara dos Deputados. Afinal, querer obrigar um cidadão a salvar a pátria, diariamente, sem ao menos o benefício de um carrinho com dólar oficial, é mais que um absurdo: é uma humilhação. Os deputados fizeram bem. Glória a eles e seus «Cadillacs».

Falta agora uma providência final e que não pode tardar: revogar o princípio constitucional que declara «que todos são iguais perante a lei». Onde estavam com a cabeça os homens que fizeram a Constituição de 46, quando votaram êsse absurdo? Como querer igualar simples e desconhecidos cidadãos com os todo poderosos deputados? Como um ignorado sr. José ou João poderá ser igual em alguma coisa ao ilustre sr. Arnaldo Cerdeira? E o que poderá alegar um sr. Antônio (ou outro qualquer) para gozar dos mesmos direitos do imponente e insubstituível sr. Ari Pitombo? Êsse princípio ridículo precisa ser imediatamente liquidado. E tão urgente e inadiável é a destruição dêsse princípio de falsa igualdade entre os cidadãos, que dando mais um exemplo de desprendimento e amor à causa pública, os deputados poderiam convocar o Congresso extraordinariamente e corrigir essa anomalia. O dinheiro gasto com ajuda de custo e «jetons» seria bem aproveitado. E o povo compreenderia mais êsse gesto de sacrifício, de legisladores que tanto já fizeram pelo progresso e pelo desenvolvimento do país

FERNANDO FERRARI

♦ O líder do PTB representa na política, o mesmo que o sr. Osvaldo Teixeira na pintura e o sr. Pedro Calmon na literatura: inutilidades pomposas. O fato de ter chegado a líder aos 30 anos não lhe aumenta os méritos (como no caso de Epiácio Pessoa), e sim evidencia, que já tão moço ele pôde servir de fachada e de porta-voz a um grupo que com raríssimas exceções não tem idealismo, não tem espírito público, não tem rumos nem origens. O que interessa ao PTB, e ao sr. Ferrari como seu líder, é a intriguinha regional, o domínio das alas e sub-alas, a ostentação e a satisfação de vaidades mesquinhas e sem grandeza. Diga-se a bem da verdade, que o sr. Ferrari é mais virtuoso que o comum dos petebistas, o que afinal de contas não vem a ser grande coisa. Pomposo, pernóstico, grandiloquente, com um ar irritante de Catão em disponibilidade, o sr. Ferrari é um seguidor fiel da filosofia do sr. Getúlio Var-



CAMPOS VERGAL

♦ O líder do sr. Ademar de Barros vive sempre no ar, e por esse motivo deixamos de analisar sua atuação no caso dos automóveis e em outros casos. Reservamo-nos para quando baixar à terra e descarnar, como bom espírito que se julga ser. Mas podemos adiantar desde logo, e em abono da verdade, que o maior surpreendido com sua escolha para líder de alguma coisa (mesmo o PSP) foi o próprio sr. Vergal. E num assomo de pudor o sr. Vergal evita ao máximo de usar o apelido que os seus colegas de bancada lhe colocaram num momento de evidente bom humor. Diga-se também que a presença do sr. Vergal na Câmara é sempre muito útil. Nos momentos de grande confusão, quando os trabalhos estão tumultuosos pelo excessivo ardor dos srs. deputados, o sr. presidente tem sempre um remédio mágico para restabelecer a calma; dá a palavra ao sr. Cam-

VIEIRA DE MELO

♦ O líder da maioria, pertence a uma geração que já nasceu velha, ou melhor envelheceu prematuramente. Participando da crença de que em política todos os atos são legítimos desde que se alcance o poder, e sendo dotado de excelente quantidade de cinismo e falta de escrúpulo, não foi difícil ao sr. Vieira de Melo, alcançar o primeiro plano e a própria liderança da Câmara dos Deputados. Se pudéssemos analisar num laboratório, a personalidade do sr. Vieira de Melo, chegaríamos à conclusão de que ele tem 2% de Antônio Carlos, 2% de Pinheiro Machado, 2% de Manoel Vilaboim, 2% do general Glicério, 2% de Rui Barbosa; 30% de Barreto Pinto, 30% de Ari Pitombo e 30% de Arnaldo Cerdeira. O que (convenhamos) não é a composição ideal para um líder. Pela absoluta dissolução dos costumes políticos brasileiros, não precisa guardar no exercício da liderança nem uns restos de pudor ou de decência, e pôde fazer aquela extraordinária declaração de voto, no caso da importação de automóveis: «Voto a favor da importação de automóveis, para resguardar a dignidade da Câmara». Para iludir a opinião pública, o sr. Vieira de Melo considerou atingida a dignidade da Câmara por um ato rotineiro do Senado, que é constitucionalmente, órgão revisor das decisões da Câmara dos Deputados. O sr. Vieira de Melo ainda vai ser por muito tempo líder da maioria da Câmara. Pois o líder e a quase totalidade dos seus liderados, são vinho da mesma pipa, se identificam maravilhosamente. Mas se o Presidente Juscelino resolver governar realmente com o apoio do Legislativo, então pra começo de conversa terá que tomar uma providência: substituir o pouco austero e pouco coerente sr. Vieira de Melo.



gas: não rouba mas também não se importa com o roubo dos outros. Medalhão aos 30 anos, vai ser estátua aos 40, nome de rua aos 50 e provavelmente oráculo de uns poucos aos 60. Isso naturalmente se não ocorrer antes (como se espera) uma semana de arte moderna na política. Nesse caso, já reduzido às suas verdadeiras proporções, voltará para o Rio Grande, e se entregará às recordações de uma coisa que nunca foi: um líder partidário.



pos Vergal e o plenário se esvazia milagrosamente. Como se vê, monotonia e democracia fazem uma combinação maravilhosa no espírito do sr. Campos Vergal. E' deputado desde 1946. E parece que ainda o será por muito tempo. Pois sendo espírito, e com eleitores do mesmo credo, estaria aí, provavelmente, a explicação para a sua atuação invisível e absolutamente impalpável em 10 anos de atividade. E para as repetidas reeleições.

PRADO KELLY

♦ Por omissão, o sr. Kelly é também um dos responsáveis pelo escândalo dos automóveis importados com dólar oficial. Já é tempo aliás, de traçar com tintas mais fortes e indeléveis o retrato do tão endeusado sr. Prado Kelly. O que fez êle, o que construiu, que contribuição ofereceu ao bem-estar e à segurança da coletividade e ao funcionamento da democracia? Nada, é a resposta. Há muito tempo acompanhamos atentamente a atuação do dr. Prado Kelly. E chegamos à conclusão melancólica que êle é o Fernando Ferrari da UDN. Nas menores coisas se nota a fatuidade do sr. Prado Kelly. Da tribuna, diz coisas vulgares e sabidas e emite conceitos acacianos com a seriedade e a imponência de quem estivesse falando sobre graves razões de estado. Parece assim como o Bispo de Maura da democracia. E' um cavalheiro educado, não há dúvida nenhuma, e quando cumprimenta alguém parece que está falando no mínimo com o Rei da Inglaterra. Dá impressão de um homem que anda de tilbury em plena era do avião a jato. Como Nabuco, escreveu «O Estadista do Império» e Afonso Arinos «O Estadista da República», e não tendo tempo e paciência de esperar por um possível trabalho de seu filho, gostaria de escrever sobre



si mesmo, «o estadista do Brigadeiro». Pois sua grande obra final se resume a isso: ter sido em determinada época o cérebro e o porta-voz do brigadeiro Eduardo Gomes. O que explica, inclusive, os reiterados e repetidos fracassos do líder da eterna vigilância. Tão antiquado e tão ultrapassado é o sr. Prado Kelly que se o leitor passar às 6 horas da tarde pela porta da Câmara, e encontrar 4 negros fortes e bronzeados, carregando uma liteira toda branca, não se surpreendam: é o doutor Prado Kelly que volta para casa.



ARNALDO CERDEIRA

♦ O ex-líder do PSP (seria preciso dizer que o sr. Cerdeira é do PSP?) foi o autor do projeto permitindo aos deputados a importação de automóveis de favor. Mas descuidou-se e perdeu para o sr. Pitombo a corrida pela imoralidade. E se hoje o sr. Pitombo pode dizer com orgulho que o projeto escandaloso é seu, cronologicamente a glória cabe ao sr. Cerdeira. E fica-lhe bem, diga-se. E tem até mais «back-ground», pois as suas imoralidades se situam sempre num plano mais ambicioso e amplo que as do sr. Pitombo. E a diferença de fortuna de ambos explica sobejamente essa diversidade de ambições. Em todos os escândalos recentemente revelados na Câmara, o sr. Cerdeira esteve presente. Fez há pouco tempo o discurso mais humorístico do ano, falando sobre «suas origens idealísticas, seu desprendimento em várias oportunidades, e a fortuna que gastou ajudando a revolução Constitucionalista de 1932». Tem o aspecto agressivo do sujeito enriquecido rápida e desonestamente, fuma charutos caríssimos, um atrás do outro, e sua participação nesse caso dos automóveis, teve apenas o objetivo de desafiá-la a opinião pública: s. excelência tem 3 automóveis, e teria 30 se o quisesse. Pois a fortuna que acumulou honrada e laboriosamente (Deus me perdoe!) permitiria essa e outras extravagâncias.

AURO MOURA ANDRADE

♦ Sendo um ator nato, o senador paulista estaria melhor no TBC do que no Senado da República. Mediocre, sem inteligência, sem cultura, tem apenas uma certa vivacidade e a facilidade de chorar por qualquer coisa. Seus discursos são conduzidos sempre para o lado do patético, e gosta muito de falar sobre a própria honestidade. Mas hoje, depois da vulgarização das experiências de Freud, isso já não engana mais ninguém. Fez dois discursos «comoventes» sobre a importação de automóveis. Condenou-a com «veemência». Mas esqueceu que quando a Câmara votou a mesma facilidade para os congressistas (no tempo do falecido Rui de Almeida) se aproveitou gostosamente da medida. Dizem em S. Paulo que o sr. Moura de Andrade gastou 6 mil contos para vir para o Senado. Mas provavelmente esses cálculos são muito modestos. Felizmente, seu mandato termina em 1958, e nunca mais será reeleito. Nem que gaste toda a fortuna paterna, que atinge cifras assombrosas.



ARI PITOMBO

♦ E' difícil traçar um perfil do sr. Pitombo, pois é quase impossível escrever sobre o que não existe. O deputado de Alagoas ilustra magnificamente a tese de alguns de que o nome tem influência no desenvolvimento físico das pessoas, pois nunca se viu um pitombo mais perfeito. Êle é pitombo ao primeiro olhar, pitombo da cabeça aos pés, pitombo no modo de vestir e de falar. Eleito pelas sobras do jogo do bicho, o sr. Pitombo já deu por cumprida a sua missão só com o caso escandaloso dos automóveis. Já mais fez um discurso, pois sua autonomia de voto não dá para tanto. O máximo que lhe permite a curta inteligência, são alguns apartes esparsos e isolados, que êle dá com os olhos voltados para a bancada de imprensa e para o microfone da Rádio Globo. Mas justiça seja feita: pensa com mais rapidez que os srs. João Fico e Pereira da Silva. Com a nova lei, o sr. Ari Pitombo vai poder importar um «Cadillac». Mas se a importação se fizesse, não por favoritismo, mas de acordo com a capacidade de cada um, ao sr. Ari Pitombo caberia um carrinho de mão. Veículo que êle poderia usar tranquilamente, sem que ninguém se surpreendesse.



UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES



«E desde aquele dia que senti verdadeira ogeriza a essa coisa de coroa.»

JULIE JOY E UMA COROA QUE CHEGOU A PINTAR

◆ Está ali, no mesmo lugar a Farmácia Silva Araújo. Pois bem, aquele Silva Araújo que ali está é sobrenome pertencente a essa moça bonita, de olho de água-marinha, figura agitada e rápida que carrega boa dose de arte dentro da alma. Na carteira de identidade ela aparece com o nome de Beatriz Silva Araújo, nome realmente mais para laboratório, farmácia ou drogaria e nunca para uma artista que tinha vontade de vencer. E foi o que fez Beatriz: matou a própria Beatriz e surgiu diante do público com este nome pelo qual é chamada até então: Julie Joy. Da farmácia não sabe contar muito, sabe talvez que do seu avô passou para o seu pai e de seu pai para mãos que não são de seu sangue. Nunca também procurou saber muito uma vez que estava com os olhos voltados para o rádio.

NASCEU NA GUANABARA

Era uma menina ainda e tinha — por conta de seus poucos anos —, esse ímpeto, esse arrebato tão comuns de quem é jovem. Tendo frequentado as aulas do Colégio Brasileiro de São Cristóvão, ali aprendeu esse inglês bonito que hoje fala e canta e dali saiu direta para o microfone da Guanabara, isso naquele maldito ano de 1945. Jorge Matos era o dono da casa. Sérgio Vasconcelos seu diretor. Época em que aquela emissora tomava um rumo bom e de quando em vez recebia transfusão artística da Nacional, Julie Joy foi logo notada. Moça bonita, cantando bonito e saindo dessa coisa de mau gosto que ainge todas as novatas que é enfiar faixa, ter fã clube e tirar retrato de boca aberta, fingindo que está cozinhando ou aprontando uma gravação. Julie Joy queria cantar sem desafinar. Isso era tudo. E fez assim. Por aquele tempo surgiu o concurso para a Rainha do Rádio e uma rainha sendo bela, na certa reina melhor — Julie foi apontada para receber a coroa em cima dos seus cabelos louros. Tudo indicava que era certa a sua eleição quando qualquer coisa de anormal surgiu: Raul Guastini — o irrequeto conde De Guastini — vinha com os bolsos cheios de dinheiro da Antártica e comprou a coroa para Marlene. Julie Joy foi princesa, achou besta a festa e começou a desconfiar do próprio rádio. Um dia, políticos de boas granas compraram a Guanabara e onde se fazia política não se fazia arte: Julie sobrou todinha e foi para a Nacional.

1949

Era esse o ano. A moça cantora é também locutora comercial. Sabe bem que é proibido fumar dentro dos estúdios, mas burla a lei e fuma escondido. O contra-regra acha que deve chamá-la a atenção. Ela revida, forma o «sururu» enfiando o seu boné na cabeça e sai daquela emissora. Durante seis anos não quis mais saber de microfone mal sabendo que microfone é microfone que rádio é cachaça pura. Nem sabe bem como resolveu voltar. Sabe que está outra vez na Nacional e constando na lista das mais disciplinadas e eficientes cantoras daquele «cast». De quando em vez lembra do começo e é com saudade que repete as loucuras que tanto fez, sabendo bem que elas vieram da força de sua meninice. Quem quiser ouvir uma voz bonita, basta ouvir Julie Joy, a que não teve nem vai querer ter nunca uma coroa na cabeça. E por que não? Ela explica bem: «para não acontecer comigo o que aconteceu com Geni Martins que na hora de ser coroada não teve coroa porque dona Angela Maria a tinha esquecido em casa e quando foram ver a coroa estava enferrujada». Deixe isso prá lá.

VALE A PENA LER DE NOVO

«Buraco da Fechadura» (Revista do Rádio, 15-12-56) Corrêa de Araújo:

- ★ Quando viaja prefere o navio.
- ★ Detesta viajar de avião.
- ★ Tem pavor a andar a pé.
- ★ Usa um pequeno relógio de ouro no braço direito.

★ Coleciona lápis, flâmulas e bandas de brincos.

«Cauby conta a sua vida na América» (Revista do Rádio, 15-12-56).

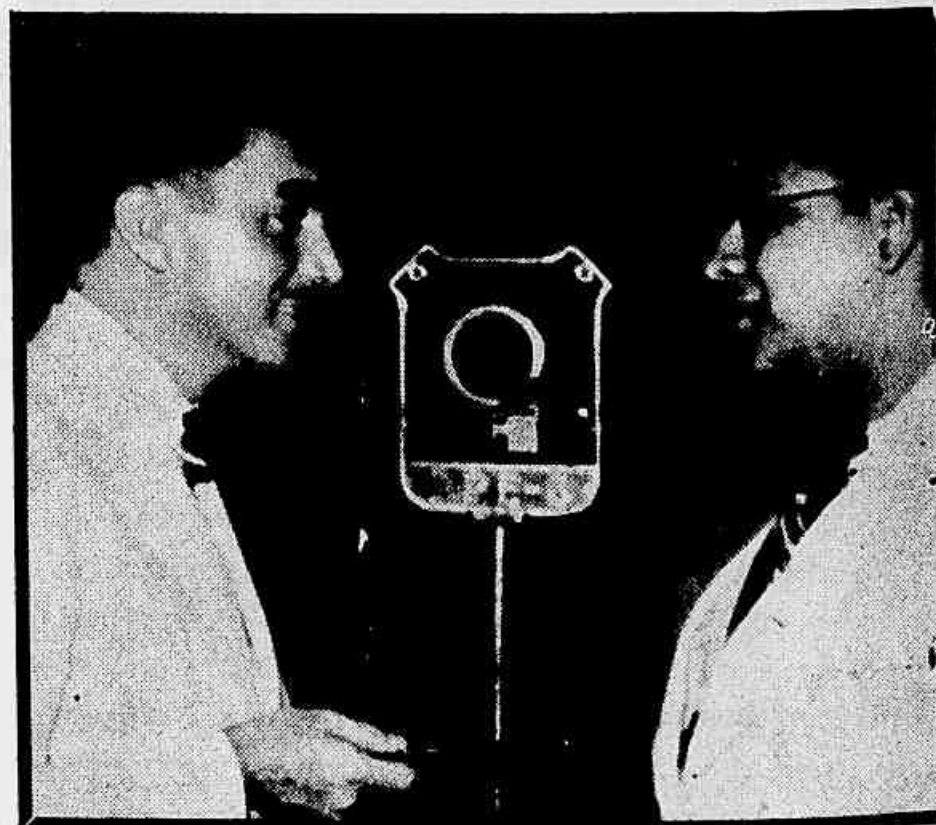
«Curioso é que as moças daqui não conhecem aquele nosso costume brasileiríssimo das faixas. Quem sabe se eu não vou inaugurar aqui essa moda?»

CRÔNICA

Papai Noel, esse conhecidíssimo

◆ Não deu jeito para mentir quando a menina perguntou quantos «papai noel existiam na cidade e se o do Sears era o mesmo que descerá de helicóptero. Mandam as leis de psicologia infantil que não se deve mentir à criança. E é certo. Eu de mim — quando criança que já vai longe — tenho uma vaga idéia de Papai Noel como figura. Não havia naquele tempo o luxo de exibi-lo, não era publicidade para nenhum prefeito e assim fui passando a minha meninice sem olhar ninguém de barbas de algodão e voz fingida. Bastou a primeira ponta de rua mostrar o homem vivo para a outra inaugurar mais um e num instante as coisas cresceram a tal ponto que muitas vezes uma criança se encontra com cinco «papis» ao mesmo tempo. Dia houve em que um deles para cortar o frio desse dezembro de quando em vez ia molhar a guela na tendinha da esquina e distribuía seu bafo de pitu à criançada inocente. A televisão fez de Armando Nascimento o papai Noel de voz mais conhecida, para não se perder em detalhes nem tomar conhecimento do que possa acontecer na cabeça de um menino. E fica essa orgia de barbudos manjados que não convencem e que vão fazer de cada um dos garotos um descrente, desconfiado, a quem não se pode entregar a deliciosa mentira da lenda e da fantasia, porque meia dúzia de loucos resolveu acabar com essa coisa côr de rosa que é o sonho e aplicá-la à publicidade de seus remédios contra calos. E vai daí que neste momento já a criança não crê em Papai Noel, desconfia da cegonha, cresce adulta e morre descrente e é bem capaz de amanhã já discutir sobre o parto sem dor. E quem são os culpados? Esse punhado de malucos que anda aí pela rua, malucos que na falta do que fazer enfiam barbas brancas de algodão ordinário e vão fingir bonzinho, com voz boazinha, mentindo que são Papai Noel. Eu por mim ainda vejo o que era dos meus sonhos: um velho bom e vermelhão, que andava de trenó e me trazia brinquedos. Da sua voz não tenho lembrança, mas sei bem que não era nenhuma voz de camelo nem de nenhum artista de rádio ou televisão.

DO VELHO À



EM MATÉRIA DE DISCOS

◆ POEMAS & CRÔNICAS

Discos «Festa» de Irineu Garcia e Carlos Ribeiro lançam na praça «Poemas de Natal» com os chamados «Jograis de São Paulo» (Rubens de Falco, Armando Bogus Carlos Vergueiro e Ruy Affonso). No disco: «A Natividade» do Evangelho segundo São Lucas, «Soneto de Natal» de Machado de Assis, «Papai Noel às Avessas» de Carlos Drumond de Andrade, «Natal» de Rubem Braga, «Poema de Natal» de Vinícius de Moraes, o «Conto dos Brinquedos» de Guilherme de Almeida, «A Voz dos Sinos» de Vicente de Carvalho, «Versos de Natal» de Manuel Bandeira e «Prece de Natal» de Ruy Barbosa. Da mesma fábrica «Antologia Falada do Conto Brasileiro» interpretada por Luiz Jatobá e Paulo Autran com «A Missa do Galo» de Machado de Assis, «O Plebiscito» de Artur Azevedo, «Caçar com Velas» de J. Simões Lopes Neto e «Gaetaninho» de Antonio de Alcântara Machado.

◆ NACIONAIS

A «Odeon» nos entrega um L. P. que precisa ser tomado em conta como o mais importante lançado na praça: «De Norte a Sul» com o Conjunto Farroupilha (melhor do ano). Nas duas faces reunidas as melodias brasileiras: «Chimarrita», «Tristezas do Jeca», «Favela», «Festa de Rua», «É de Tororó», «Vento Terrá», «Boi Bumbá», e «Piazzito Carretero».

◆ INTERNACIONAIS

Próximos lançamentos da «Capitol em L. P.» sob o título «CLASSICS IN JAZZ»: Billy Butterfield, Benny Carter, Dizzy Gillespie, Bobby Sherwood, Maynard Ferguson e Red Nichols.

Da trilha sonora de «The King And I» tem aquela marca também: «Abençoado Natal», com The Canterbury Choir. O organista é Ernesto White.

BUM DO RÁDIO

★ 1939 — O jovem de branco a esquerda estava chegando de São Paulo e assumia a direção artística da Nacional. Com ele vinha também Nuno Roland. Até o dia presente está naquela emissora. Ele é Celso Guimarães uma das figuras mais queridas e mais disciplinadas do nosso rádio. Homem sem inimigos, um profissional da melhor qualidade. A fotografia é daqueles dias. Celso entrevistava um estudante de medicina Guanabara Filho.

QUATRO FOTOS SÃO NOTÍCIAS



TRIO IRAKITAN — Esses três riograndenses do norte já conhecem mundos. Agora mesmo estão de malas arrumadas para passar fronteiras. João, Ed e Gilvan aqui estão e sabem fazer sucesso na Nacional e na Fábrica Odeon. Agora mesmo nos entrega um disco da melhor qualidade, aquele «Rosa de Maio», uma das maravilhas deixadas por Custódio Mesquita e Evaldo Ruy.



ROSINA PAGA — Ainda outro dia essa moça bonita estava em Paris. Também tem visto terras e terras. Anos e anos viveu no México — seu quartel general — fazendo a América — quando em vez. Se os leitores já tiveram oportunidade de ouvir o L.P. «A Dama e o Vagabundo», ouviram Rosina cantando e falando ao lado de Aloísio de Oliveira. Ela lançará dentro em breve um L.P. na «Rádio».



CIDÁLIA MEIRELES — Eram as Irmãs Meireles, as três lindas portuguesinhas que vieram ver o Rio trazendo como bagagem muita arte e bom gosto. Daqui não mais saíram e foi o amor que as separou artisticamente. O tempo passou e aos poucos elas foram voltando ao microfone empurradas pela saudade. E aqui está Cidália, cantando cada vez mais de forma bonita e personalíssima.



DORIVAL CAYMMI — É o homem que no momento está com a bola branca. Não há um canto desta cidade que fique sem ouvir pelo menos um assovio da sua Maracangalha». O nome dêste seu grande sucesso — talvez um dos maiores — vai servir para batizar o seu sítio, ali na baixada fluminense onde ele pretende gastar suas horas melhores e quem sabe comendo mais e mais.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 895 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3160



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZASO - EB-3

FALANDO AO LEITOR

O sr. Augusto Ribeiro, Distrito Federal, pergunta se o Presidente Juscelino pode vetar a importação de automóveis pelos deputados. Pode, evidentemente. O Presidente pode vetar qualquer projeto, total ou parcialmente. Por 2/3 o Congresso (reunido em conjunto) manterá ou não esse veto. Mas temos a impressão que o Presidente Juscelino não vai vetar nem sancionar esse projeto.

A reportagem sobre as 10 mulheres mais bonitas do Brasil será publicada no próximo número. Os «ektacromes» de Yllen Kerr estão realmente bonitos.

Estamos estudando a questão das bases americanas no Brasil e dos projéteis teleguiados, e então diremos aos leitores o que há de verdade sobre o assunto. Mas em princípio podemos informar que se cogita apenas da prorrogação de um acordo que já existe. É o que podemos dizer, no momento, ao sr. Raimundo Santos, do Estado do Paraná.

Agradecemos aos que nos estão enviando cartões e votos de boas festas. Na impossibilidade de citar nominalmente quantos nos distinguem com sua amizade, enviamos votos de feliz natal e boas festas a todos os leitores da «Revista da Semana» e aos brasileiros em geral.

O sr. Juvêncio Corrêa, do Distrito Federal, quer saber se somos contra o Vasco. Nem era preciso perguntar, sr. Juvêncio. Somos até ligados por laços intimíssimos de amizade ao pessoal do Vasco da Gama. Mas essa amizade não interfere de maneira alguma com a nossa convicção: é preciso uma reforma geral no esporte carioca. Da maneira que vai, não é preciso muito esforço técnico. Basta uma boa e ativa «comissão de compras» e o campeonato estará garantido. Essa é que é a verdade, doa a quem doer.

Não é verdade, dr. Ronaldo Moreira da Fonseca. A «Revista da Semana» (como os órgãos jornalísticos de todo o mundo) aceita publicidade, venha ela de onde vier. Ressalvada, é claro, a idoneidade do anunciante. Mas a publicidade não interfere com a matéria redacional e nem modifica um milímetro a nossa posição em qualquer terreno. Uma pergunta inocente: o sr. é do Partido Comunista? A sua carta está muito na linha e na técnica do «partido».

Por questões técnicas não saiu no número passado a colaboração semanal (preciosa) de Ely Azeredo. Mas já neste número Ely está a postos. Perdão pela ausência no número passado.

Resposta ao sr. Paulo Camargo, do Distrito Federal. O maior repórter brasileiro ainda é Joel Silveira. Mas como Joel vai sendo absorvido por outras atividades (crônica diária, direção de «O Semanário», cargo de chefia no Ministério do Trabalho, e trabalhos literários) quase não tem mais tempo de se dedicar ao gênero que o tornou famoso. Dentro em pouco o título de o maior repórter brasileiro caberá a Luciano Carneiro, que será um digno sucessor de Joel. Aliás, estamos preparando uma reportagem sobre os maiores repórteres brasileiros. Gratos pelas referências.

Concordamos inteiramente, sr. Caio Estêves de Miranda. O livro de José Mauro, «Café Society Confidencial», foi um «bluff» sensacional. O autor, que evidentemente conhece o assunto, não quis se aprofundar. Ficou pela rama, usou mais a maldade do que a malícia, e citou todo mundo indiscriminadamente. Escreveu com os olhos na bilheteria. José Mauro jogou fora um bom assunto. Escrevendo para agradar a todo mundo, provocou tremenda decepção. E condenou irremediavelmente ao fracasso o outro livro que já anuncia, «Política Confidencial».



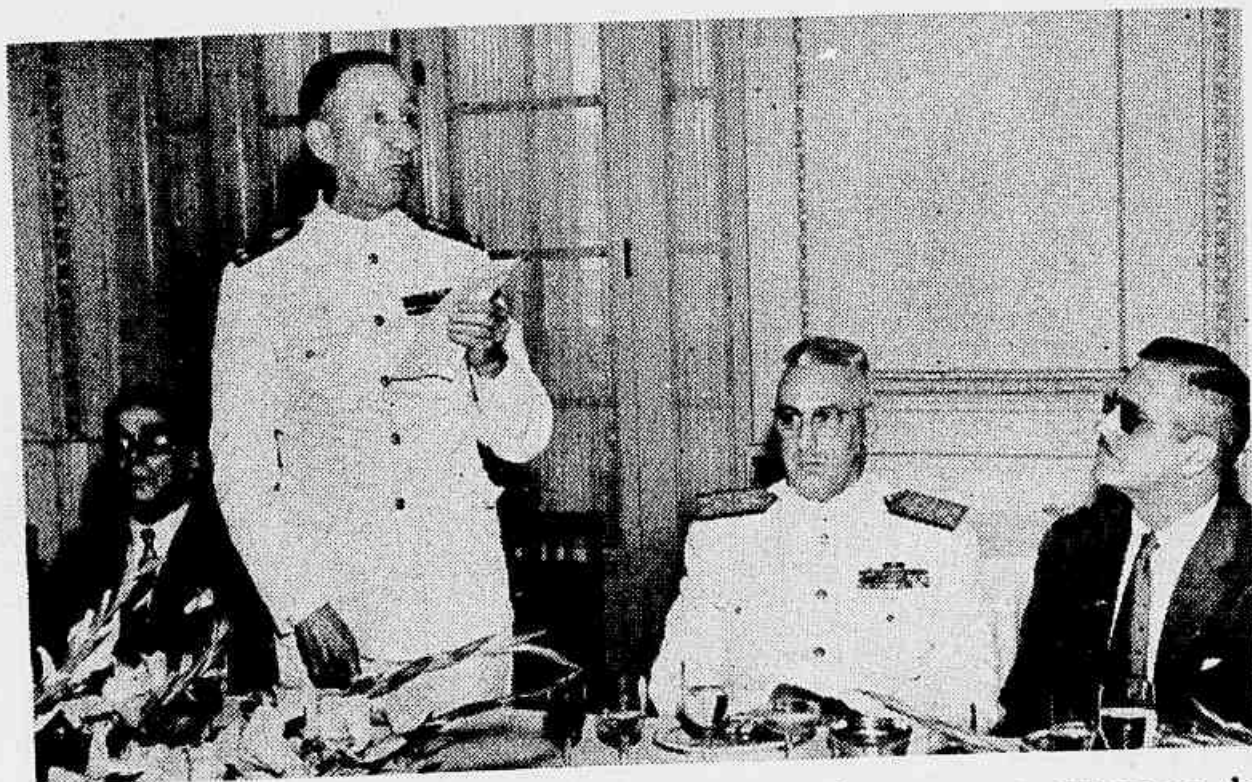
O ministro da Marinha na Tribuna de Honra do Hipódromo da Gávea em companhia de ilustres damas da sociedade, entre estas as senhoras Mário de Azevedo Ribeiro, ministro Alves Câmara e ministro Emilio Barron.

A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB À MARINHA DE GUERRA

O Jockey Club Brasileiro homenageou, no segundo domingo do mês, a Marinha Nacional. O programa de corridas reverenciou os nomes dos seus grandes vultos. Antes da parte esportiva, realizou-se, no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea, lauto almoço, oferecido pela diretoria ao ministro da Marinha e almirantes com função de comando nesta capital. Além dos homenageados, participaram do ágape o ministro da Marinha da República do Peru, almirante Don Emilio Barron e membros da sua ilustre comitiva e o senador Daniel Krieger. Ao champagne, o Dr. Mario de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, produziu brilhante oração, em que disse das finalidades da sociedade que, embora sendo de desenvolver e estimular a criação do cavalo puro-sangue de corrida no vasto território nacional, têm como norma o culto às instituições nacionais. Exaltou as glórias da nossa Armada, agradeceu a honrosa presença dos ilustres homenageados, destacando a participação, no ágape, do almirante Emilio Barron, e em seu nome, da diretoria e do quadro social fez votos pela felicidade pessoal do ministro Alves Câmara e seus dedicados companheiros e pela grandeza da nossa Pátria. Coube ao almirante Américo Mascarenhas agradecer em nome do ministro da Marinha, fazendo-o com grande eloquência. Depois de dizer que a segurança de uma nação repousa nas tradições de suas forças armadas, recorda vultos e fatos que engrandecem a nossa história naval, destacando a participação do Jockey Club Brasileiro nos esforços que a Marinha dispensa para enaltecer os marinheiros do passado e consolidar as tradições que representam a garantia para o futuro da nossa Pátria. E concluiu o almirante Américo Mascarenhas agradecendo à diretoria do Jockey Club Brasileiro, em nome da Marinha a homenagem que lhe estava prestando e garantindo que os marinheiros de hoje estão dotados do mesmo espírito de dedicação à Pátria que, no passado, garantiram a independência e a integridade da Nação Brasileira.



O ministro da Marinha do Brasil, almirante Alves Câmara, o ministro da Marinha do Peru, almirante Emilio Barron, em palestra com os Drs. Francisco Eduardo de Paula Machado e Mário de Azevedo Ribeiro, 1º vice-presidente e presidente do Jockey Club.



O almirante Américo Mascarenhas agradece a homenagem em nome do ministro da Marinha. À sua esquerda estão o contra-almirante Mário de Faro Orlando e o dr. Renato Pacheco, e à direita, o sr. José Manoel Fernandes.



O presidente do Jockey Club Brasileiro, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, quando saudava a Marinha, tendo à sua direita o ministro Alves Câmara, o ministro Luiz Gallotti e o almirante Carlos Carneiro, e à sua esquerda, o almirante Renato Guilhobel.

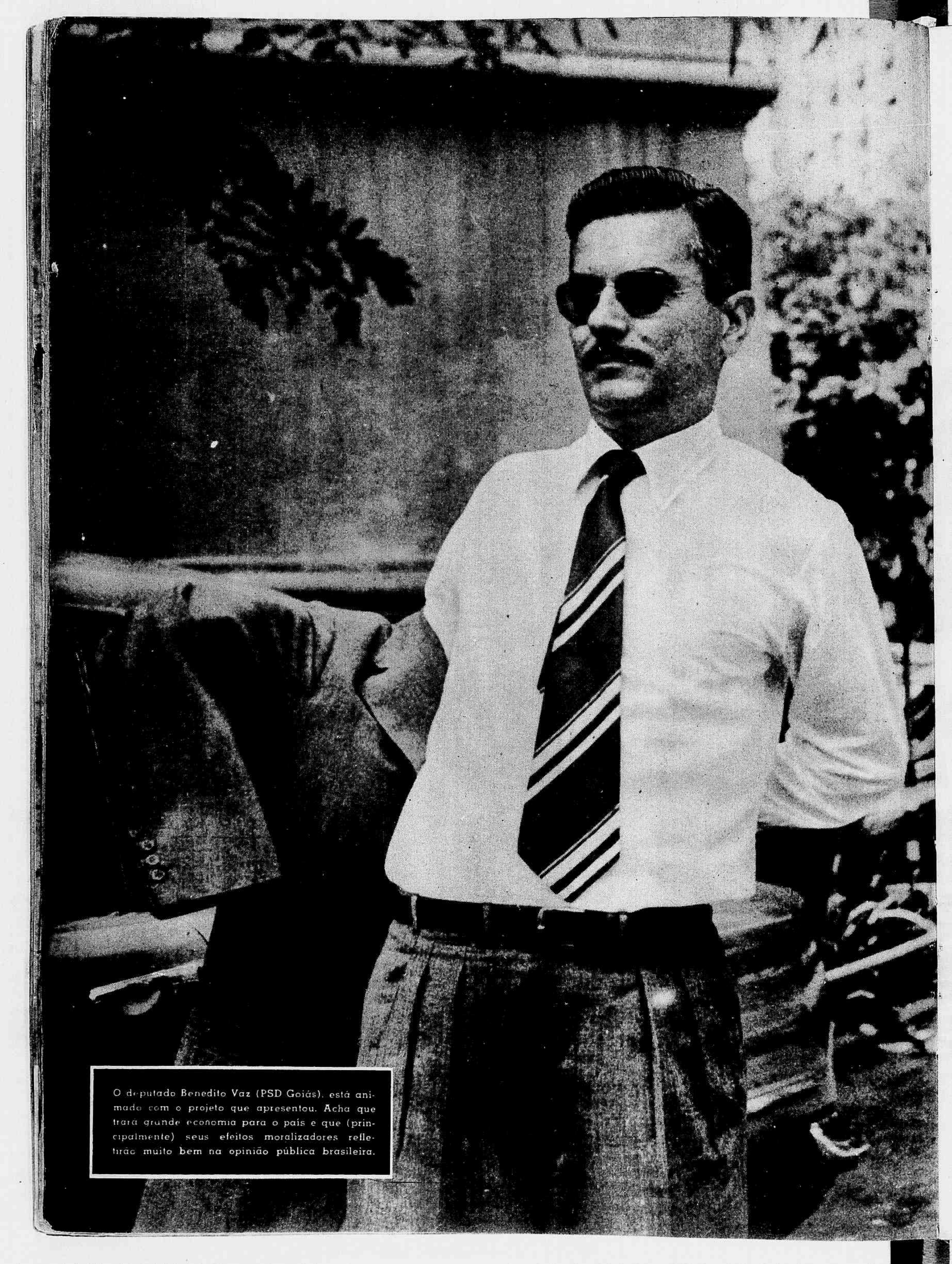
DEPOIS DE VISITAR PARIS

CHEPILOV PREFERE A LIBERDADE

● M. Chepilov, ministro das Relações Exteriores da União Soviética, esteve em Paris, onde passou vários dias. Sua primeira visita foi à ópera, onde assistiu o «Fausto». Depois visitou Cristian Pineau, ministro do exterior da França. Mas no terceiro dia, para repousar das solenidades oficiais, Chepilov saiu sozinho, incógnito e sem guarda-costas, e foi visitar como um homem qualquer a Paris imortal e «que vale bem uma missa». Nessas fotos vemos o ministro soviético, na «Place de la Etoile», brincando com os pombos e com as crianças, em pleno namôro com a liberdade.







O deputado Benedito Vaz (PSD Goiás), está animado com o projeto que apresentou. Acha que trará grande economia para o país e que (principalmente) seus efeitos moralizadores refletirão muito bem na opinião pública brasileira.

5470 carros oficiais rodando no Distrito

GASTAM 1 BILIÃO DE CRUZEIROS POR ANO

UM DEPUTADO DO PSD (BENEDITO VAZ) PRETENDE ACABAR COM A ORGIA — PELO SEU PROJETO VÃO DESAPARECER DEFINITIVAMENTE OS CARROS DE PASSEIO COM CHAPA BRANCA — PARA AS NECESSIDADES IMPRESCINDÍVEIS: CA-

MIONETA — AS EXCEÇÕES — CARRO OFICIAL PARA COMPRAR BANHA E TRANSPORTAR AS CRIANÇAS E A MADAME PARA A PRAIA SERÁ CRIME INAFIANÇÁVEL MAS TODOS CONCORDAM: VAI SER UMA LUTA DURA.

Rep. de LUIS MORENO

Foto de A. FERREIRA

♦ Mais de 1 bilhão de cruzeiros por ano é quanto custa aos cofres públicos a orgia dos «chapas-brancas» SÓ NO DISTRITO FEDERAL! E essa estimativa — embora alarmante — ainda é muito PESSIMISTA, pois, até hoje estou à espera dos dados para o levantamento total dos carros oficiais em todo o país — é o que afirma escandalizado o deputado Benedito Vaz, representante do partido majoritário, pelo Estado de Goiás, na Câmara Federal.

NOVA LEI COM PROIBIÇÃO TOTAL — Inconformado com a brandura de um anteprojeto, de autoria do deputado petebista Fernando Ferrari ora em tramitação naquela Casa Legislativa, vem o aludido parlamentar goiano de apresentar um substitutivo destinado a maior repercussão em todo o país, pois, logo em seu artigo 1º, dispõe, inapelavelmente:

«ART. 1º — A partir da publicação desta lei, fica proibido ao funcionalismo público federal, civil e militar o uso de carros oficiais de passeio, seja de representação, seja a que título for».

Estendendo, mais a referida proibição às autarquias e sociedades de economia mista, às quais fica expressamente vedado «manterem carros de passeio para transporte de seu pessoal graduado», a nova lei, se aprovada, vai ser uma «bomba» desses últimos tempos.

GASTOS ASTRONÔMICOS — Afirma o deputado Vaz que ficou deveras alarmado com a enormidade das despesas de manutenção dos veículos oficiais:

— Louvo-me apenas em informação prestada pelo sr. ministro da Justiça — que, aliás, foi, até hoje, o único Ministério a responder ao meu anterior pedido de informações, muito embora já tenha expirado o prazo para o atendimento daquela solicitação sem as penalidades a que se sujeitam os faltosos.

Os 219 veículos lotados naquela repartição pública, representam uma despesa anual da ordem de 24 milhões de cruzeiros, isto é, nada menos de Cr\$ 157.000,00 para cada viatura!

«Ora, sabendo-se que só no Distrito Federal trafegam nada menos de 5.470 carros, sem contar com as viaturas militares, não emplacadas pelo P.D.F., verifica-se que os gastos totais ascendem a mais de 1 bilhão de cruzeiros».

LEI ATUAL, SEM SANÇÕES... — E quantos serão os carros de passeio utilizados pelos Ministérios Militares? Ainda não sabemos, lembra o deputado Vaz, para frisar que a falta de dados a respeito vem reforçar o ponto de vista de que é preciso regular o assunto convenientemente.

— Verdade é que lei existe regulando a utilização (1081, de 13-12-50), mas é uma lei inexecutável, porque proíbe o uso indevido mas não estabelece sanções, deixando, inclusive, ao arbítrio dos próprios faltosos a punição, quando prescreve que o funcionário que a infringir sofrerá as penas do estatuto, quer dizer, o funcionário deverá ser punido pelo seu chefe imediato... que também comete os mesmos abusos...

CRIME DE «CORRUPÇÃO PASSIVA», INAFIANÇÁVEL — Adianta ainda o autor do substitutivo-bomba, que considera urgente e absolutamente necessário a promulgação de uma lei eficiente, dispondo expressamente sobre o assunto:

— O que é preciso — revela — é a proibição formal, não só do uso, ou da existência de carros de passeio para uso de repartições públicas, a não ser das exceções que menciono. Igualmente é necessário que se dê sanção penal à proibição e se sujeite os transgressores às penas do crime de «corrupção passiva» (Artigo 317, do Código Penal), que se caracteriza na obtenção de vantagem indevida decorrente da função pública, crime, aliás, de natureza inafiançável.

OS QUE TERÃO DIREITO. — Depois de explicar que no seu substitutivo, evidentemente, estão enquadradas as exceções, que além da Presidência e Vice-Presidência da República, inclui, também, os presidentes das casas legislativas, os ministérios públicos e as presidências dos órgãos judiciários, declara o deputado Benedito Vaz:

— O número dos carros de passeio à disposição de cada um desses órgãos será fixado por ato baixado anualmente, em 31 de dezembro, e publicado no «Diário Oficial», pelas autoridades respectivas, isto é, os do Poder Executivo, pelo Presidente da República, os da Câmara e Senado, pelos respectivos presidentes e os do Poder Judiciário, pelo presidente do Supremo Tribunal Federal.

EM SERVIÇO, SÓ ONDE NÃO HOUVER CONDUÇÃO REGULAR — Dentre as exceções figuram as presidências das autarquias e das sociedades de economia mista, embora vedado rigorosamente o uso pessoal pelo funcionário.

— Quando pela natureza do serviço que executem — comenta o parlamentar goiano — necessitarem os órgãos da administração pública de transportar operários, funcionários, engenheiros ou chefes de serviço, em trabalhos de fiscalização ou para dirigirem obras fora do perímetro urbano — em lugares onde não exista outra espécie regular de transporte, aí então, e só então, poderão dispor exclusivamente para esse fim, de jeeps ou camionetas (tipo caminhão).

«Mas é preciso ressaltar ainda o que se entende pela expressão «camionetas» para que não se preste a confusões do que se aproveitariam logo os fraudadores do espírito da lei. De fato, há 2 espécies de camionetas; a do tipo de um pequeno caminhão, e a outra, tipo micro-ônibus, cujos últimos modelos em nada ficam a dever aos carros de luxo...

RELEMBRANDO PORTUGAL... — Esclarece o deputado Benedito Vaz que a nova lei não abrangerá, evidentemente, os veículos militares (viaturas de guerra, como tanques, etc.), nem tampouco os de tipo especial, como Corpo de Bombeiros, Pronto Socorro e Polícia Militar.

— A lei terá que contar também com a deficiência dos serviços de fiscalização pelas autoridades do Trânsito, daí a grande conveniência de suprimir os carros de passeio, ao invés de permiti-los e deixar o controle dos abusos a uma polícia que não existe...

A esse propósito, conta o fato narrado pelo ex-ministro da Viação e ex-deputado Maurício Joppert, quando, em visita a Portugal foi surpreendido pelo fato de um engenheiro da Junta Autónoma de Estradas ter ido buscá-lo no hotel onde se hospedava, utilizando um carro alugado... Foi-lhe, então, explicado que «em Portugal não dispõem os funcionários, embora categorizados como ele, de carros oficiais...»

— Isto poderá parecer significativo para quem julgue radical a solução que apresentamos em nosso projeto. Portugal tem as finanças em situação magnífica e as nossas estão naquela situação de «deficit» de 30 bilhões...

VENDA DOS EXCEDENTES E FIM DA ORGIA — Finalizando, afirma o representante pessedista que a «permanecer a imprecisão na inócua lei atual, é preferível resolver de vez o assunto, acentuando:

— Só assim, então, poderemos pôr cõbro a essa orgia desenfreada à custa dos cofres públicos, quando se conhecem episódios de carros oficiais que viajam do Rio ao interior de São Paulo (mais de 700 kms.) para adquirir manteiga e banha para seu felizardos e inconseqüentes aproveitadores! Por outro lado, ainda poderá o erário público se ressarcir do astronômico prejuízo pela venda, em concorrência pública, dos veículos excedentes, como recomenda o meu substitutivo no seu penúltimo artigo.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LITE

O FATO LITERÁRIO

REVISÃO, EM SÃO PAULO

♦ ESTUDANTES de curso superior realizaram, no saguão da Biblioteca Municipal de São Paulo, aquilo que eles próprios denominaram de «Noite da Revisão»: um reexame da Literatura e, de modo geral, do pensamento brasileiro, feito do ponto de vista da juventude. Durante várias horas, foram atacados em discursos inflamados escritores e artistas contemporâneos brasileiros, cuja glória repousa no dizer dos moços «revisores» paulistanos, mais no jôgo do elogio, mútuo quando não em causa própria, e das «panelinhas», que propriamente no valor intrínseco de cada qual. Criticou-se muito, e desordenadamente: poetas e romancistas, sociólogos e juristas, teatrólogos, cientistas. Têm razão, até certo ponto, os moços de São Paulo. Há, em nossa vida nacional, muito mito que precisa ser destruído, muito nome coruscante que oculta, sob pomposo disfarce, uma irremediável mediocridade. Não citaremos exemplos: não é preciso. Todos sabem que os valores autênticos são sempre raros, enquanto que abundam os desprovidos de talento, êsses mais bem sucedidos, tantas vezes, do que aqueles. Quer nos parecer, porém, que destruir por destruir, sem colocar, no sítio arrasado, qualquer nova construção, é empreendimento de pouco mérito. De resto, notamos, nas declarações que os rapazes prestaram a jornais e revistas, certa levandade, certa imaturidade, que de modo algum recomendam uma filiação ao grupo dos «revisores». Porque uma coisa é organizar uma noite animada e no outro dia aparecer triunfalmente nos clichês da imprensa, e outra efetuar movimento verdadeiramente sério, com bases sólidas e rumos seguros. Os jovens paulistas que organizaram a «Noite de Revisão» ainda não sabem exatamente o que desejam — apenas o que não querem mais. Desejarão eles, para o futuro, alguma coisa, ou contentar-se-ão com as brincadeiras daquela primeira noite?

PÁGINA ANTIGA

MALMEQUERES

“Mal me quer”, “Bem me quer”...

Confiante e risonha,

Na doce faceirice de mulher

Elze acordada sonha...

E sonhando, desfolha, graciosa,

Com desusado ardor,

As pétalas da flor misteriosa

Horóscopo do Amor.

“Bem me quer”, “Mal me quer”...

Diz-lhe a flor em segrêdo

Sob a pressão macia de seu dedo

Um nome que lhe é grato ao coração...

E a moça, de rubor tôda incendiada

Se confessa, de lôgo, arrependida

De ter feito com a flor esvaecida

Tão caprichosa ação,

“Mal me quer”, “Bem me quer”...

Eis o doirado inferno da Mulher!

EDSON NOBRE DE LACERDA

UM LIVRO

AS RAÍZES,

de Rui Mourão

♦ POUCOS LIVROS de estreantes temos visto com o vigor do que a José Olympio acaba de editar (1): «As Raízes», do jovem novelista mineiro Rui Mourão, residente em Belo Horizonte. Não ousaríamos mesmo chamá-lo de uma promessa de ficcionista, porém de escritor já formado, que sabe o que faz, e porque o faz.

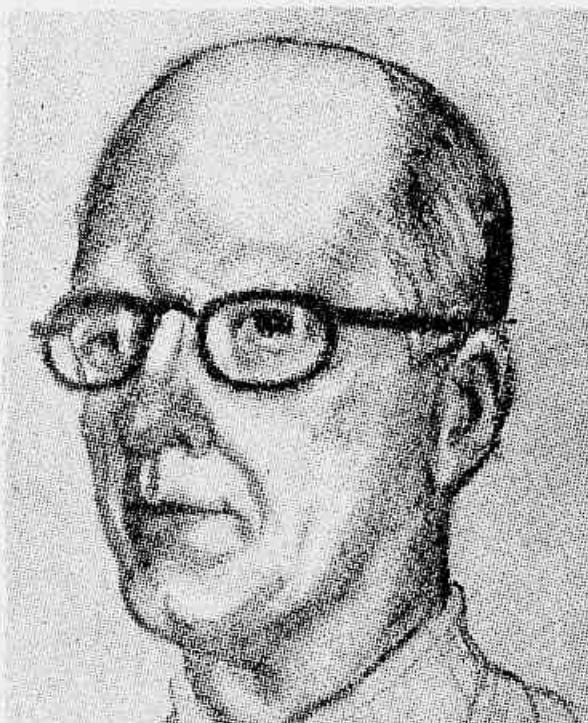
Não cabe aqui entrar em considerações sobre o que seja a novela, e que características a diferenciam do gênero romance: o livro de Rui Mourão é uma novela, e está dito tudo. A trama é simples: Hélio, jovem, casado, pai de filhos, cidadão pacato, encontra casualmente na rua uma bela mulher, e fica obcecado por ela. Principia então sua lenta queda no abismo da degradação: primeiro, o jôgo, depois a bebida, o crime. Finalmente, despojado da família e perseguido, Hélio embarca num trem, praticamente sem direção a seguir. Livro pessimista, eivado de desespero, que já suscitou inclusive alguns protestos de parte de colonistas e críticos literários, pelo seu negativismo extremo.

E', pois, a mulher, a fêmea, quem faz com que Hélio, até então um homem igual aos demais, enverede pelos invios caminhos da perdição? Repetirá Rui Mourão, em «As Raízes», o velho tema de Adão e Eva, tão utilizado em tôdas as épocas pelos escritores e pelos artistas plásticos? «Havia mulher naquilo e ele não sabia se portar sempre que em algo havia interferência de mulher»... Inimigos, o homem e a mulher, seres em contraposição um ao outro, apesar da atração dos sexos? Uma coisa é certa: Hélio não é um sedutor, mas um seduzido: Escondido atrás da porta, suando, o coração pulsando descompassado, viu-a passar — mulher, incrivelmente mulher — as passadas sólidas, o corpo se desenhando firme no vestido rosa, os brincos de pérola. Isabel o seduz, com seu sorriso, com seu «vestido que parecia de renda salientando os grandes seios». E ele passa a viver em função dela, esquecendo-se da esposa Luísa, da família, das obrigações. Passa a beber e a jogar, e uma bôlsa a êsmo esquecida a um canto, por duas senhoras, propicia-lhe um primeiro furto. Por que Hélio necessita de dinheiro, para beber, para jogar, para dar presentes a Isabel (não lhe prometera estupidamente uma jóia acima de suas posses?), para satisfazer as iras senhoriais de «seu» Martinho. Já quase não trabalha, quase não comparece ao salão de barbeiro, outrora florescente. E o resultado final é a sua degradação, seu conhecimento com desclassificados comuns, seu perambular por bares e cabarés.

Dissemos, no início, que Rui Mourão não é uma simples promessa, mas escritor já realizado. Diremos, agora, que ainda há, em seu estilo, algo a polir, a aperfeiçoar. Veja-se, por exemplo, o início da parte II do capítulo 8 (página 79) como demonstra ainda certa exuberância francamente condenável num escritor como Mourão: «Ah! de que maneira devia se desenvolver aquele romance! Que conjunto de equívocos, que desorientação incontrolável devia fomentar o seu coração desesperado! Quem poderia adivinhar que aquela volta à admiração por Isabel — aquela esperançosa volta à admiração por Isabel — viria introduzir complicações tamanhas em sua vida? Quem poderia supor que ao procurar resolver um problema que o afligia, ao procurar paz para a sua pobre existência, apenas dava mais um passo no caminho de um desespero maior? Etc.» Frases esparramadas, eivadas de uma imperdoável trivialidade, erçadas de lugares-comuns, indignas de outros trechos do volume.

Em suma: «As Raízes» é livro de boa qualidade literária, embora os que condenem, por inútil e prejudicial, o negativismo de certos autores, nele venham a encontrar ótimo motivo de condenação. Seu autor, um jovem de menos de trinta anos, conseguiu escrever uma novela densa e cheia de observação psicológica, nisso se colocando na melhor tradição ficcionista mineira, no rastro de um Cornélio Pena, por exemplo, de um Cyro dos Anjos, com os quais guarda, principalmente com o primeiro, muitas afinidades.

(1) «As Raízes», de Rui Mourão. Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1955. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956. Capa de Poty. 143 páginas.



Eduardo Tourinho num «carvão» de Mário de Murtas.

NOS CONCURSOS literários anualmente organizados pela Prefeitura do Distrito Federal — Poesia (Prêmio Olavo Bilac), Romance (Prêmio Manuel Antônio de Almeida), Contos e Crônicas (Prêmio Machado de Assis), Ensaios e Críticas (Prêmio Carlos de Laet), — dos menos acessíveis é o «Prêmio Rio Branco», para obras de História e Geografia. O ano passado não teve nenhum concorrente. Este ano reuniu três obras: «Um Médico do Império (Tôres Homem)», apresentada sob o pseudônimo de «Hipócrates Galeno Carioca Júnior» — como exige o concurso; «Trilogia Imperial», sob o pseudônimo de «Mario Serrano», e «Brasil num Calidoscópio», sob o pseudônimo de «Urbano Sotero». A ilustre comissão julgadora, composta do poeta Manuel Bandeira, do jornalista Austregésilo de Ataíde (ambos da Academia Brasileira de Letras), e do professor e teatrólogo Celso Kelly, presidente do P.E.N. Clube, conferiu o «Prêmio Rio Branco» ao livro «O Brasil num Calidoscópio».

É autor dessa obra o escritor Eduardo Tourinho, nome largamente conhecido no Brasil e no estrangeiro, através de outros trabalhos literários e históricos de êxito. Membro correspondente do Instituto de Coimbra, da Academia de Buenas Letras de Sevilla e da Academia de Letras da Bahia, é, também, colaborador efetivo da «Revista da Semana».

A POETISA Yone de Sá Motta («Silêncio de Sino», «Da Posse Prematura») lançará pela José Olympio seu novo livro de versos: «Lastro Ternura». Ela acaba, aliás, de inaugurar um Salão, onde semanalmente jovens escritores e artistas se reúnem para trocar idéias a respeito de livros e autores.

PARA A SEMANA apresentaremos um balanço do ano literário de 1956, onde, apontaremos os livros e os escritores que, a nosso ver, foram os pontos altos do ano que está a findar.

EM CERIMÔNIA efetuada no Instituto Nacional do Livro foi apresentado ao público o segundo número da «Revista do Livro» (dirigida agora pelo jovem escritor Carlos David), ao mesmo tempo em que se prestava uma homenagem à memória de Santa Rosa, cuja morte, há pouco ocorrida em circunstâncias imprevisíveis, consternou nossos meios intelectuais. Santa Rosa foi o realizador gráfico deste segundo número da «Revista do Livro», tendo sido aliás tal paginação um de seus últimos trabalhos. Presente grande número de escritores e amigos de Santa Rosa. José Renato Santos Pereira, diretor do I.N.L., Osvaldino Marques e Carlos Ribeiro fizeram uso da palavra.

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

O SERVIÇO de Documentação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) acaba de editar as seguintes obras: «Problemas Fundamentais dos Municípios Brasileiros», de Océlio Medeiros; «Os Vencimentos do Serviço Público Federal», de Seção de Estatística Administrativa; a excelente «História Administrativa do Brasil» (os dois primeiros volumes: o primeiro, de Hédio de Alcantara Avelar e Alfredo d'Escagnolle Taunay, o segundo de Vicente Tapajós); «Barão do Rio Branco», de Alfredo Baltazar da Silveira; «A Era do Administrador Profissional», de Benedito Silva; «A Codificação Municipal de João Pessoa», de Delorenzo Neto.

«VOVÓ DO PITO», de Luís Franceschini, e «O que foi pelo Sertão», de Waldomiro Bariani Ortêncio, são duas coletâneas de contos, paulistanos e goianos respectivamente, que a Editora de Autores Novos, em organização, vem de editar. Dois autores de ínfima importância, sendo que Waldomiro ainda mais bisonho que Luís (E.A.N., São Paulo, 1956. 207 páginas. Cotação: *).

JORGE D. MARTINS é o autor de «Poemas ao pé do mar ou Poemas de Maria» — todos eles mais ou menos chochinhos e sem maior interesse (Editôra Dois Irmãos (?), 1956. Cotação: **).

DIDI FONSECA, paranaense, já autora de livros de contos, e de poesia, publicou «Meu Cisne Branco», impressões de uma rápida viagem pelo Oriente Médio. Literatura trivial, de turista em retorno, pode ser lida como passatempo (Pongetti, Rio, 1956. 236 páginas. Cotação: **).

DE CONFERÊNCIA pronunciada na Sociedade Cultural Hebraica, Carlos Heitor Cary extraiu o pequenino ensaio «Chaplin — Tortura

e Glória de um Gênio», que nada vem acrescentar ao conhecimento do admirável ator de cinema (Edição do autor, Rio, 1956. 47 páginas. Cotação: **).

NOS ESTADOS UNIDOS e em vários países europeus é comum. No Brasil, porém, somente agora será adotada a moda dos livros condensados. E coube à conhecida revista «Seleções do Reader's Digest» a iniciativa. O primeiro volume da «Biblioteca de Seleções», ricamente encadernado, contém nada menos de quatro livros de leitura atraente e amena: «Silêncio Sinistro e Fundo, do comandante. E. L. Beach, em tradução do comandante A.B. de Vasconcelos; «A Sombra do Velho Ídolo», de Augusta Walker, tradução de Sérgio Milliet; «Minha Prima Rachel», de Daphne du Maurier, traduzido por d. Rachel de Queiroz, e «Entre Feras e Demônios», de Stuart Cloete, na tradução de d. Vera Pacheco Jordão. O volume é fartamente ilustrado e impresso em ótimo papel. Não é preciso insistir na qualidade das traduções: basta reparar nos nomes de quem as assina. Editôra Ypiranga, São Paulo, 1956. 487 páginas. Biblioteca de Seleções, volume 1).

O QUINTO volume da Biblioteca de Divulgação Cultural, do Instituto Nacional do Livro, é a «Biografia Crítica das Letras Mineiras», dos jovens ensaístas Wantensir Dutra e Fausto Cunha — obra com que conquistaram, aliás, o Prêmio Juscelino Kubitschek, instituído pelo «Jornal de Letras». É livro de mérito, nele não se atendo seus autores a enumerar apenas uma lista de nomes, porém procurando, pelo contrário, e em traços rápidos embora, delinear um esboço valioso da Literatura, em Minas Gerais, desde a Escola Mineira até aos dias que correm (I.N.L., Biblioteca de Divulgação Cultural, volume 5. Rio, 1956. 134 páginas. Cotação: ****).

NO MUSEU de Arte Moderna, após a Exposição Dois Artistas Peruanos, a tradicional Mostra de Pintura Infantil, dos alunos de Ivan Serpa.

COGITA-SE EM organizar, no Itatiaia Country Clube, breve, uma Exposição de artistas que já se exibiram na «Petite Galerie», a exemplo do que já foi feito, não faz muito, com o «Grupo Frente».

MUITO BELOS, os cartões de Natal desse ano preparados por artistas como Rossini Perez, Lígia Clark, Ivan Serpa, Maria Teresa e outros. A bela festa cristã, inspiradora de tantas obras primas das Artes Visuais em outras épocas, continua sendo motivo cheio de sedução para os artistas contemporâneos.

ATRIBUIDO AO pintor inglês Ben Nicholson o Grande Prêmio Guggenheim de 1956 — criado para recompensar a melhor obra de pintura contemporânea. Nicholson é artista abstrato,

ARTES

NOTINHA

tendo inclusive participado do famoso Grupo «Abstração-Criação».

TERESA ORGANIZOU para o Natal um pequenino Bazar, onde expõe, por poucos dias, cartões de Natal, cerâmica, lenços pintados, etc., etc., de autoria de Lígia Clark, Rossini Perez, etc.

EM SÃO PAULO, como já noticiamos, realiza-se a Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, com a participação de artistas visuais e poetas do Rio, São Paulo e outros Estados. O

local da mostra, que vem despertando interesse e polêmica, é o Museu de Arte Moderna.

NO NÚMERO de novembro da ótima revista «L'Oeil», francesa, excelentes artigos: «Le Théâtre et les Primitifs», de Valentin Denis, uma boa entrevista com o escultor russo Pevner, e valioso estudo sobre Herkules Seghers, gravador holandês do século XVII, cujas obras são cheias de vigor e de atualidade.

MARC BERKOWITZ escreveu, a respeito de nota de Ferreira Gullar estampada no «Jornal do Brasil» sobre a Exposição dos artistas peruanos há pouco encerrada no MAM, pequenino artigo em que rebate alguns pontos de vista do poeta de «A Luta Corporal». É que Gullar fez sérias restrições aos méritos dos dois artistas em causa, qualificando de leviana a iniciativa do Museu, de apresentá-los em seu recinto de exposições. Berkowitz, que foi quem aconselhou ao MAM a exposição, viu-se na obrigação de se defender.

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira - "lhe" o uso diário da Tricomicina e diga - "lhe" que você acredita na ação da Tricomicina

* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.



Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL



Irene Von Delingshausen foi o brôto que mais rapidamente se transformou em notícia neste ano da graça de 1956.

DUAS JOVENS (BONITAS) E UMA REPORTAGEM ADIADA



IRENE E TUTSI-BELEZAS DA NOVA GERAÇÃO

INICIALMENTE pretendíamos apresentar uma reportagem sôbre a vitrine de natal da «Vimarte» e o extraordinário bom gôsto de seu proprietário Roberto de Carvalho. No caminho, o repórter (Ilเลน Kerr) encontrou-se com duas jovens bonitas (Tutsi Bertrand e Irene Von Delingshausen), e levou-as também. Começou a fazer as fotos para a reportagem e foi ao mesmo tempo fotografando as meninas. Depois, revelados os filmes, o repórter ficou entusiasmado com as meninas e esqueceu da reportagem sôbre decoração. Na hora de entregar o trabalho, convenceu ao secretário que as fotos das meninas em duas páginas ficariam muito mais bonitas do que a reportagem pròpriamente dita. O secretário (homem de bom gôsto e que adora ser convencido de alguma coisa) concordou. Portanto o que os leitores estão vendo nestas páginas é o resultado da capacidade de convencer do repórter e da capacidade de ser convencido do secretário. A reportagem sôbre decoração? Fica para outro número. Os leitores que quiserem podem escrever para a revista dando impressões e dizendo se gostaram da troca.

(Ektachromes de ILLEN KERR)





GILDA LERAUD

Apareceu rapidamente, namorou um colunista, começou a ser citada, desnamorou deixou de ser citada. É isso que os americanos chamam de jornalismo vivo e imparcial. Ao seu lado o jovem Jorginho Doria que não tem nada com o peixe. E de quem falaremos num dos próximos capítulos.

ÊSTES SÃO PERSONAGENS DIÁRIOS DOS COLUNISTAS

RICARDINHO FASANELO E JORGINHO GUINLE SÃO OS CAMPEÕES DO NADA— NEW COBRA É NOTÍCIA AOS 16 ANOS. QUE SERÁ AOS 30 ? — AO FUNDO, HOMERO LOPES — JOÃO DA EGA, UM CRONISTA SOCIAL DIFERENTE: SABE LER E ES-

CREVER — GILDA JOPPERT, JAMES DEAN DE SAIA — ILDE GARAVAGLIA, EM 2 ANOS VIROU MANCHETE INTERNACIONAL — A MEIGA E TERNA ELOISA DOLABELA — A DOCE MARIZE GRAÇA COUTO — HISTÓRIAS DO «SOCIETY» BRASILEIRO.

Reportagem de MAURO BRAGA



JOÃO DA EGA

♦ O sr. Carlos de Laet (João da Ega) é um colunista social diferente: sabe ler e escrever. E com essa condição tão rara num cronista (perdão, colunista) social, é lógico que teria que ficar deslocado. E foi o que aconteceu. SE aborreceu, passou a coluna a gente mais nova, e mudou de gênero. Mas não se afastou totalmente do «society». Famoso há mais de 40 anos, já no tempo do «Joujou e Balangandana» (oh! que saudades que eu tenho da aurora da minha vida) era do primeiro time da grãfinagem.

Fundou o clube do Ega, é alto funcionário da Prefeitura, excelente sujeito, melhor papo, e no fundo um grande gozador. E' uma pena que por compromissos de nascença não possa escrever um verdadeiro «Café Society Confidencial». Seria um grande sucesso.

♦ Todas as grandes cidades tem o seu mundo privativo e inacessível, que seus próprios arautos chamam de «Grand Monde». Povoado de mulheres belas e faiscantes, freqüentado por gente com nome autêntico ou emprestado, mas sempre arrogante e empavonado, êsse pretenso «Grand Monde» é atordoante e encantador, vazio e frívolo, monótono e apaixonante, doce e cruel, frio e acolhedor. Hostil aos que não têm dinheiro, subserviente com os que acumularam fortunas (principalmente sem esforço), o chamado «Café Society» (denominação que se popularizou no Brasil após-guerra), é a mistura de nobres autênticos, milionários de ocasião, aventureiros de toda a espécie, rapazes a procura de bom casamento, mocinhas sequiosas de emoção, senhoras de idade indefinível, simples gozadores, e muitos que não são nada disso, e querem apenas viver. Êsse é o mundo que aparece diariamente nas colunas dos jornais.



ZAIDA SALDANHA

♦ Zaida é a mais bela carioca já nascida no Estado do Rio. Por várias vezes esteve perto de conquistar títulos, mas não se sabe por que sempre é injustamente preterida. De vez em quando some da circulação e seus fãs e admiradores ficam saudosos. Depois, reaparece ainda mais bonita e esgalgada, e se concentra na tarefa de inspirar paixões quilométricas e inusitadas. Existem duas Zaidas: uma, que passa mais ou menos meio dia ali pela piscina do Copa, em uniforme escolar e que parece uma freira em véspera de ordenação. A outra, a Zaida do Sacha's e do Country, de vestido comprido ou toda coleante, que faz os rapazes (principalmente da nova geração) ingerirem mais uísque do que o normal. Mas Zaida é acima de tudo uma menina simpática, agradável, e que tem um sorriso que precisa (e merece) urgentemente um poema de Schmidt, Bandeira ou Carlos Drummond. Poema com êsse título: ZAIDA.

De vez em quando (semanalmente, por exemplo) iremos anotando aqui observações dispersas, feitas ao acaso, sobre alguns personagens que se movem nesse mundo. São observações ligeiras, despreziosas, sem intenção de ofender ou agredir ninguém. Se alguns personagens forem mais duramente retratados que outros, há uma evidente e indistarcável causa: a própria importância que se dão ou que adquiriram nesse mundo, e o mal que podem fazer às novas gerações e à própria sociedade, com seu comportamento tão marcadamente extravagante. Não temos intenção de reformar coisa alguma. Mas como são (quase todas), pessoas que fazem uma força enorme para serem (ou continuarem famosas), não se importarão que mais alguém se ocupe de seus nomes ilustres. Afinal, mesmo os que são pouco dados a leitura (qualquer que seja) conhecem o conceito famoso de Oscar Wilde sobre propaganda pessoal.



JORGE GUINLE

♦ A flor dos Guinles tem duas profissões: milionário e simpático profissional. Tem o riso fácil e quando avista um colunista (principalmente social) êsse riso se transforma em sorriso acolhedor e terno. Paga almoços e jantares com prodigalidade (e até prazer) não faz nada (a não ser tocar bateria até altas horas da noite). nem tem amigos, embora esteja quase sempre acompanhado. Cumpre gloriamente o destino dos milionários ociosos. Gosta de mulheres altas (têdas o são mais do que êle), veste-se mal, usa sapato alto (salto 7 1/2), não conhece nada fora do jazz, mas não é mal sujeito. E' apenas mal informado e mal orientado. Pois desde garoto não lhe ensinaram que ser milionário é padecer num paraíso? E êle procura cumprir a sua parte, sem fugir uma linha, do caminho que os seus maiores lhe indicaram como o certo.



ILDE GARAVAGLIA

◆ A ascensão da jovem Ilde foi realmente impressionante. Em 1954, no Carnaval, ficou os 3 dias encostada na porta principal do Quitandinha sem ser cumprimentada por ninguém. Tinha um Buick 42 caindo aos pedaços, e era mais desconhecida que o talento do sr. Osvaldo Teixeira. Depois, deu um pulo e passou a ser «a coqueluche» da sociedade. Eleita «Glamour» (coisa que ninguém sabe definir o que seja e certamente a srta. Ilde Garavaglia só possui em dose muito pequena) virou notícia, manchete nacional, até chegar ao atual estado de notícia internacional. E' personagem de Ibrahim e Jacinto, mas no andar que vai acaba personagem de Elza Maxwell, o que é o máximo na hierarquia das colunas. Tem hoje um moderno e elegante automóvel último tipo, já teve vários romances, mas o mais sério foi com o Amaralzinho da TV, que também já acabou. Frequenta o Country e o Sacha's, sempre acompanhada por galantes e robustos rapazes da nova geração. O que inclui moços de 17 a 60 anos. Tem um rosto de madona, e um corpo de bailarina inglesa, o que dá uma combinação interessante.



NEW COBRA

◆ A menina New Cobra (16 anos) é personagem diária e quase exclusiva do colunista Jean Pouchard. SE move principalmente na área do Lagoínha Country Clube mas já está se preparando para vôos maiores. E' muito bonita, sofisticada, lânguida, e apesar de ser frequentadora assídua das colunas, não perdeu o gosto pelo estudo. Tem uma irmã (Lew) também bonita, também brôto, também notícia diária, também exclusiva de Jean Pouchard, etc. New e Lew formam a dupla mais requisitada do Lagoínha. Dentro em pouco serão promovidas e poderão frequentar também o Country.

HOMERO LOPES

◆ Personagem exclusivo do sr. Antônio Maria, a quem (reconheçamos) deve a sua glória e popularidade. E' dos melhores sujeitos do mundo, mas tem um defeito que se for revelado vai impopularizá-lo no «society»: trabalha. Veste-se bem, é silencioso nas conquistas, aparece muito no «Sacha's» e «Country», e está sempre de bom humor. Idade indefinível, leal com os amigos e seu comportamento com os inimigos é ignorado pois não se conhece uma só pessoa que não goste dele. Lança olhares cobiçosos a Gilda Joppert e Zaida Saldanha (é um homem de bom gosto), mas como diz o sr. Jeff Thomas (num lançamento exclusivo) nenhuma das duas é seu «date».



CELRO ROCHA MIRANDA

◆ O doutor Celso é igualzinho ao doutor Jorginho. Só que é diferente. E embora isso pareça muito sutil é a exata expressão da verdade. Está sempre risonho, corteja todo mundo, mas tem um bruto radar para negócios (principalmente excusos), tais como seguros privativos, compra de aviões Viscount, prospecção, etc. Gosta muito de negociar com o Estado, mas não é por nada, não. E' pura simpatia. Numa coisa difere do doutor Jorginho: está sempre muito lustroso e elegante. Viajou com o Presidente Juscelino para os EE.UU. e Europa e foi de uma utilidade a tóda prova: abria a porta do carro com rapidez, segurava a taça de champanha quando o Presidente tinha que bater palmas, e estava sempre por perto quando um fotógrafo se aproximava do sr. Juscelino: mas era só coincidência. Exibiu as condecorações mais lindas que lhe foram concedidas (secretamente) por países imaginários e que só ele conhece. Quando regressou (depois da posse do Presidente Juscelino) abriu os salões para uma festa monumental e convidou o Presidente. Mas o Presidente que não é bôbo não compareceu. Na foto, parece que o doutor Celso está dormindo. Mas não está, não. Reparem.



DIÁRIOS DOS CRONISTAS



ELOÍZA DOLABELA

◆ Eloíza (sem H) é o que o sr. Ibrahim Sued em dia de violenta inspiração poética chama «de um dos mais belos ornamentos do jovem society carioca». Realmente bonita e «suspense» (outra contribuição do sr. Jeff Thomas à cultura brasileira), Eloíza é a menina dos olhos do Country Clube. E só não foi eleita «Glamour Girl» na recente eleição, por causa da intervenção do acima citado sr. Ibrahim Sued. Intervenção diga-se que foi repudiada pelos outros colonistas. Mas que o título ficaria muito melhor em seu poder do que com a simpática srta. Lilian de Souza Campos, ninguém discute. Verdadeiramente olímpica e quase inatingível, pouco se sabe dos amores da jovem Eloíza. Mas frequenta o Sacha's com bastante assiduidade e o Country nem se fala. Antônio Maria em dia de arroubo chamou-a «Eloíza Todabela», o que mais do que um simples jôgo de palavras é uma verdade autêntica e indiscutível. Na foto parece estar dormindo. Mas não está, não. É só para gozar o sr. Celso Rocha Miranda aí do lado.



GILDA JOPPERT

◆ A mais exuberante personagem do «jovem society» e a mais (como direi) contraditória. É inteiramente «James Dean» o que não é precisamente um elogio. Às vezes belíssima, de outras inteiramente apagada e inexistente. No dia da «Glamour», com um vestido decotado estava realmente muito bonita, e provocou várias paixões. Dominada por conflitos íntimos que às vezes explodem com violência, dá mostras de profundo desajustamento, que procura vencer com exuberância e amor à vida. Realmente sua grande paixão é a vida, e procura aproveitar cada minuto da sua ainda curta existência. Mas como o Sacha's e o Country não são o palco ideal para essa representação, e não lhe facilitam o auditório que merece, fica sujeita a críticas e a rumores nada lisonjeiros. Mas ao lado dos evidentes defeitos tem extraordinárias qualidades.

RICARDINHO FASANELO

◆ O jovem Fasanelo é conhecido na sociedade como «o James Dean sem talento». Tem realmente muita semelhança (até física) com o ídolo morto de Hollywood: cheio de complexos, nervoso, ansioso, etc. Mas deu mostras de grande sabedoria ao nascer rico. Pois se não fôsse a fortuna do pai a que misteres humildes e humilhantes não estaria condenado o doce Ricardinho? Dá muita sorte (pros outros) com as mulheres, pois as moças com quem sai assiduamente, logo se casam, talvez para se livrar dele. Evidenciou alta dose de «sense of humour» quando começou a sair com uma onça para se vingar do Tony que saía com a Solbiati. Alguns psiquiatras chamam isso de frustração. É muito elegante, paga as notas com discrição, e está sempre acompanhado de garôtas bonitas que brigaram com os namorados. Depois, as meninas fazem as pazes, voltam ao amor antigo, e o terno Ricardinho fica outra vez abandonado.

MARIZE GRAÇA COUTO

◆ Uma das mulheres mais simpáticas do mundo, e que é grande dama aqui, em Nova York, em Londres, na Itália, ou onde estiver. A rainha do «charme» e da simpatia. Veste-se com elegância (mas sem exagero), é simples, afável e agradável. Está sempre disposta a colaborar em qualquer movimento de caridade, e mesmo dos que não o sejam. Foi o esteio do desfile Bangu juntamente com a também simpática sra. Ivone Lopes. Casada com o «Globe Trotter» Adolfo, que deve lhe dar tremendas preocupações, pois é bonito demais para marido perfeito. Quando acumular mais alguns anos de idade Marize vai ser uma das donas do «society» brasileiro, e uma das mais citadas pelos cronistas internacionais.



POR ESSE MUNDO DE DEUS



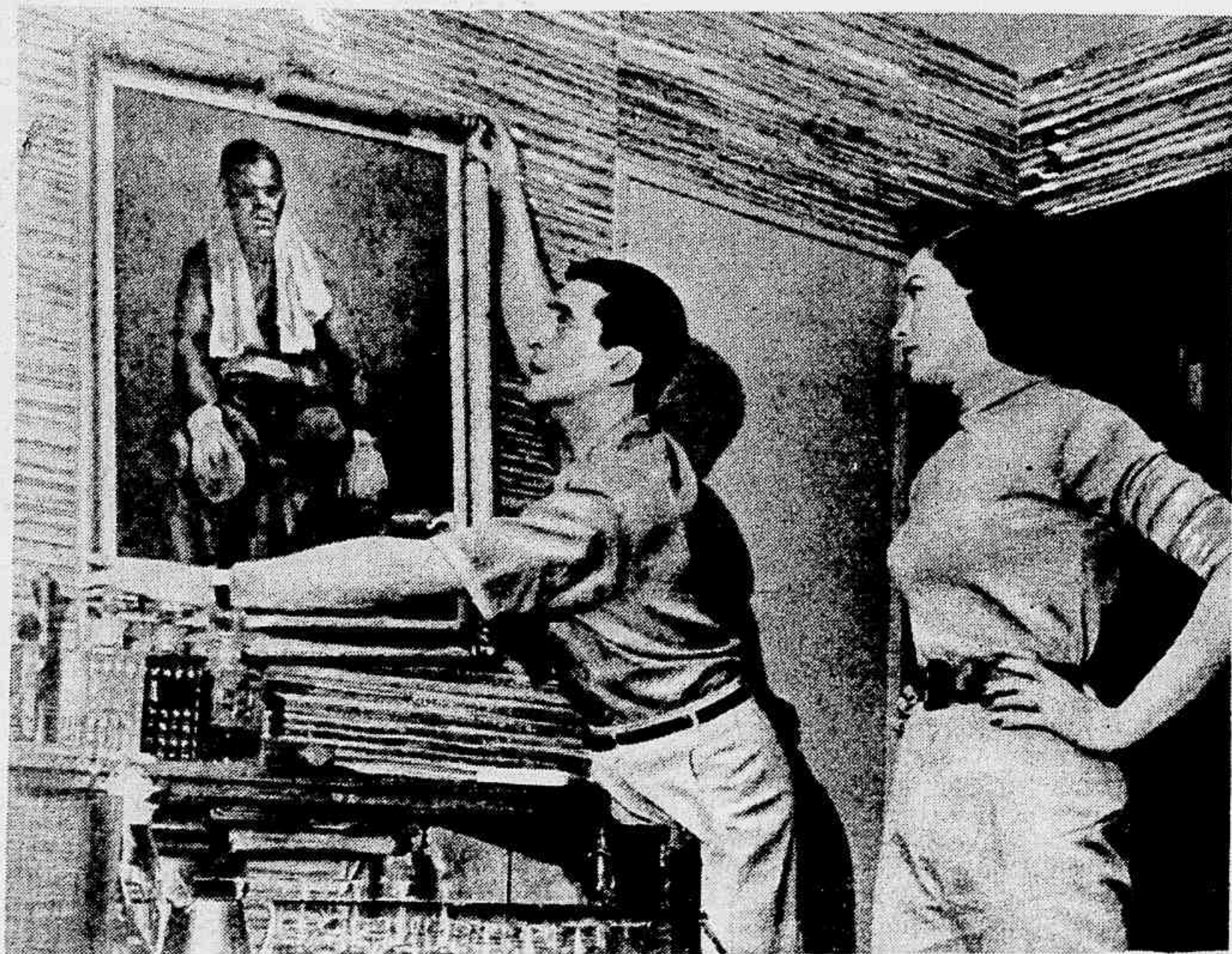
MARGARET VOLTA A CENA

◆ A princesa Margaret voltou novamente ao cartaz. Depois que os jornais ingleses agitaram novamente o que se chamou de «caso Townsend», muito se tem falado sobre a simpática Margaret. Agora dizem que ela se casará nos EE.UU. com o coronel, repetindo em outras circunstâncias o procedimento de seu tio. Enquanto isso, Margaret viaja (foto) e procura dar a impressão de inteiro alheamento.

◆ DOREEN DENNING (foto), bela e desconhecida sueca, que participou de um concurso organizado por Otto Preminger para descobrir uma intérprete para a sua próxima produção que será «Santa Joana», de Bernard Shaw. Doreen tirou o primeiro lugar entre 15 mil candidatas da Europa. Agora vai disputar a finalíssima com a 1ª colocada dos EE.UU. Mas mesmo derrotada é evidente que será contratada pelo cinema infalível americano.



◆ ESTES DOIS belíssimos cavalheiros (perdão, cachorros) foram os primeiros colocados numa exposição que se realizou há dias na Alemanha. Pertencem (ambos) ao mesmo senhor que se vê na foto, completamente feliz e satisfeito. Usa relógio de pulso, óculos e gravata borboleta (o dono), e os cachorros tomam leite, sopa e legumes, pois (ambos) têm aversão à carne.



«O CÉU É O LIMITE» DOS EE.UU.

◆ Este cavalheiro que está tentando ajeitar um quadro na sua nova residência, é Hal March, mestre de cerimônia e animador do programa «a pergunta dos 64 mil dólares» no qual se inspiraram todos os outros programas do mundo (do gênero), inclusive o nosso «O Céu é o Limite». Hal é absolutamente frio (quase desinteressado) quando trabalha e não provoca fanatismo ou mesmo admiração nos telespectadores. Ao contrário de Mike Bongiorno, que é um ídolo na Itália porque anima um programa semelhante.

♦ **PETER KLOUDA** (foto) de 4 anos de idade, filho de um diplomata em serviço em Londres, foi recebido solenemente na sede da associação que protege os animais. Motivo: com risco da própria vida, salvou seu gato de estimação do ataque de um enorme e enfurecido cão. Quando o cão (que era um verdadeiro gigante) atacou seu gatinho, Peter avançou contra ele a socos e pontapés, e obrigou-o a fugir.



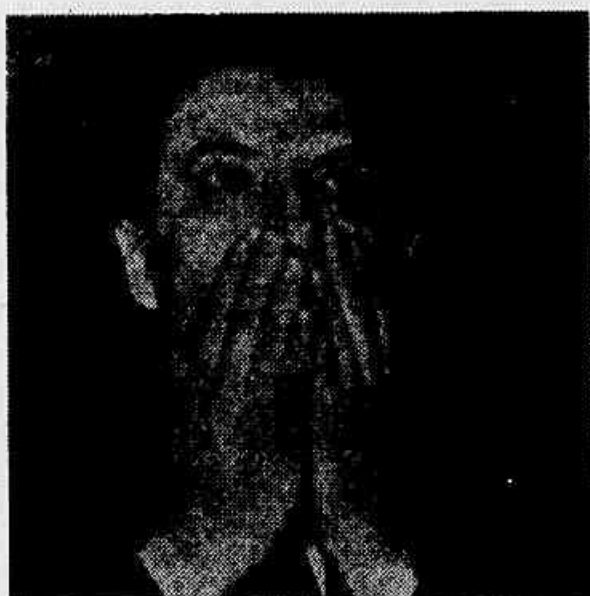
A AVÓ MAIS JOVEM (30 ANOS) DO MUNDO

♦ A senhora **Libera Saponaro** (Brindisi, Itália) pode ser considerada a avó mais jovem do mundo. Tem apenas 30 anos. Nasceu em 1926. Casou-se em 1940. No mesmo ano teve uma filha, **Lúcia**, que casou em dezembro de 55. E agora nasceu-lhe a neta, **Carmela Picciolo**. Vivem em Brindisi (foto), na mesma casa.



PAVOR DE BRANCOS

♦ Esta menina que se vê no colo de sua mãe, já esteve (há 3 anos) nas manchetes de todos os jornais do mundo, quando nasceu unida pelo ventre a um irmão siamês. Uma operação salvou-a, mas seu irmão teve que ser sacrificado. **Boko** (seu nome) ficou 6 meses entre a vida e morte, mas finalmente escapou. Mas ficou com uma estranha repulsão (verdadeiro terror) por pessoas brancas. Ao ver qualquer uma, sai apavorada, e não há nada que consiga corrigir essa anomalia.



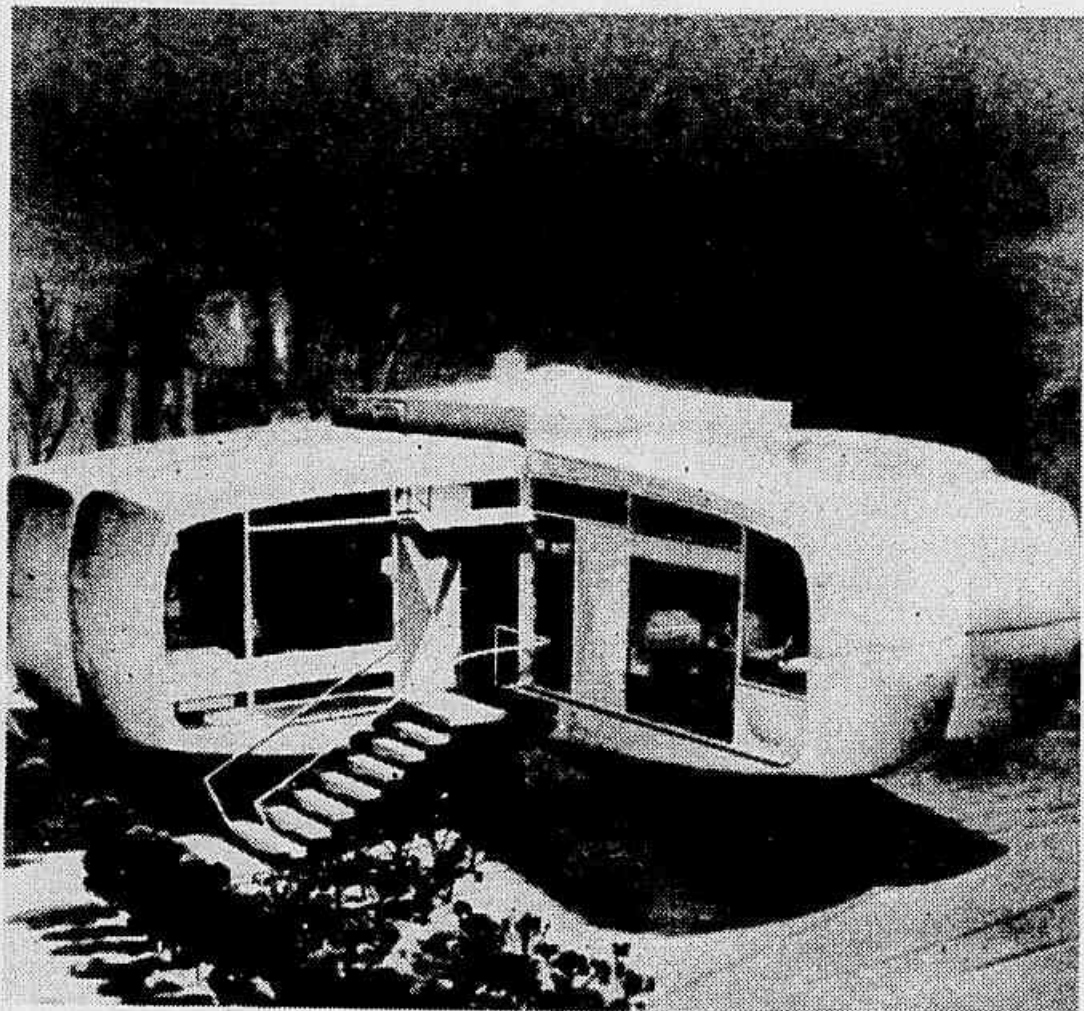
♦ **VITOR KRAVTCHENKO** (foto), autor do famoso «Eu Prefiro a Liberdade», voltou a figurar nas notícias dos jornais. Kravtchenko que vive aterrorizado, pois receia uma vingança soviética, foi atacado em sua casa de Nova York por dois desconhecidos. Imediatamente reagiu a bala, ferindo um dos assaltantes. Kravtchenko vive com o nome falso de **Peter Martin** e a polícia declarou que a revelação da identidade que usa agora, vai lhe trazer ainda maiores perigos.

♦ **VILORESİ** (foto), o popular campeão de automobilismo, sofreu um acidente (mais um na sua longa carreira), no circuito de Castel Fusano, na Itália. Dizem que o acidente foi pavoroso. A máquina de Viloresi saltou da estrada, jogando seu piloto em cima da multidão. Ao primeiro momento Viloresi foi considerado em estado desesperador. Mas depois de uma operação urgente, foi colocado fora de perigo, apesar das várias fraturas.



VOANDO ALÉM DA LUA

◆ Este avião supersônico (foto) dos EE.UU., dá a impressão que finalmente os homens conseguiram o seu sonho: ir além da lua. No entanto é apenas um curioso jogo fotográfico e de perspectiva, realizado por um fotógrafo de bordo de um avião que voava a 5.000 metros. Esta visão curiosa foi colhida nos céus de Las Vegas.



A CASA DO FUTURO

◆ Apresentada numa exposição nos EE.UU. (poderia ser em outro lugar?) isto aqui (foto) é considerada a casa do futuro. Totalmente construída em matéria plástica, dizem que concentra o máximo em matéria de conforto e bem-estar. Os leitores concordarão? Como curiosidade informe-se que foi o «stand» mais visitado da exposição.



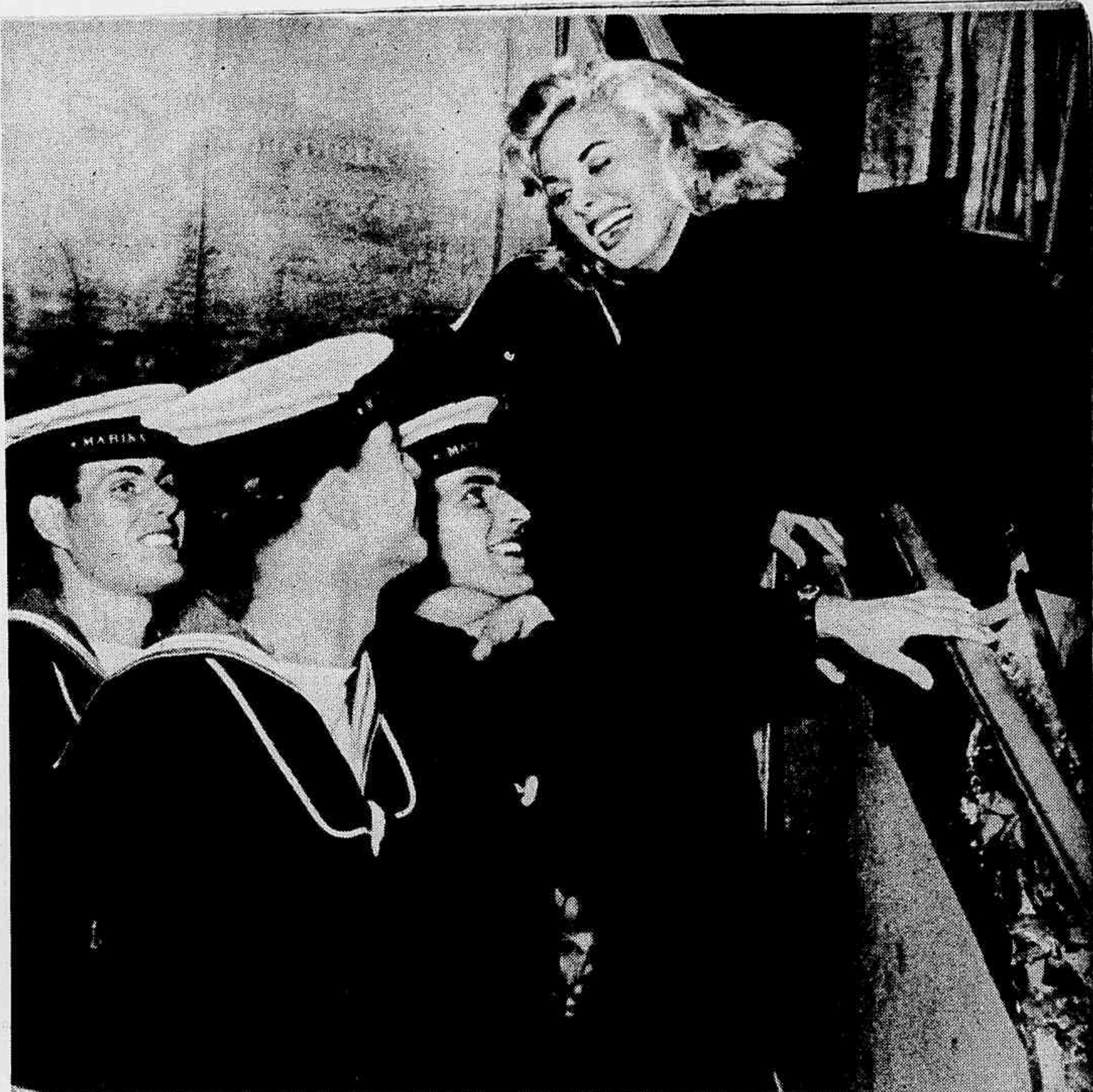
12 MIL QUILOMETROS PARA CASAR

◆ A professora americana Dorothy Dalquist, viajou 12 mil quilômetros para casar. Sendo professora nos EE.UU. não pôde acompanhar seu noivo (sargento americano) que foi transferido para Teheran, na Pérsia. Mas por gentileza de uma companhia de aviação a professora pôde finalmente encontrar seu noivo e em paz contrair matrimônio com ele.

22 MILHÕES DE LIRAS E UM NOIVO

◆ Esta jovem ganhou 22 milhões de libras no «Céu é o Limite da Itália» (Lascia ou Raddoppia) respondendo perguntas sobre ciclismo. Ganhou também mais 22 milhões do ex-rei Farouk e um noivo, o famoso ciclista Guido Boni. Sua mãe, não agüentando as emoções do programa, teve um colapso nervoso e foi hospitalizada seriamente durante 15 dias. Na foto, a heroína, sua mãe e o noivo.

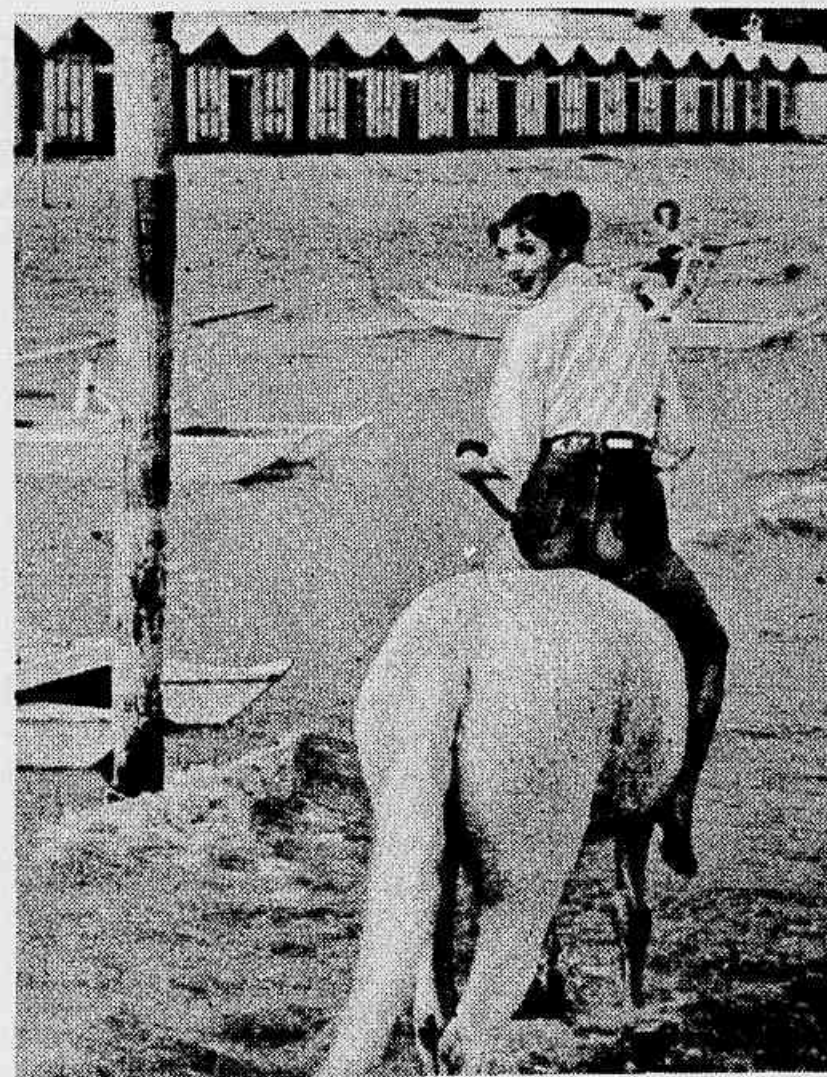




DE DEUS

UM FILME SOBRE O HOMEM-RA

♦ O comandante Crabb, o famoso mergulhador inglês, misteriosamente desaparecido, vai ter sua vida transformada num filme. O produtor e diretor será Vitorio De Sica. A artista principal será Sandra Milo que é vista na foto deixando Ciampino, em viagem a Londres onde vai filmar.



ESPORTES NA ALEMANHA

♦ Depois da guerra, intensificou-se na Alemanha a prática de esportes. E as mulheres, saíram de casa e começaram a praticar todos os esportes conhecidos (foto à esquerda) e até a inventar alguns (foto à direita). Como se chamará esse que essa bela jovem está praticando? Será hipismo aquático?

EU SEI TUDO

DE JANEIRO

★ AGORA, A BARREIRA DO CALOR (INIMIGO DAS GRANDES VELOCIDADES) ★ ÉSTES SE TORNARAM REIS... POR QUE NÃO O LEITOR? ★ FORRANDO A CASA COM PELE HUMANA ★ NÃO BASTA O CANAL DO PANAMÁ ★ FOGUETES ATÔMICOS DISPENSARÃO AS DIVISÕES BLINDADAS? ★ OS MARAVILHOSOS E INQUIETANTES «ULTRA SONS» ★ O PRIMEIRO PASSO PARA A LUA ★ OS DENTES NÃO SÃO CULPADOS ★ COM A PALAVRA OS INVENTORES (COISAS QUE NÃO TEMOS MAS GOSTARÍAMOS DE TER) ★ A ÚLCERA DO ESTÔMAGO, MOLÉSTIA BENIGNA

EU SEI TUDO

PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa

A CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

Correm rumores (fortes) sobre mudanças na presidência e liderança da Câmara e vice-presidência do Senado. Único lugar garantido: o sr. Filinto Müller da liderança da maioria do Senado.

★

O Vasco é o campeão. Seu time jogou bem, inegavelmente. Mas a sua famosa «comissão de compras» jogou melhor. E embora seja difícil provar alguma coisa, há fortes suspeitas sobre a atuação de Pinheiro e Castilho no jogo do turno; de Rubens do Botafogo no jogo do retorno; de alguns elementos do América no recente jogo e finalmente há quase que certeza que o sr. Eunápio de Queiroz foi conversado antes do jogo com o Bangu. Pois o primeiro gol anulado e a expulsão do mestre Zizinho (naquelas circunstâncias) são mais que simples coincidência.

★

A Marinha comprou um porta-aviões por 32 milhões de dólares, não se sabe com autorização de quem. Outros detalhes: o porta-aviões é velho, está na Inglaterra e vai ser reparado (por conta do Brasil) nos estaleiros da Holanda. Comenta-se: para que porta-aviões se a Marinha não tem aviões?

★

Mais cedo do que se pensa virá a reforma ministerial. Será total (inclusive pastas militares) e só um ministro continuará no cargo: o brigadeiro Henrique Fleiuss.

★

Já assentado: em 1958 na eleição para o Senado o sr. Alencastro Guimarães será candidato pela UDN. Vai ser difícil derrotá-lo.

★

Experts econômicos garantem que no fim de janeiro o dólar estará a 100 cruzeiros.

★

As últimas delegações «culturais» que têm saído do Brasil estão sem sorte. Na da UNESCO morreu Santa Rosa. E na da ONU parece que morreram todos, pois não se tem a menor notícia de uma delegação tão numerosa.

★

Inflação de diretores de revistas, no Miramar, na última seção de quinta-feira. Estavam lá, Acioly Neto de «O Cruzeiro»; Nahun Sirotsky de «A Manchete», Amaral Neto de «Maquis» e Anselmo Domingues da «Revista do Rádio».

★

Magnífico o novo suplemento dominical do «Jornal do Brasil». Parabéns ao sr. Reinaldo Jardim.

★

Napoleão Muniz Freire (o excelente ator e cenógrafo) do grupo do «Tablado», será o cenarista do novo filme de Nelson Santos, «Rio, zona norte».

★

«O Globo», «Última Hora», «Radical» e «Correio da Manhã», já fizeram reportagens sobre a angustiosa situação da zona sul, ameaçada de ficar sem cemitério, pois o São João Batista está superlotado. Mas como a Prefeitura está às portas da falência, o assunto fica sem solução. E os enterros da zona sul vão indo para outros cemitérios ou custando verdadeiras fortunas.

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta :

“Ouvimos a **RÁDIO RECORD** perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da **RÁDIO RECORD** — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

DEBATE SÔBRE DIREITO DE GREVE NA UNIÃO SOVIÉTICA

MINDSZENTY: — Queria a restauração do domínio dos Habsburgos.

Por HERMANO NOBRE ALVES

- ♦ A notícia de uma interrupção voluntária do trabalho, na Fábrica Kaganovitch, de esferas de rolamento, em Moscou, reacbre o debate sobre o direito de greve na União Soviética. O falecido ditador Josef Stalin — que, por coincidência, era cunhado do dirigente soviético Lasar Kaganovitch — dizia que a greve, na União Soviética, não passava de uma atividade de sabotagem. A tese stalinista que hoje, apesar de todos os ataques à política de Stalin, ainda é o ponto de vista oficial do governo russo, partia da premissa de que a União Soviética é um Estado Operário. Os trabalhadores, fazendo greve, estavam agindo contra os seus próprios interesses. Diante disso, o governo enviava a polícia política para proteger os interesses da classe operária, coisa que ela fazia ao prender e deportar os trabalhadores que protestavam contra normas industriais determinadas à esmo pela burocracia ou contra administradores irresponsáveis e corrompidos.

O argumento stalinista volta a ser repetido pela burocracia do Partido Comunista do Brasil, com referência ao movimento grevista em Moscou. O chavão com que se começa ou termina uma discussão é o seguinte:...

... — «Na Rússia, a greve não é necessária».

Essa afirmativa vem se chocar com a opinião de Lenin. O líder da revolução bolchevique, falando, em 1921, no 10º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, afirmou:

— «O nosso governo é operário, com uma deformação burocrática. O

proletariado, organizado até o último homem, deve proteger-se contra o nosso governo atual. E devemos utilizar as organizações operárias, para a proteção dos trabalhadores, contra o seu próprio governo».

Planos de Wladislas Gomulka para a religião católica, na Polónia:

1. Restabelecimento da educação religiosa nas escolas para os estudantes que a queiram.
2. Liberdade de prédica para todos os sacerdotes.
3. Reaparecimento do «Tygodnik Powszechny», semanário católico que fôra fechado em 1953.

O primeiro ponto já foi pôsto em execução. Os católicos, em troca, prometem não procurar mais influir nos assuntos políticos. Terão autonomia administrativa e receberão a garantia de que o Estado deixará de querer formar — em seminários próprios — o clero católico. Os católicos prometem não fazer campanha contra o comunismo, como sistema econômico. O cardeal Wyszynski não sofreu torturas como as do cardeal Mindszenty, na Hungria, mas não participava tão ativamente do jogo político como este (Mindszenty queria a restauração dos Habsburgos). Compreendeu, rapidamente, a necessidade de reforçar Gomulka e tem agido de acordo com o governo polonês — contra os interesses da União Soviética.

FRONDIZI E OS MILITARES

- ♦ «Os militantes da América Latina têm, diante de si, uma grande oportunidade. Abre-se, para eles, o caminho histórico de continuar as tradições dos exércitos da independência, que lutavam pela liberdade e pelo bem-estar dos povos.

«Até 1945, houve a pretensão de atraí-los para a Alemanha, centro de poder que lhes era apresentado como inexpugnável, à base de uma suposta superioridade técnica. Destruída aquela experiência, pretende-se que sirvam a um novo centro de poder — os Estados Unidos

— como se não pudéssemos realizar uma política internacional independente e como se a solução dos problemas mundiais só possa ser encontrada na estrada da guerra.

«Militares e civis, ao contrário, não devemos pensar em entregar a nossa consciência e o nosso destino, de seres humanos e argentinos, a qualquer dos centros de poder, chamem-se Estados Unidos ou União Soviética, Grã-Bretanha ou Alemanha».

ARTURO FRONDIZI, *La Lucha Antiimperialis-*

ta, Ediciones Debate, Buenos Aires, dezembro de 1955.

Frondizi é candidato à Presidência da República Argentina, pela União Cívica Radical. Atualmente, é o argentino que tem mais oportunidades de, pacificamente, conseguir o Poder Executivo. Fêz oposição ao ditador Juan Domingo Perón. A sua campanha se baseia na defesa do nacionalismo em matéria de petróleo, na promessa da reforma agrária e na ampliação das leis trabalhistas. Embora não participe do governo, a União Cívica Radical apoia o general Pedro Aramburu e o almirante Isaac Rojas.

KENNAN E O RACISMO

«Mas qual o efeito que nós pensamos vão ter, em outras terras, sobre centenas de milhões de pessoas de cor, as notícias, enviadas diretamente deste país, sobre o que se passa no terreno das relações raciais? Qual o efeito que acreditamos vai ter a fotografia do automóvel de Autherine Lucy, cercado pela malta, enquanto um homem dá pulos sobre a capota, procurando, aparentemente, rompê-la com os tacões?

«Tudo isto é mostrado ao mundo como exemplo do que acontece à moça de cor que deseja, em seu país, a instrução de nível superior. Essa fotografia, para os comunistas, vale mais do que todas as mentiras que eles inventam numa década.

«Quem, então, envenena as fontes da opinião mundial? Nós ou os russos? Ambos, sem dúvida. Nós por inadvertência. Eles, propositadamente. O fato, porém, é que nós não deixamos de fazer a nossa parte».

GEORGES KENNAN, *Overdue Changes in our Foreign Policy*, Harper's Magazine, agosto de 1956.

Kennan é do Instituto de Estudos Superiores, da Universidade de Princeton. Com dois artigos, de 1947, delineou a chamada **containment policy**, ainda hoje seguida pelos Estados Unidos. Foi nomeado embaixador em Moscou, em 1952. Stalin, porém, recusou-lhe o **agreement**. Se Stevenson ganhasse as eleições, Kennan orientaria a política norte-americana com relação à Rússia. Mas Eisenhower ganhou e não serão ouvidos os argumentos de Kennan.

NASSER E O MARXISMO

«Não me transformarei em títere, satélite, laço ou instrumento de ninguém. Do mesmo modo porque decidiu ser independente em matéria política, o Egito está disposto a manter-se ideologicamente independente — afastado de ideologias estrangeiras como o marxismo, o fascismo, o racismo, o colonialismo, o imperialismo e o ateísmo, todas elas originárias da Europa».

GAMAL ABD-EL NASSER, em discurso, na Rádio do Cairo.

O chefe do governo egípcio fez este discurso depois de conferenciar longamente, com o embaixador norte-americano, Raymond A. Hare. Nasser faz sondagens, junto aos Estados Unidos, para um empréstimo, a título de reparação pelos danos que a intervenção anglo-franco-israelense causou ao Egito. O objetivo do seu discurso foi dizer aos americanos que não é instrumento da União Soviética e que não perseguirá os judeus que residam no Egito.



LENINE: — «O proletariado deve proteger-se contra o seu próprio governo».



PERÓN: — A Argentina ainda gira em torno dele. As eleições se aproximam e ainda é um trunfo.



NASSER: «Não me transformarei em títere, satélite, laço ou instrumento de ninguém».

CONFIDENCIAL

IMRE NAGY, chefe do governo revolucionário da Hungria, aprisionado pelas tropas russas quando deixava, sob garantia do títere Janos Kadar, a embaixada da Iugoslávia, foi levado para a Romênia, onde recebeu a visita de Georgi Malenkov, ex-premier da União Soviética. Foi Malenkov quem, em 1953, sugeriu a substituição por Nagy, do stalinista Matia Rakosi. Nada se soube da conferência entre Malenkov e Nagy a não ser a informação, pura e simples, fornecida por fontes insuspeitas.

VISITANTES BRASILEIROS que, recentemente, estiveram na Iugoslávia, ficaram espantados com o grande número de retratos do marechal Tito que encontraram — de todos os tipos e tamanhos, com as vestimentas mais diversas — por toda a parte. Há mais retratos de Tito do que havia de Vargas, durante o Estado Novo, no Brasil. O «culto da personalidade» do homem que enfrentou Stalin é um fato que, de certo modo, envergonha os quadros mais jovens do Partido Comunista da Iugoslávia.

O ESTADO MAIOR Conjunto, das Forças Armadas dos Estados Unidos, sugeriu ao Departamento de Estado que obtivesse da ONU o embargo de armas para qualquer nação do Oriente Médio. Na opinião do Estado Maior Conjunto, o embargo seria garantido pela 6ª Esquadra Norte-Americana, que serve no Mediterrâneo, e que seria colocada à disposição da ONU.

UM DOS SEGREDOS mais cuidadosamente guardados, hoje em dia, na Inglaterra, é o do aparecimento de um fantasma no Castelo de Edinburgo, na Escócia. Trata-se de um soldado, de quase dois metros de altura, vestido de negro. Especialistas que estudam o caso — ouvindo depoimentos de sentinelas e criados do castelo — já descobriram a identidade do fantasma, que é mantida em sigilo. Casos como este são levados muito a sério pelos ingleses e escoceses. A aparição de um fantasma pode causar a desvalorização de uma propriedade, de acordo com decisões judiciais. Esta notícia não foi publicada nos jornais ingleses. Foi transmitida, em confiança, por um dos especialistas em fantasmas da Escócia, a um brasileiro — Paulo Emílio de Sales Gomes — que pretendeu fazer um filme sobre aparições da Grã-Bretanha.

O CONSELHO MUNDIAL da Paz deverá sofrer um expurgo por não ter apoiado a invasão da Hungria pelas forças russas. O Conselho, que é financiado pela União Soviética, foi que lançou, em 1950, o famoso «Apelo de Estocolmo». Desta vez, houve sérias divergências, sobre o caso húngaro, não se chegando a uma conclusão.

O PARTIDO DEMOCRATA, nos Estados Unidos, está pensando em candidatar a sra. Anna Rosenberg — que já foi secretário da Defesa adjunto — ao cargo de presidente do Conselho Municipal de Nova York. Em 1958, o prefeito de Nova York, Robert Wagner, vai se candidatar ao Senado. Se ele ganhar e Anna for presidente do Conselho, a maior cidade do mundo terá por prefeito uma mulher. O presidente do Conselho é o substituto legal do prefeito.

OS MILIONÁRIOS DO TURFE

RIGONI, É O ÍDOLO INESQUECÍVEL — BEQUINHO É O ÚNICO QUE ESTÁ «PINTANDO» COMO SEU SUCESSOR — MARCHANT, O DISPLICENTE E ULHOA O ETERNO E INACABÁVEL — ERNANI, 57 ANOS DE IDADE E 45 DE TURFE — O ESTETA DO TURFE: IRIGOYEN — O CHILENO DE MAIS SORTE: CASTILHO — GONÇALINO AINDA TEM SAUDADES DO SUL — UBIRAJARA CUNHA E SUA REGULARIDADE — O FENÔMENO LEVI FERREIRA — JORGE MORGADO, REPRESENTANTE DE UMA FAMÍLIA DO TURFE — HOMENS QUE GANHARAM FORTUNAS, QUE PERDERAM OU QUE FIZERAM A INDEPENDÊNCIA

Reportagem de JORGE CAMPOS

● Se alguns profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros, etc.) soubessem quanto ganham alguns jockeys e treinadores, na certa começariam a fazer um intenso regime para emagrecer e apareciam nas manhãs da Gávea disputando montarias. Pois na verdade, é bastante tentador o que ganham certos rapazes (e alguns senhores) que se dedicaram à profissão de montar e tratar cavalos de corrida. Um Manoel Bezerra da Silva (com 19 anos) chega a fazer 200 contos por mês. Um Ernani de Freitas, um Marchant, Irigoyen e Castilho vão pelo mesmo caminho ou pouco menos. E um Rigoni (que deixou as pistas no auge do prestígio) depois de liderar durante 6 anos seguidos as estatísticas, passava facilmente dessa soma. Até mesmo os mais modestos conseguem fazer seus 30, 40 ou 60 contos por mês. Basta calcular pelas estatísticas de prêmios ganhos, levando-se em conta que jockeys e treinadores ganham 10 por cento sobre os prêmios conquistados, fora o recebido pelas montarias e o preço estipulado do trato. Não se leva naturalmente em consideração o jogo, pois se alguns conseguem ganhar, outros (quase todos) se arruinam totalmente.



◆ GONÇALINO FEIJÓ — Um gaúcho simpático (meio dado às bicicletas) que começou montando os cavalos de seu irmão Osvaldo. Mas logo abandonou as pistas, e passou a ser treinador. Tem 46 anos, já ganhou muito dinheiro mas não tem casa nem automóvel. Dizem que joga fortunas, ganhando e perdendo com a mesma calma. Mas seus íntimos informam que ganha muito mais do que perde, e que seu pé de meia é tão respeitável que precisa ser guardado em lugar secreto e ignorado de todos.

Luis Rigoni é o mestre incontestado e insuperado no turfe brasileiro. Há um ano que todos vivem na expectativa de que volte às pistas. Vítima de grave doença, entregou-se ao dr. Mário Jorge, e parece que finalmente, dentro em pouco voltará aos braços dos seus admiradores como de tantas outras vezes.





FRANCISCO IRIGOYEN

♦ O «Pancho» é tão elegante e eficiente, que (dizem) pode correr um grande prêmio, de terno branco e chegar com a roupa imaculada. Mas é meio displacente. Numa corrida de mais de 2 mil metros, se tiver um cavalo apenas razoável ninguém ganha dele pois é um mestre em calcular uma carreira. Tem 36 anos e está no Brasil desde 1946, sempre no stud Seabra, de onde é o verdadeiro líder. Inclusive já

provocou a saída de vários treinadores do stud. Tem uma excelente casa na Lagoa, recebe quase tão bem quanto a sra. Nana Winnans, possui um belo automóvel, e pensa ficar no Brasil o resto da vida e mais 6 meses. Quando parar de ser jóquei já resolveu, será importador de cavalos.

UBIRAJARA CUNHA

♦ O popular «Bira» é um dos mais sérios e compenetrados profissionais da Gávea. Alinhadíssimo, tem inspirado paixões monumentais. Tem automóvel elegante, 2 apartamentos (já teve 4), e no momento é exclusivo do Stud Delta, o de mais sorte e que há muito tempo está com a «bola branca» na Gávea. Tem 24 anos, começou a montar com 17, e quando



deixar de ser jóquei não quer saber mais de cavalos. Sua grande preocupação: a segurança da família (mãe e irmãos) que procura garantir, trabalhando com esforço, dedicação e muito senso de responsabilidade. Joga quase sempre e é leal quando dá informação aos amigos.

OSVALDO ULHOA

♦ Chileno do primeiro time. Ulhoa, já foi um dos donos da Gávea, e ainda defende a posição com unhas e dentes. Tem 44 anos, mas engana muita gente, quando numa reta parece um brêto de 20. Casado duas vezes, 3 filhos do primeiro casamento, mais de 2 mil vitórias, muito dinheiro no banco, propriedades no Chile, e uma vontade doida de não sair mais do Brasil. Monta desde os



13 anos, mas não demora muito e vai parar. Será então treinador, provavelmente no próprio stud Paula Machado. É torcedor do Flamengo, gosta de atletismo e dizem que nunca jogou um tostão em cavalos. Mas outros dizem que já jogou bárbaramente. É calado e sempre sorridente.



JUAN MARCHANT

♦ Veio para o Brasil com a fama de ser o maior jóquei nascido no Chile. E logo de saída confirmou, virando ídolo da Gávea. Veio contratado pelo sr. Peixoto de Castro. Já ganhou duas vezes a «tríplice coroa» com Quiproqué e Timão. Com Quiproqué ganhou mais de 1 milhão de cruzeiros só de comissões, fora a generosidade do sr. Peixoto de Castro. Tem 34 anos (parece mais) veste-se com elegância,

e gosta de box e de futebol. Tem dinheiro no banco, dá suas bicicletas de vez em quando, mas há pouco tempo quase se deu mal (apesar dos pistolões) com a «recueta» que aplicou no Radamés. Mas no fim ficou tudo bem pois seu santo é forte. Está atravessando um período ruim.

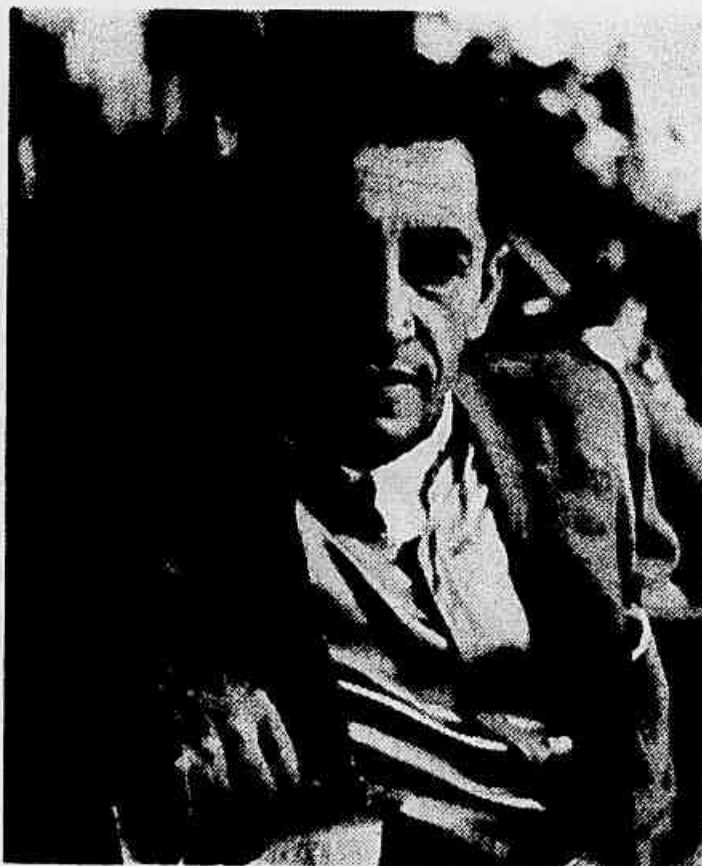
JORGE MORGADO

♦ 38 anos. Casado. 2 filhos gêmeos já com 16 anos. Um deles quer ser veterinário. Jorge começou no turfe com 18 anos levado pela indisfarçável inclinação da família. Mas montou pouco tempo. Chorou de emoção quando ganhou a primeira carreira com a égua Vicentina de propriedade do Stud Lundgren. Seu pai (também emocionado) foi buscá-lo na pista. Detesta o jogo (jamais jogou um tostão), não tem carro, ainda não conseguiu comprar um apartamento, mais vai indo muito bem e já tem um dinheirinho no banco. Mas a educação dos garotos é um sorvedouro de dinheiro. É um dos melhores (ótimo) elementos da Gávea.



EMIDIO CASTILHO

♦ É o chileno de mais sorte, e já foi o de mais «garra», quase invencível quando disputava uma carreira com vontade de ganhar. Hoje já está mais tranqüilo, e disputa os páreos com mais calma. Tem 40 anos, está no Rio desde 1944, mas vai todo ano à sua terra. Tem 4 filhos, uma casa magnífica no Leblon, um Oldsmobile 53, e joga altíssimo. Já deu



várias tacadas, ganhando inclusive 3 ou 4 bettings duplos sozinho. Já amoleceu muito páreo, mas quase não é suspenso. Tem mais de 1500 vitórias, gosta de jogar futebol na praia, será treinador, e no turfe tem uma verdadeira obsessão: ganhar um Grande Prêmio Brasil. Ainda não ganhou.

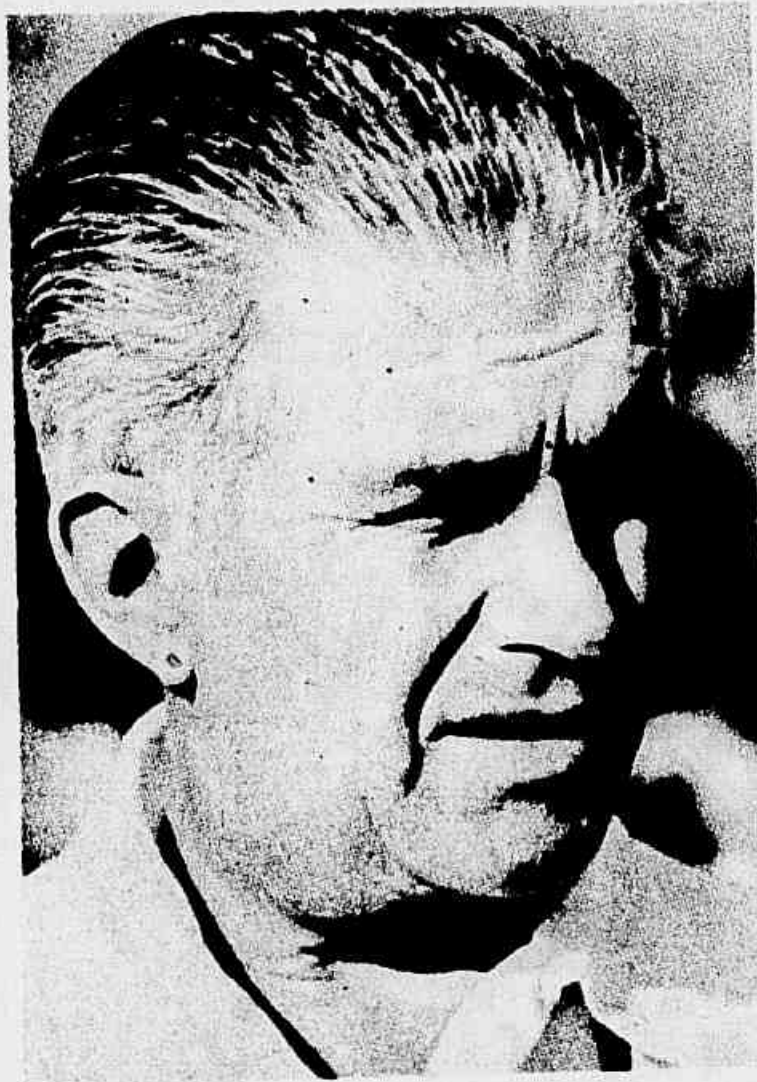
MANOEL BEZERRA DA SILVA



♦ E' no momento o profissional mais popular da Gávea. Aliás deixou de ser jóquei, e virou «mania» como seu mestre Luís Rigoni. Hoje é muito comum o apostador jogar o «bequinho» no duro, invertido em 2 e em 3. E ninguém se arrepende. Tem 19

anos, veio do Recife com um terno comprado a prestação, uma coragem monstruosa e muita vontade de vencer. Hoje é um respeitável proprietário de apartamentos (já tem 4), e pretende adquirir outros, o mais breve possível. Não tem automóvel (não gosta), acha cedo para casar, e apesar das duas suspensões longas que sofreu vai disparado na frente das estatísticas. Começou a montar com 13 anos. Origem quase desconhecida do seu popularíssimo apelido de «Bequinho»: na curva (onde geralmente se decidem os páreos) quando Manoel Bezerra quer entrar na valentia, nunca pede passagem como os outros. Grita sempre: «Me dá um bequinho, me dá um bequinho». E' um bom menino, e só tem uma mania que cultiva ferozmente: juntar dinheiro.

ERNANI DE FREITAS



♦ Dos brasileiros é verdadeiramente o número 1 e o inexgotável. Bom sujeito, sempre de excelente humor e com uma aparência de senador nordestino em férias na capital. Mas é carioca e nunca saiu daqui a não ser para ligeiras férias. Tem 57 anos, começou no turfe aos 12 anos, mas só montou 2 anos. Logo depois passava a treinador. Está no Stud Paula Machado desde 1932, mas antes já servia 8 anos com os

os mesmos padrões. Tem uma bela casa no Leblon (que vale hoje mais de 3 milhões), tem automóvel, e não joga em cavalos. Faz às vezes pequenas paradas, mas apenas como distração. Costuma dar boas indicações aos amigos. Quando diz: «não acredito», é porque o seu cavalo não ganha mesmo. Quando informa: «levo alguma fé» tudo pode acontecer, chegar longe ou ganhar disparado. Mas quando informa: «ninguém ganha do meu», então o leitor pode jogar a roupa porque a informação é seguríssima. Freitas não costuma falhar.



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada com o uso desse maravilhoso produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira do couro cabeludo; esta, com uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fernacieri, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



SEM COMPROMISSO

Eisenhower, surpreso, recebeu um caloroso telegrama de felicitações, assinado por Krushev.

★

Nasser ficou decepcionado com o recuo russo, no recente caso Inglaterra x Egito.

★

Motherland, na sua última peça, apresenta uma senhora, que

tendo que pagar a um médico ginecologista, pergunta: «Que prefere o senhor: 4 mil francos de boa vontade ou 8 mil e uma praga?» «6 mil e o vosso coração, senhora», responde o médico.

★

Hemingway não virá mais ao Brasil. Aliás segundo seus agentes ele nunca pensou seriamente em vir por estes lados.

★

Por FERNANDO PAULO

Stevenson já declarou a amigos que não será candidato a Presidência da República uma terceira vez. No entanto esse não é o pensamento do Partido Democrata, que já faz planos para 1960 na base de seu nome.

Foster Dulles, já restabelecido da recente enfermidade, conti-

nuará como Secretário de Estado, no novo período Eisenhower.

★

Adenauer não cansa de lamentar com os amigos a oportunidade perdida de visitar o Brasil, na posse do Presidente Juscelino. Quando tinha 18 anos e nenhum objetivo, sua idéia era vir tentar a vida no Brasil.

★

Mendes France, ex-premier francês escreveu uma carta a um amigo, dizendo «que um dos homens públicos estrangeiros que mais me impressionaram, foi o Presidente Juscelino. Seu discurso saudando Fauré de improviso e em francês, foi uma peça notável. Guardo indelével recordação de nosso encontro, em casa do dr. Paulo Bitencourt em Paris.

★

Churchill completou 82 anos, com a mesma disposição e jovialidade de quando tinha 50. Há quem diga que numa crise mais séria ele voltará ao governo.

★

Rossellini desmentiu que estivesse tratando do divórcio. Minha união com Ingrid Bergman é indissolúvel, declarou aos repórteres.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

A Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil, cuja nova sede acaba de ser inaugurada à Travessa Dr. Araújo, 115, na Praça da Bandeira, veio constituir empreendimento de magna importância para os funcionários que integram o quadro da nossa maior instituição bancária, porque com a sua criação, ficou resolvido o problema da obtenção de gêneros alimentícios, que tantos e tão grandes sacrifícios exige, principalmente das donas de casa. Na Cooperativa em aprêço os elementos que em-



Flagrante colhido na inauguração da Cooperativa, em que aparecem o dr. Artur Santos, Diretor da Carteira de Crédito Geral do Banco do Brasil; dr. Odilon Braga, Deputado Federal e associado da Cooperativa; sr. Manuel Tiradentes Vieira, Presidente da Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil.

NO LIMIAR DO ANO NOVO

A COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL INAUGURA SUAS NOVAS INSTALAÇÕES EM MODERNA SEDE PRÓPRIA

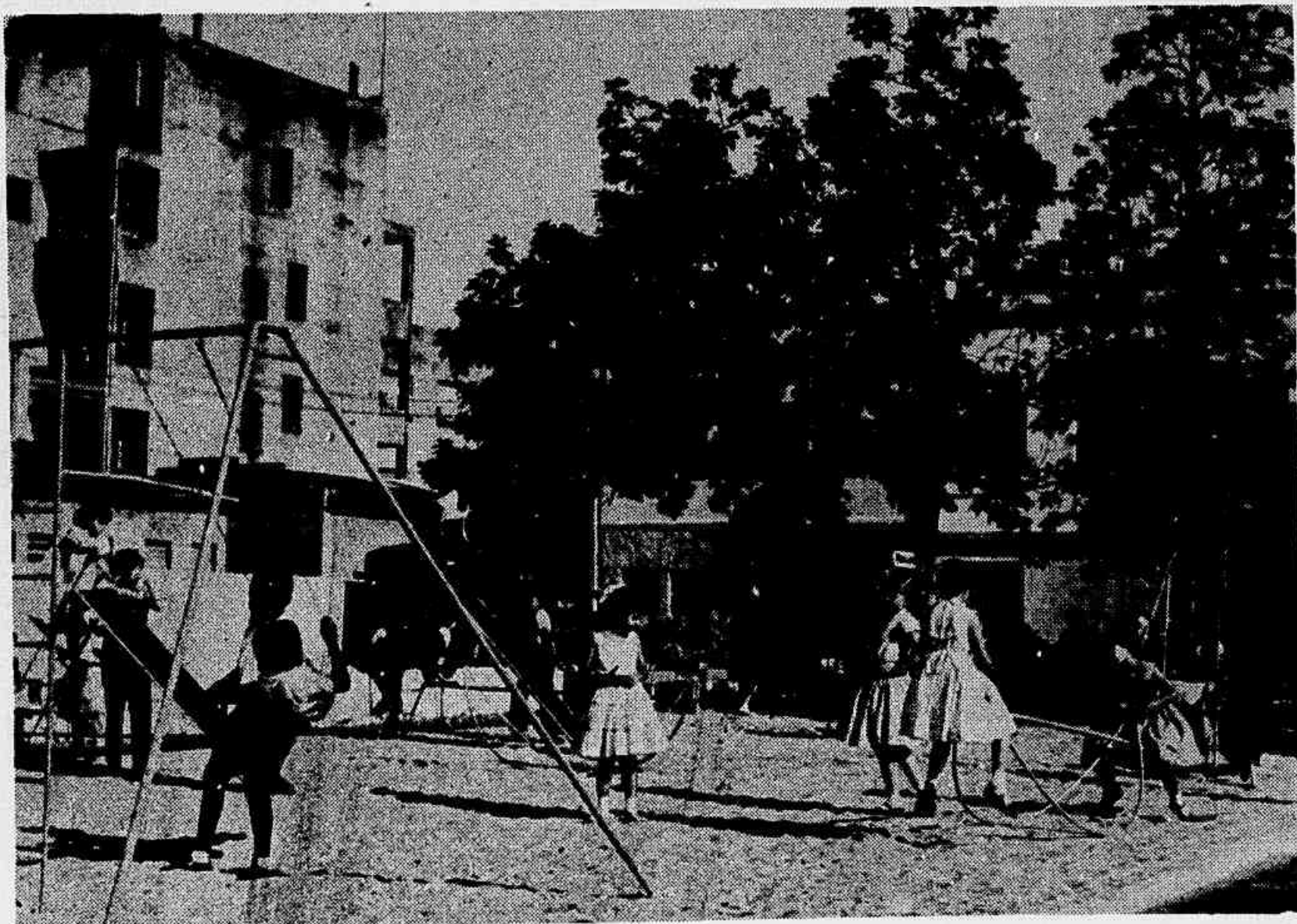
pregam as suas atividades no Banco do Brasil encontrarão, não somente a mais variada espécie de gêneros cuidadosamente selecionados para maior rendimento nutritivo, como, ainda contarão com a facilidade de, num só estabelecimento de construção moderna encontrar desde a geladeira ao leite em pó. Eis a razão das justas e elogiosas referências de que tem sido alvo o sr. Manuel Tiradentes Vieira, por parte dos funcionários do Banco do Brasil. O sr. Manuel Tiradentes Vieira, que tão sábia-mente se conduziu à frente da antiga coopera-

tiva, agora demonstra com a fundação da novel casa, um perfeito equilíbrio e apurado conhecimento das normas comerciais, a par de singular capacidade de trabalho e lisura de atitudes.

Dirigida com inteligência e capacidade, a fim de satisfazer as necessidades dos funcionários do Banco do Brasil, possui também a Cooperativa uma área de 22.000 metros quadrados no Recreio dos Bandeirantes, onde vem sendo feito em escala o plantio de verdura, a criação de

suínos e aves, que serão em tempo oportuno, distribuídos entre os associados. Essa iniciativa, além de significar considerável zelo do dirigente da Cooperativa pelos funcionários do Banco do Brasil, identifica-o ainda como cidadão de grande visão, e espírito profundamente democrático.

Com a recente inauguração da ampla e moderna sede própria da sua Cooperativa, os funcionários do Banco do Brasil estão de parabéns: ganharam um lindo presente de festas no limiar do novo ano.



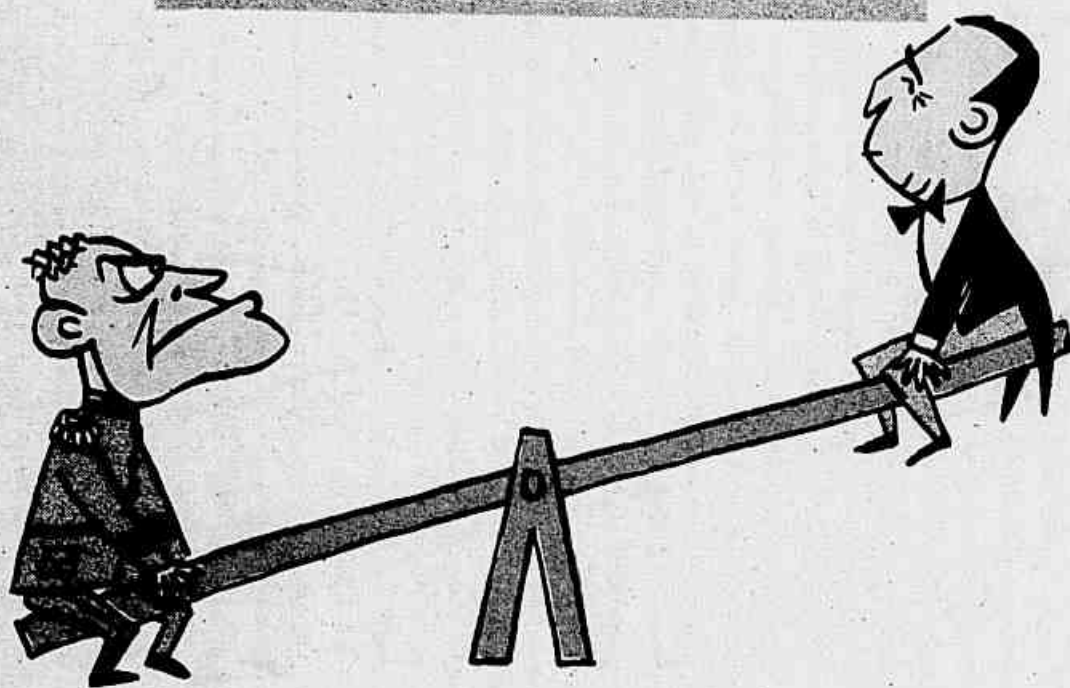
Em cima: Vista parcial da Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil, aparelhada para bem servir aos seus numerosos associados. A esquerda: Enquanto as famílias dos associados fazem suas compras na Cooperativa suas crianças podem divertir-se no «play-ground» construído para melhor comodidade dos clientes.

FORTUNA

(com votos de Boas Festas)
APRESENTA

BALANÇO

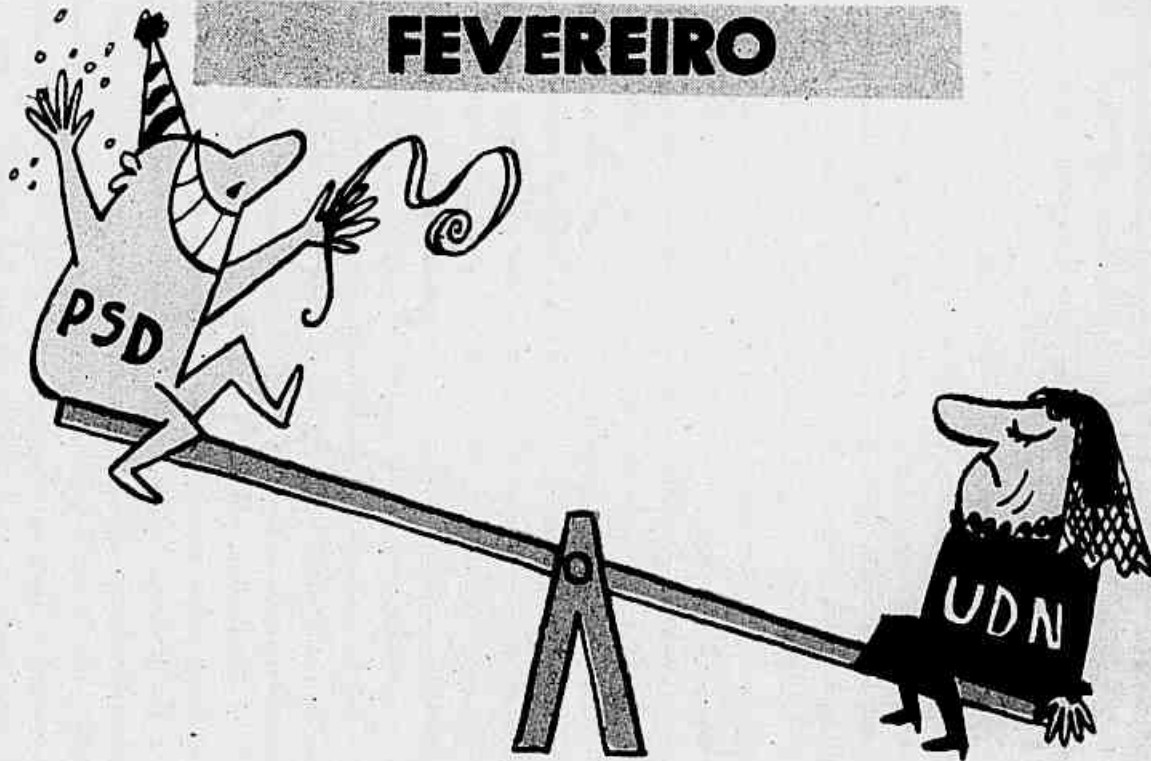
JANEIRO



Jota em baixo

Jota em cima

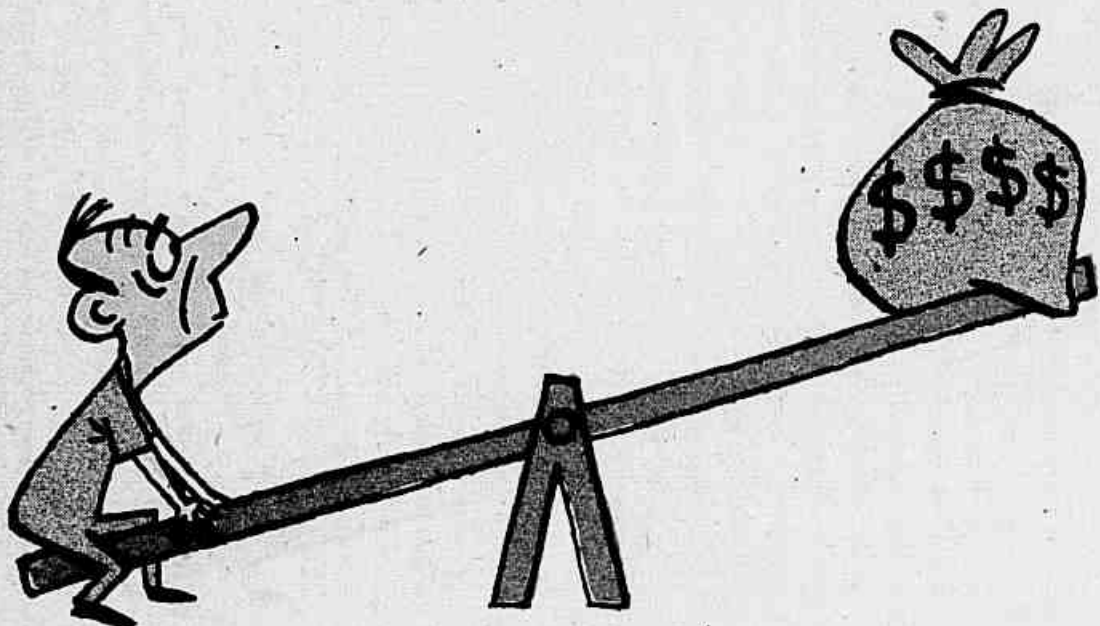
FEVEREIRO



Carnaval em cima

Cinzas em baixo

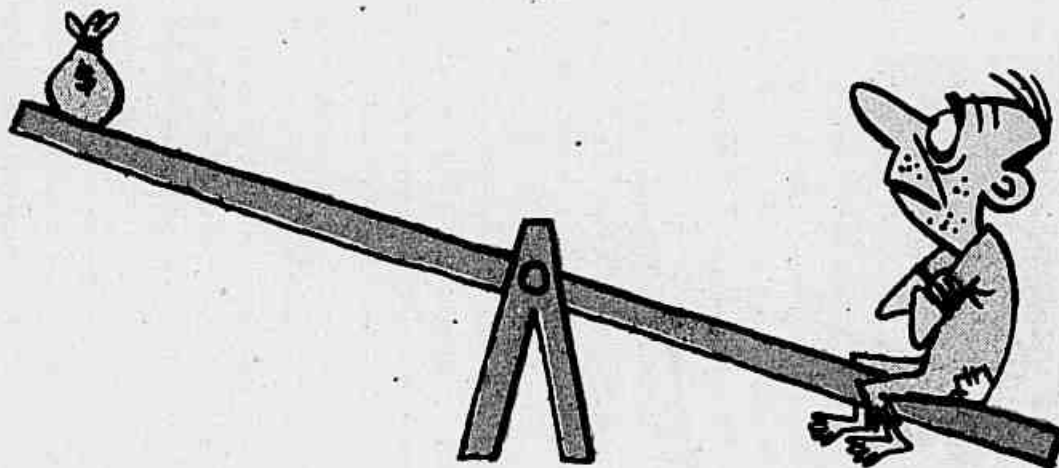
MARÇO



Salário em baixo

Custo da vida em cima

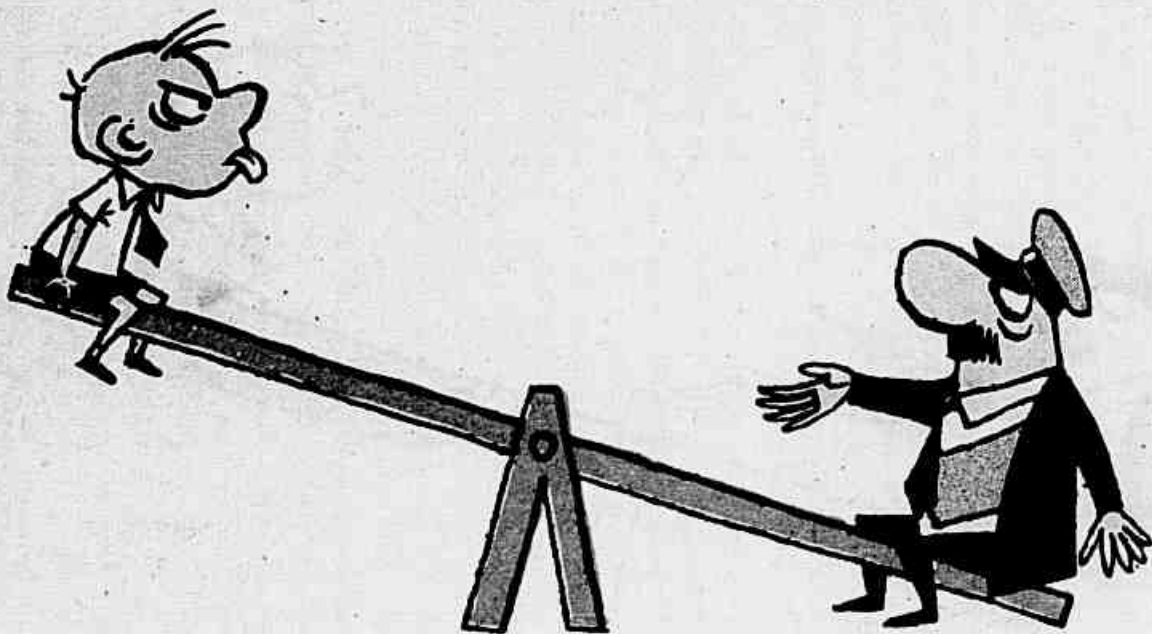
ABRIL



Salário em cima

Desempregado em baixo

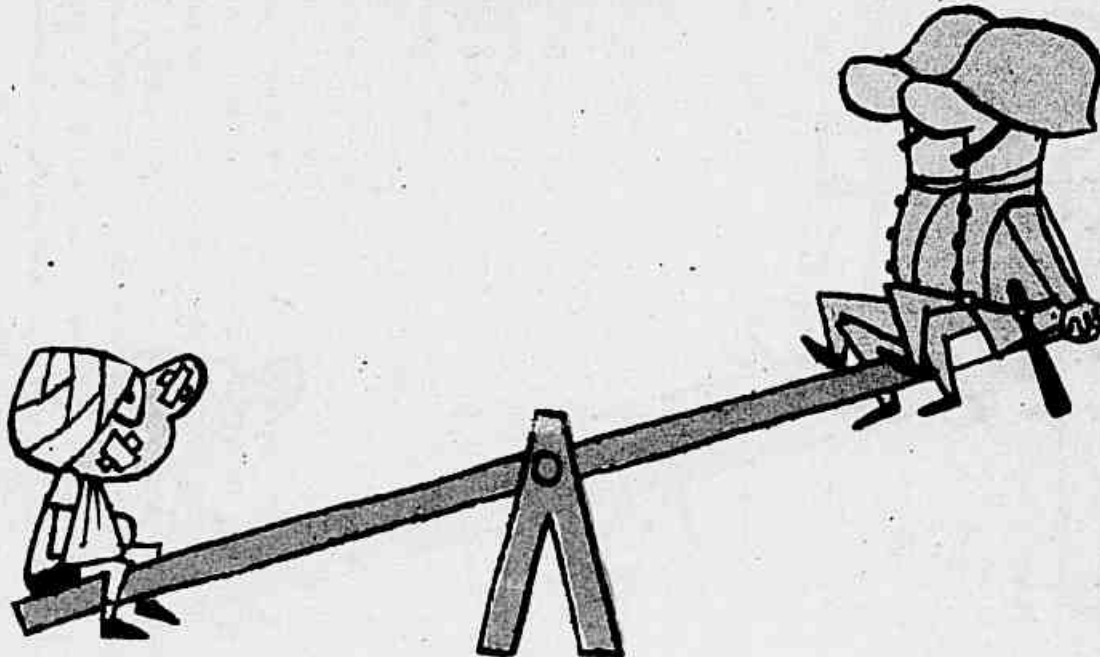
MAIO



Estudante em cima

Aumento de bonde em baixo

JUNHO

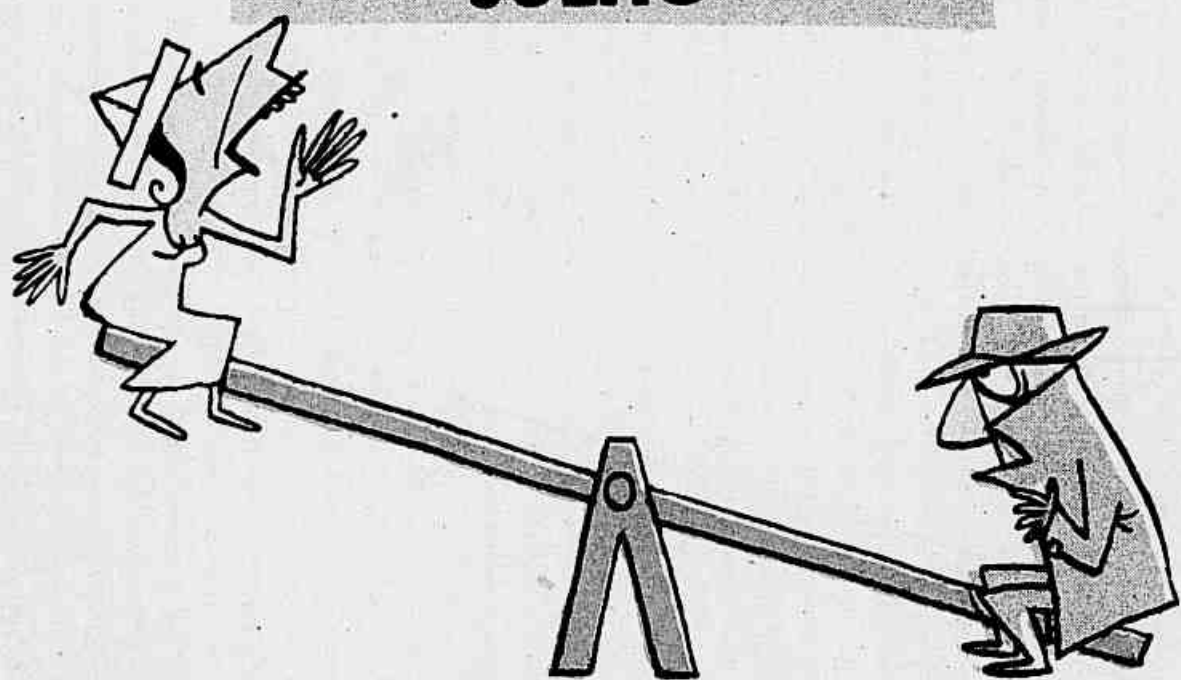


Estudante em baixo

Cosme e Damião em cima

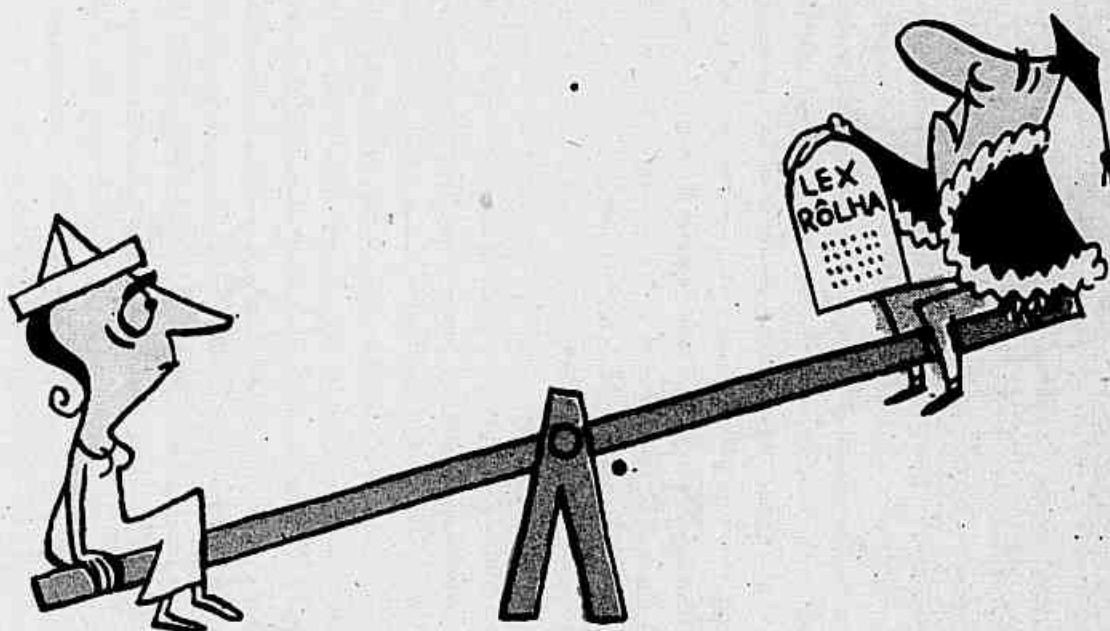
DE 1956

JULHO



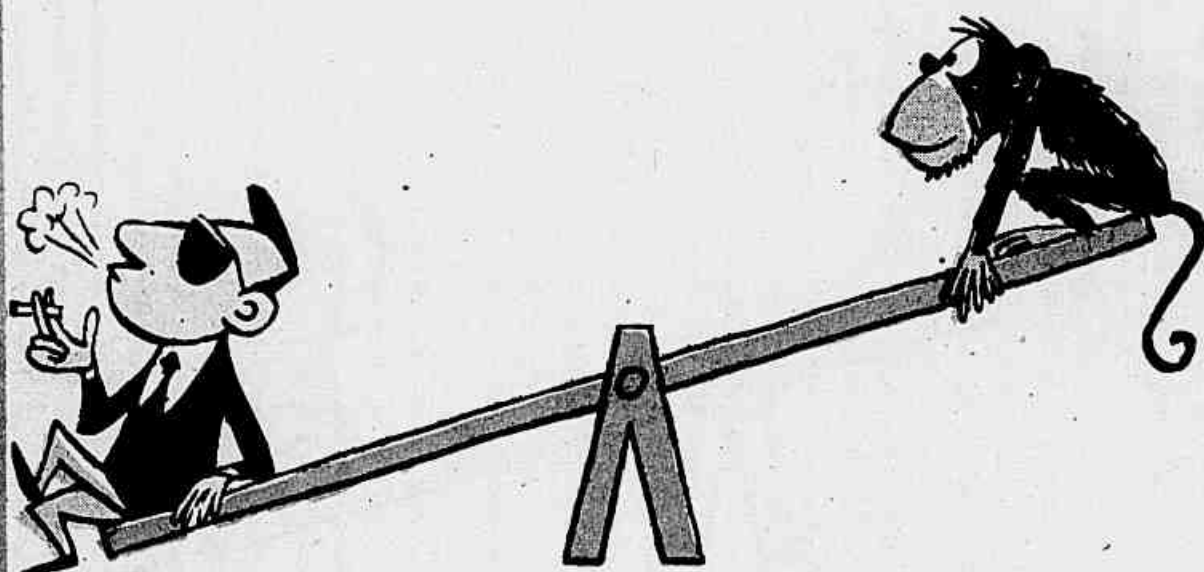
Imprensa em cima
Negociata em baixo

AGÔSTO



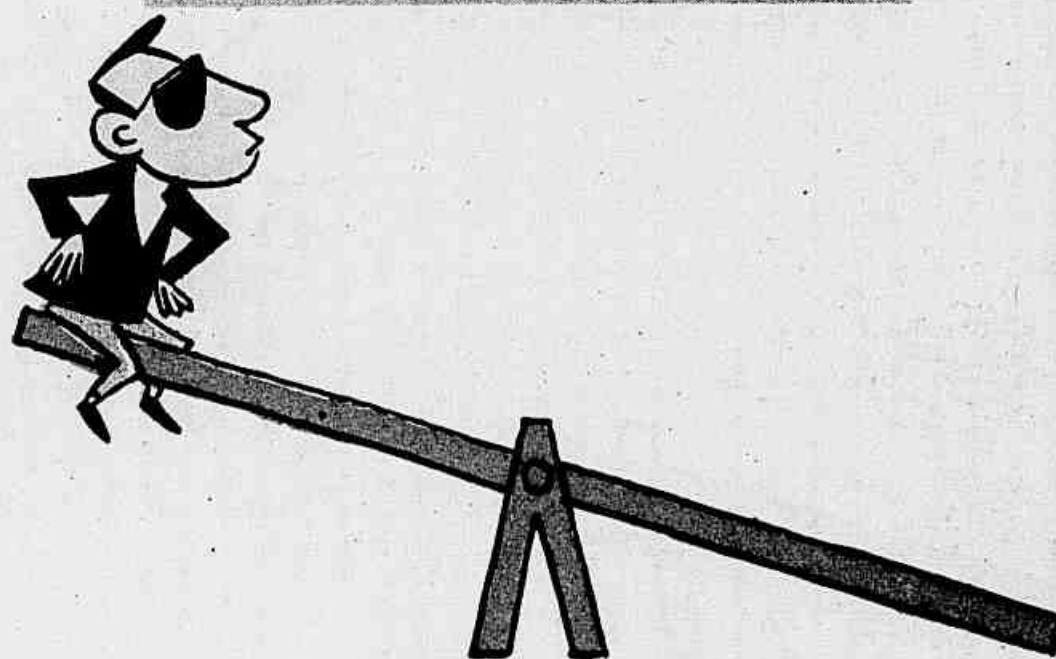
Imprensa em baixo
Ordens de cima

SETEMBRO



Padilha em baixo
Bicho em cima

OUTUBRO



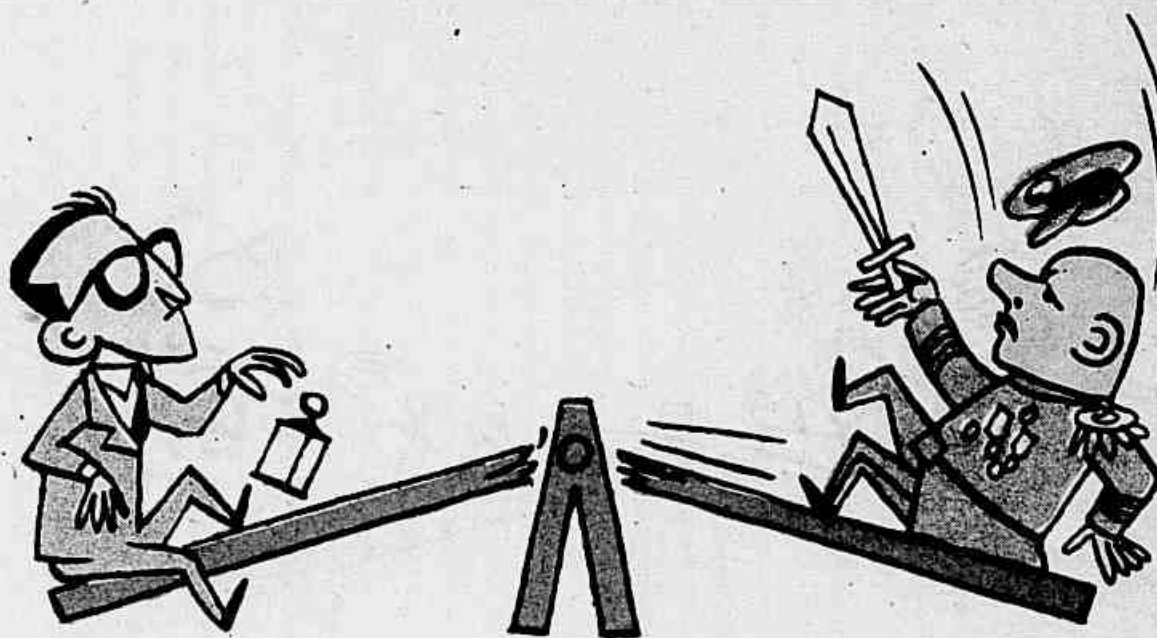
Padilha em cima
Bicho em Niterói

NOVEMBRO



Lanterna em baixo
Espada em cima

DEZEMBRO



E foi aí que o balanço quebrou.



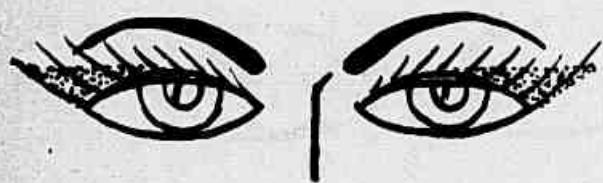
CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

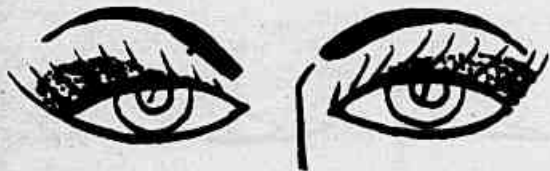
SUA BELEZA

Você sabe como aplicar a «sombra nos olhos»? A sombra só é usada NAS PÁLPEBRAS SUPERIORES, pois, nas inferiores aumentariam as «olheiras» o que não é nada bonito. O local exato onde se deve escurecer com a «sombra» é o seguinte:

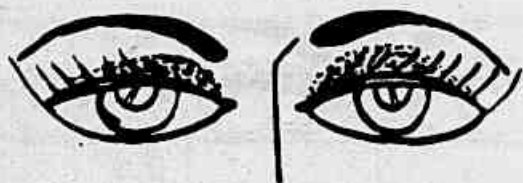
Se tem os olhos muito próximos um do outro, passe a sombra na parte de fora (para o lado das têmporas), junto aos cílios superiores.



Para que os olhos pareçam maiores e mais atraentes — concentre a sombra junto aos cílios, esbatendo por cima da pálpebra superior.



Se seus olhos são muito afastados um do outro — o caso oposto ao primeiro — passe a sombra no ângulo das pálpebras que fica mais perto do nariz, esbatendo para o meio dos olhos.



Cílios são preferíveis, pois «abrem» os olhos e alargam-nos. A única exceção é se você tem os cantos dos olhos caídos. Nesse caso, os cílios corrigirão de certa forma esse defeito, se forem deixados retos, para baixo.

Lembre-se de que seus olhos são um importante meio de expressão. Devem ser capazes de exprimir alegria, tristeza, dor, amor, enfim, todos os sentimentos humanos. Uma mulher elegante, treina a expressão de seus olhos, até que expressem o que ela tem em mente.

ESPOSA IDEAL

Foi realizado na Itália um interessante concurso, para escolha da «Espôsa Ideal», isto é, da jovem que tenha todas as qualidades para ser uma esposa modelo e uma perfeita dona de casa. A beleza física não era condição indispensável para se candidatar, mas aconteceu que todas as aspirantes ao título eram muito graciosas. Deviam demonstrar possuir uma cultura geral satisfatória, e uma boa preparação para se desincumbirem com sucesso de todas as deveres caseiros. A vencedora, foi a srta. Adriana Faccioli, de Milão, que passou brilhantemente por todas as provas. O concurso foi realizado por iniciativa de uma firma vendedora de produtos para o lar.

DUAS UTILIDADES

Uma chapeleira parisiense apresentou como última novidade um chapéuzinho todo confeccionado em espuma de borracha. Além de ser leve, e, realmente gracioso, tem essa vantagem: depois de não servir mais, pode ser utilizado como esponja, para lavar pratos.

ATÉ A MULHER DE UTRILLO!

A viúva do grande pintor parisiense Utrillo, demonstrou muito «senso de humor» colocando o cartaz seguinte, na mesa de refeições da casa do artista, já falecido: «Mesa, na qual meu marido lia jornal».

Notinhas úteis

Coloque uma colherinha de açúcar no fundo do bule de chá, antes de pôr a água fervendo. O chá ficará muito mais saboroso, e, além disso, evitará que manche se cair na toalha.

★

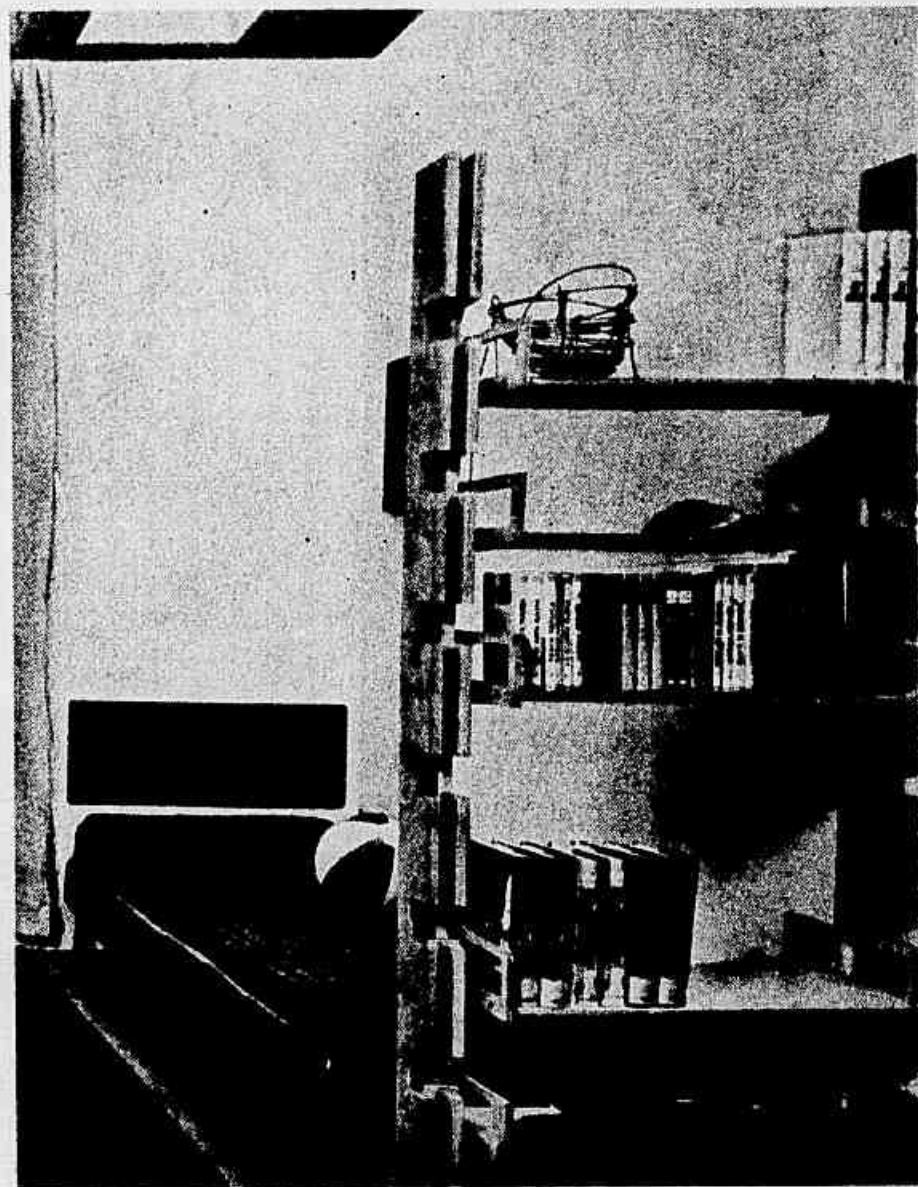
Experimente fazer salada de batatas «moldada». Unte uma fôrma com maionese, ponha a salada de batatas bem apertada. Desenforme. Sirva com salsinha picada, por cima, e enfeitada com ovos cozidos.

★

Não deixe nunca os talheres sujos de comida, de um dia para o outro, se quer que eles se conservem bonitos por muito tempo. Lave-os em água morna com sabão. Enxágüe bem, e enxugue-os com um pano bem limpo.



SUGESTÃO PARA O LAR



◆ As estantes com prateleiras são de grande utilidade nos modernos apartamentos. Eis, em duas ilustrações, como foi aproveitada de maneira bem diferente uma mesma estante desse tipo: Em cima, para livros, revistas e bibelôs, numa sala que serve, ao mesmo tempo, de escritório, sala de estar, etc. À direita, como divisão, num quarto de dois meninos. Na estante: livros, brinquedos, etc.

WEEK END NA COZINHA

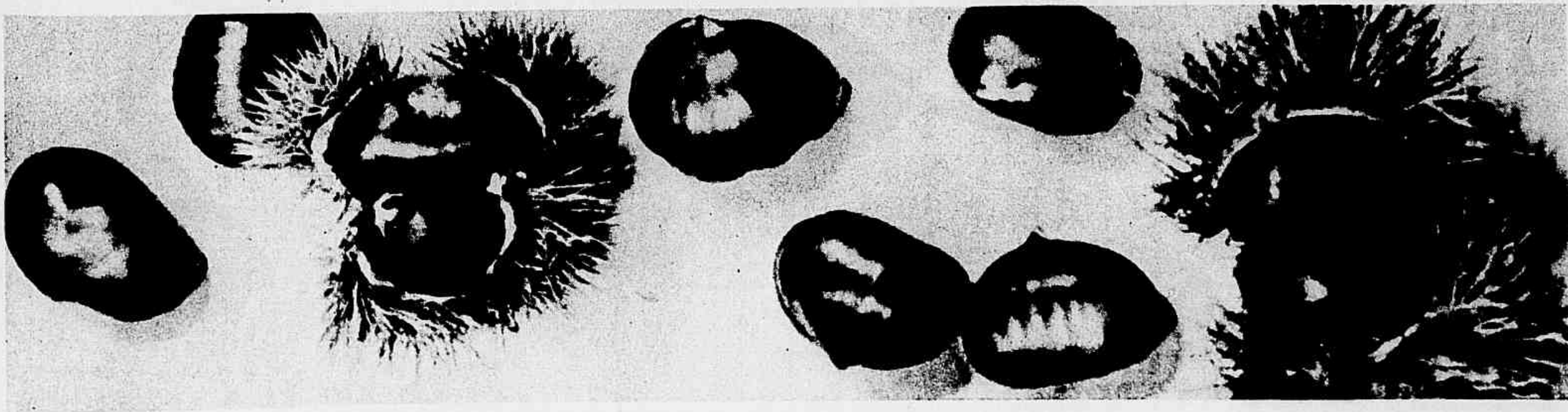
As festas chegaram. Vamos comer castanhas? Há diversas formas deliciosas de prepará-las, além das tradicionais castanhas cozidas.

◆ **CASTANHAS COM MANTEIGA** — Descasque as castanhas. Depois, passe-as em água fervente a fim de poder retirar também a pele. Numa panela, ponha um pouco de manteiga. Quando derreter, ponha as castanhas já peladas, e deixe que cozinham em fogo lento, mexendo de vez em quando. Se ficarem muito secas, junte um pouquinho de leite quente. Tempere com um pouco de sal. As castanhas não devem desmanchar, mas ficar bem cozidas, e macias.

◆ **CASTANHAS ASSADAS** — Faça um corte nas castanhas com a ponta de uma facinha, a fim de que não arrebentem quando assadas. Ponhas para assar numa panela no forno, ou asse-as numa panela com o fundo furadinho, sobre a chama. De qualquer forma, deve-se sacudir a panela de vez em quando. O sistema do forno é o melhor, porque a panela sobre a chama tem o inconveniente de deixar queimar a casca de algumas. Quanto mais forte o calor, melhor. As castanhas assadas

em fogo fraco ficam duras. Depois de prontas, tire-as do forno e embrulhe num guardanapo, para que esfriem aos poucos.

◆ **DOCE DE CASTANHA (gelado)** — Para as castanhas já descascadas e peladas num recipiente, com leite em quantidade suficiente para cobri-las. Pôr no fogo, e deixar cozinhar por meia hora. Quando isso acontecer, as castanhas devem ter absorvido todo o leite. Passá-las pela peneira, juntar um pouco de manteiga, algumas colheres de açúcar, um pouco de chocolate em pó, duas ou três gemas e as respectivas claras batidas em neve. Untar uma fôrma. No fundo, arrumar uma camada da massa de castanha. Cobrir com biscoitos champanha, ensopados em licor bem forte; por cima, outra camada de massa de castanha. Proceder assim, alternando as camadas, até ter usado toda a massa de castanha. Pôr a fôrma no gelo e deixar por algumas horas.





• Já está nas livrarias o último livro do jornalista Henrique Pongetti, batizado de «Direito e Avêso», uma antologia das suas melhores crônicas de diferentes fases.

A sociedade está lendo o livro do cronista do Rio.



A muito bonita Mary Spitzman Jordan «conversa» com o sr. César Thedim.



Maria Laura Duarte e Gray Lafer num «flash» especial para esta coluna.



O senhor Eduardo Tapajós e a senhora Fêla Jordan.

NA TORRE DO GLÓRIA

♦ Na Torre do Hotel Glória, o sr. Eduardo Tapajós recebeu para um «party», a senhorita Gray Lafer, que seria em seguida homenageada por este colunista com um jantar na boite «Fiesta». O apartamento da Torre do Glória onde o sr. Tapajós homenageou a jovem Lafer, é o famoso apartamento onde há uns dois anos atrás a temperamental Ava Gardner teve uma crise de nervos, quebrando copos e quase depredando o hotel. Vocês devem estar lembrados da repercussão que esse caso teve em toda a

imprensa mundial. Nesse «party», predominou a presença de jovens, durante algumas horas esteve reunido em «petit-comité». No meu caderno anotei os seguintes nomes: senhora Fêla Jordan, senhores Renato Bandeira, Cláudio Silveira, Ivan Lacerda, Cesar Thedim, Albino Avelar, senhoritas Maria Laura Duarte, Eloisa Kordy, Beatriz Gaglebeck, Mary Spitzman Jordan, Anna Lucia Tamm, e Rosinha Serzedelo Machado.

A paulista Milu Loureiro que há mais de três meses terminou seu noivado com o «play-boy» Osvaldinho Vidigal, continua sendo vista sem nenhum «date». Até quando, Milu?

Marcado para o fim de abril o casamento de Albino Avelar com a «beaut» Maria Laura Duarte. Se vocês estão esquecidos: a união desse jovem par foi prevista por esta coluna.

O paulista Decito Novais, que já foi «date» da «glamourosa» Rosinha Serzedelo Machado, anda meio solitário. Segundo meu «gabinete-

Gossips

social-de-gossips» localizado em São Paulo, o Decito continua alimentando alguma paixão pela nossa conhecida Rosinha.

Já deve ter decolado para os «States» a loura Suzana Pôrto, deixando determinado milionário (jovem) com toneladas de saudades.

A jovem paulista mais elegante que transitou este ano pelos salões elegantes do «Grand-Monde» carioca, foi a morena Lorice Maluf. Lorice, conversando com este colunista, disse: não gosto de ser «vedette» de coluna social. Perguntei: quem é seu atual «date»? Resposta: não tenho «date» atualmente.



Lorice Maluf, foi a jovem paulista mais elegante que transitou este ano pelos salões do «Grand Monde» carioca.

NO «FIESTA»

Em homenagem a Gray Lafer

♦ FOI no ainda jovem e já famoso «Fiesta» que este colunista (domingo) homenageou a paulista Gray Lafer com um jantar. Minha bonita e jovem homenageada, que é figura de primeiro plano em São Paulo, foi devidamente festejada pelo nosso «society». Louis Colé, o mais famoso «crooner» de nossas boites apresentou juntamente com Mara Abrantes um «show» especial realmente «suspense». O «maitre» Costa preparou um menu internacional muito gostoso para meus convidados dessa noite: Borscht à la creme, cotê au kiew, patisserie, vinhos pinord branco e pomard tinto. Com esse jantar a Gray Lafer finalizou muito bem minha atividade como «host», este ano.



Um aspecto da mesa do jantar que o colunista ofereceu a jovem paulista Gray Lafer.



A senhorita Gray Lafer (a homenageada) com Jeff Thomas (o host) durante o jantar.



A muito «glamourosa» Rosinha Serzedelo Machado com o galante Cláudio Silveira.



A senhorita Beatriz Galhembeck e o sr. Renatinho Bandeira, que funciona no Escritório Comercial do Brasil no México.



Louis Cole, o mais famoso «crooner» das «boites» cariocas, apresenta o «show» da noite.



CINEMA

Por ELY AZEREDO

A maior bofetada de amor da história do cinema: Montgomery Clift versus Jennifer Jones. Acostumada a tapinhas hollywoodianos, a estrela quase abandonou a produção do néo-realista De Sica. «Quando a mulher erra» filmado na Itália, é um dos melhores e mais impopulares filmes de Jennifer.

JENNIFER JONES À PROCURA DO SEGUNDO "OSCAR"

UMA PLATEIA QUE PAGA PARA CHORAR ESCRAVIZOU A EXCELENTE ATRIZ A PAPEIS LACRIMOGENIOS — O SENTIMENTALISMO DA «CANÇÃO DE BERNADETTE» E O SENSUALISMO DE «DUELO AO SOL» FIXARAM LIMITES ESTREITOS PARA JENNIFER.

Diz-se que Jennifer Jones será candidata ao «Oscar» pelo papel de Elizabeth Browning na nova versão de «The Barretts of Wimpole Street». Mas, para vencer, um complemento é indispensável: o diretor. E pouco pode-se esperar do velho Sidney Franklin.

Em «Suplício de uma Saudade» foi o que aconteceu: interpretação expressiva em papel sem envergadura de «Oscar». O mais famoso prêmio cinematográfico do mundo, ultimamente bem distribuído, exige a coincidência de uma boa atriz com um bom papel. E nenhum papel é bom sem um diretor que o faça render. Apesar dos filmes inferiores ao seu talento, o prestígio de Jennifer Jones continua de pé. Nunnally Johnson colocou-a recentemente em «O Homem do Terno Cinzento», de próxima estréia no Rio. E o lacrimogêneo «Suplício de uma Saudade» é sucesso de bilheteria em toda parte. Será curioso dar uma olhada ao passado para verificar porque uma excelente atriz não tem uma excelente carreira.

MOCINHA DE «FAR-WEST» — Pouca gente sabe que Jennifer Jones, com seu nome verdadeiro, Phyllis Isley, foi mocinha de westerns baratos antes de «estrear» sensacionalmente com «A Canção de Bernadette». Muito compreensivelmente, a publicidade esquece aquela fase menos honrosa, da qual arquivos implacáveis registram filmes («New Frontier», «Dick Tracy's G-Men») cujos títulos brasileiros escapam à nossa memória. Na época, também tentava Hollywood seu primeiro marido, o falecido Robert Walker, que conheceu na Academia de Arte Dramática de Nova York. Era 1939. Walker só teve sua chance em 1943. Antes trabalhou em rádio, notadamente em Tulsa, Oklahoma, onde fez parceria com a mulher.

FILHA DE ATORES — Jennifer, podemos dizer, nasceu atriz. Em 1919 veio ocupar a posição privilegiada de filha única no lar de Phil R. e Flora Mae Suber Isley, proprietários e stars de modesto grupo teatral, a Isley Stock Company, de Tulsa. Desde menina participava dos espetáculos colegiais. No Oklahoma A. and M. College, ganhou medalha por latim e venceu o concurso anual de declamação do Estado.

Dra. Phyllis Isley? O nome não casa com nossa imagem de Jennifer. No entanto, se a vontade do pai fosse mais forte ela seria advogada. A sedução da arte dramática era invencível e a família não pôde evitar que ela pisasse o palco com os Ted North Players. Depois de aproveitar uma bolsa de estudos na Northwestern University, de Chicago, voltou àquele grupo. Sua consciência profissional reflete-se na disciplina que impõe a tudo que faz. Contra a opinião do pai, ela considerava muito cedo para tentar o cinema. Achava indispensável uma formação teatral sólida. E foi estudar em Nova York.

SURGE SELZNICK — Após a fase dos westerns em Hollywood, já com as responsabilidades de mãe (Robert Walker Jr., 1940; Michael, 1941), Jennifer trabalhou no Little Theatre de Paul Gilmore, em Nova York, porém fora da Broadway. Então, procurou contato com a representante de David O. Selznick, e obteve sucessivamente uma entrevista, um teste e um contrato com esse produtor — um dos mais famosos independentes de Hollywood. Mas só em 1943 seria aproveitada. Na expectativa, trabalha (peça de Sorayan) e, em Nova York, segue cursos de dança (Polly Korchein), dicção (D'Angelo), interpretação (Sanford Meisner). Até surgir a grande oportunidade: «A Canção de Bernadette», na Fox. O diretor

Henry King escolheu-a sem hesitação entre seis candidatas finalistas que fizeram teste. E a Academia considerou-a a melhor atriz do ano.

SENTIMENTALISMO LUCRATIVO — O «Oscar» de **Bernadette** teve influência nociva e permanente na carreira de Jennifer. Os produtores ficaram sabendo que ela representava dinheiro em caixa junto ao público sentimental. Selznick, que seria seu segundo marido, usou-a no ano seguinte em «Desde que Partiste», com Joseph Cotten. Outro produtor, Hal Wallis, relançou-a na mesma linha romântica em «Um Amor em cada Vida» (*Love Letters*), novamente com Joseph Cotten, que bateria o «record» de parceria com a estrela em «Duelo ao Sol» e «O Retrato de Jennie». «Duelo ao Sol», o ambicioso western erótico que Selznick confiou à direção de King Vidor, estabeleceu a segunda constante da carreira de Jennifer: o sensualismo. Um dos principais responsáveis pelo tiro da misericórdia que Hollywood desferiu na ingenuidade do antigo western, o filme surgiu em meio a publicidade sensacionalista que muito desagradou a atriz. A renda não correspondeu ao custo, mas a onda publicitária marcou tanto quanto o sucesso de «Bernadette» (cinco milhões de dólares) e «Desde que Partiste» (4.950.000) a carreira de Jennifer.

OUTROS FILMES — Em 1946 Jennifer aparece num filme fraco do malicioso Lubitsch: «O Pecado de Cluny Brown». E, após «Resgate de Sangue» (*We Were Strangers*), volta à linha sensual em «Madame Bovary», «Quando a Mulher Erra» (*Stazione Termini*) e, mais acentuadamente, em «Coração Indômito» (*Gone with the Wind*) e «A Fúria do Desejo» (*Ruby Gentry*).

Agora, infelizmente, prepondera a linha sentimental: «Suplício de uma Saudade», dirigido com sobriedade por Henry King; e «Ocaso de uma Alma» (*Good Morning, Miss Dove*), um «Mister Chips» de saias que seria insuportável sem Jennifer. Resta-nos ver «O Homem do Terno Cinzento», que é mais de Gregory Peck, e «The Barretts of Wimpole Street», recém-filmado nos estúdios ingleses da Metro.

CONCLUSÃO — Jennifer não teve muita sorte em sua única experiência na Broadway: recebeu elogios, mas a peça (*Portrait of a Lady*) fracassou. No cinema, apesar de tudo, pôde manifestar várias vezes talento indiscutível. Principalmente em «Perdição por Amor» (*Carrie*), de Wyler, com um impressionante Laurence Olivier, e em «O Diabo Riu por Último» (*Beat the Devil*), de John Huston. Neste revelou um desembaraço com o sarcasmo e a sátira que faz pensar em suas possibilidades como intérprete de comédia dramática.

Quando esse filão será explorado? Difícil prever. Como Jane Wyman, Jennifer é uma vítima das platéias que pagam para chorar. Tende a um estrelismo que produz exageros lamentáveis como os que exibiu naquele modelo de sobriedade



«Suplício de uma Saudade» proporcionou um grande sucesso de público a Jennifer Jones. Pertence à linha sentimental iniciada com «A Canção de Bernadette», que lhe valeu um «Oscar». Mais sentimental ainda é «Ocaso de uma Alma», filme que veio em seguida.

que foi «Quando a Mulher Erra» (*Stazione Termini*), filmado na Itália. Embora desprezado pelos atores (ela brigou com De Sica, e Montgomery Clift, que tem atuação admirável, também o repudia), e cortado em cerca de 20 minutos por Selznick, esse filme permanece umas raras vezes em que a tendência sentimental da estrela teve um veículo sem pieguismo. Se não satisfaz ao público e a grande parte da crítica, também é verdade que «Stazione Termini» não pode faltar em qualquer exaltação da poesia de De Sica e Zavattini.

Prêmios cariocas e paulistas

◆ Quase simultaneamente, em São Paulo e no Rio, houve farta distribuição de prêmios ao indigente cinema nacional. Nada temos contra prêmios quando chegam no momento certo e com enderêço adequado. Parece-nos muito inconveniente, por exemplo, lembrar a Ademara Gonzaga, ante auditório superlotado, que foi o realizador daquela coisa chamada «Carnaval em Lá Maior». Aconteceu na entrega dos «Sacs», estatuetas criadas por Brecheret e oferecidas aos melhores da temporada paulista (1955) pelo jornal «O Estado de São Paulo». O grande animador da Cinédia recebeu um «Saci» por seus «40 anos de lutas em prol da Sétima Arte». Eis um prêmio que poderia esperar ocasião mais oportuna, como, por exemplo, o aparecimento nas livrarias de sua tão prometida «História do Cinema Brasileiro».

◆ Enquanto agia sãbiamente não premiando nenhum argumento ou roteiro, a comissão do «Estado» distinguia como «melhor filme» um dramalhão ridículo e cinematograficamente primário, «Armas da Vingança», «pelo seu plano de ambientação, pelo uso da paisagem e dos locais onde foi rodada, por sua narrativa fluente, ágil e didática, e por sua unidade de estilo e de valorização cinematográfica». São palavras do relator, Rubem Biáfara, crítico do «Estado», papa de um grupo que, há pouco, classificou «Luzes da Ribalta» de «cinematograficamente pornográfico»... Opinião mais ou menos semelhante à de Moniz Vianna («Correio da Manhã», Rio), outrora independente e inconformista, hoje praticando uma crítica não muito distante do grupo Biáfara: divorciada da realidade e do leitor, feita de regrinhas estreitas e idiosincrasias, reacionária, enfim.

◆ Prosseguindo em suas travessuras, o «Saci» consagrou os diretores, o fotógrafo e o vilão (o italiano Luigi Picchi) do tal «Armas da Vingança». A «sacizada» restante foi para os srs. Roberto Acácio (produtor de «Mãos Sangrentas»), Inezita Barroso («Mulher de Verdade»), Liana Duval (coadjuvante de «Ai vem o General!»), Gilberto Martinho (coadjuvante, «Mãos Sangrentas»), Gabriel Migliori (música de «Armas da Vingança»), Walter Hugo Khoury (montagem de «O Gigante de Pedra»), Zygmunt Sulistrowski (diretor de «Fetição do Amazonas», documentário longo), Marcos Margulies (documentário curto: «A Esperança é Eterna») e os diretores da Rex Filmes (30 anos de atividade, homenagem especial). De modo geral esses prêmios são merecidos, mas as honrarias de «Armas da Vingança» têm um ridículo deprimente.

◆ Também cabem muitas restrições quanto aos premiados (total: Cr\$ 500.000,00) do IV Festival Cinematográfico do Distrito Federal. Mas não podemos considerar seriamente os resultados quando a «comissão julgadora» é formada pelos srs. Arnaldo Nogueira (Câmara dos Vereadores), Raimundo Magalhães Júnior (Academia Brasileira de Letras), Abelardo Zaluar (Escola Nacional de Belas Artes), Joaquim Menezes (Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, entidade que não existe), Joracy Camargo (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), Edgard Sussekind de Mendonça (Instituto Nacional de Cinema Educativo), Gastão Cintra Pêgo de Faria (Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura), Miécio Tati Pereira da Silva (Departamento de Turismo e Certames). O sr. Petrônio Rosa Santana, representante da Casa dos Artistas, não compareceu — informa a ata.



AS MOÇAS DA SEMANA

◆ Pelo «show» de ritmo e brejeirice proporcionado em «Uma Noite no Rio», do Waldorf-Astória de Nova York, são incontestavelmente «as moças da semana» as excelentes Irmãs Marinho.

A política alimentícia dos picadinho-relations

◆ Foi Stanislaw, o vivo e feroz Ponte Preta, quem, sãbiamente, os definiu. Picadinho-relations. Inusitada casta, mais prolífera dentro da noite que a das pulgas nos cinemas da cidade. O nome calhou como uma luva para os trêfegos mancebos ocupantes de colunas de jornais e revistas — alguns graciosamente e por injunções políticas das mais estranhas políticas — cuja voracidade vem fazendo história. A operação é tão simples quanto lucrativa para as partes interessadas. Picadinho e favores outros em troca do elogio sistemático. Todos os recursos são justificáveis e produtivos desde que a paga não se faça tardar. Como toda sociedade bem organizada, os picadinho-relations podem ser divididos em várias categorias, desde os mais bisonhos, «focas» por excelência, satisfeitos com o stroganoff bem regado, aos de vôo mais altaneiro, emittentes assíduos de cheques sem fundo mas prazeirosamente descontados pelo dono da «boite», por motivos óbvios. O suborno alimentício e monetário constrói reinados, sustenta trustes e faz glórias. Uma festinha de aniversário de conhecido cronista, realizada em uma das nossas «boites» não faz tempo, custou, com descontos e preços camaradas, a ninharia de quarenta mil cruzeiros. A nota foi assinada para os devidos efeitos e dorme plácida na gaveta da «boite», até que seja amortizada pelo boletim diário que passou a ser publicado, com a chancela do cronista festeiro (louco! louco!), em tradicional vespertino, levando de contra-peso um suplemento em jornal gratuito e dominical. Numerais são fornecidos antecipadamente para a publicação de anúncios — com recibo passado que dono de «boite» não é bôbo! — que nunca chegam a ser inseridos e muito menos vão ao conhecimento da direção do jornal. Outros brincam de berlinda em linguajar de cueiros, enquanto matam a cobra e mostram o pau, como se diz em Maragogipe, a Cidade das Palmeiras. Certa feita, estava o Augusto Mister bebericando no escurinho de um bar, quando chegou famoso cronista social. Chegou, sentou, comeu e bebeu. Na hora de pagar a conta, perguntou ao garção qual o desconto de que a sua importância se fazia merecedora. O serviçal fez-lhe ver, após consulta ao «maitre», que dez por cento. O cronista achou um desaforo e declarou textualmente: «Informe à gerência que só trabalho na base de cinquenta por cento...» O fato transpôs fronteiras e foi comentado até na imprensa lusa, embora protestos de que tudo havia sido brincadeira... Sim, porque os picadinho-relations são também uns grandessimos brincalhões. Rapazes alegres, de boas rodas, turiferados, que adoram brincar de não pagar contas, de exigir descontos, de emitir cheques sem fundos, de comparecer ao «caixa» e... «me dá que depois te dou». A brincadeira continua, após, com o compromisso de dizerem em letra de fôrma que todo «show» é a maior realização artística dos últimos tempos, que toda comida é excelente, que a elevação do preço da dose homeopática do uísque duvidoso é bem razoável e que nada na vida se compara a um valente «fuccine al triplo burro». Direis que o respeitável público é o prejudicado com a divulgação de falsas notícias. Tendes razão. Na doutrina dos picadinho-relations, porém, o público que se lixe. Eles são, antes de tudo, uns pândegos. E certos donos de «boite» sabem disso e zelam pela sua sobrevivência. O que também «tá legal...»

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

A nota cômica da pagodeira do Waldorf-Astória foi dada pelo senador Assis Chateaubriand, com seu «inglês» de forte sotaque nordestino. Ninguém entendeu s. excia., que fez profusa distribuição de be-

jocas entre as senhoras presentes. Até as pelancas da ridícula Elsa Maxwell foram brindadas.

—:—
“Wonder-Bar”, que deverá ser estreado nestes dias, será o último cartucho, ao que se propala, a ser queimado pela “boite” Beguin, em situação deficitária. Caso não vingue o “show”, o contrato de arrendamento será desfeito.

—:—
A boa música da “boite” Fiesta está sendo irradiada todas as noites pela Nacional. Vozes de Louis Cole, Mara Abrantes e Zézinho.

—:—
2.237 vezes durante cinco anos, a vedeta Rose Rondelli cantou uma musiquinha brejeira intitulada “Eu sou Gostosa”. O atual Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, com a sua argúcia de triste notoriedade, transformou o “gostosa” em “dengosa”, dando um atestado público de incredulidade nos recursos acumulativos da Rondelli...

—:—
Don Francisco Negrão de Lima — o Conde de Metaba — está sendo chamado nas rodas

noturnas de “O Prefeito Boa Praça”. Se a gente bobeia, acorde com mais um jardim na porta.

—:—
As duas moças que fazem o côro das músicas carnavalescas no Teatro Serrador, junto à orquestra, são irmãs da cantora Dalva de Oliveira. Há muito tempo — explicou a Tiana.

—:—
Na briga de Ibrahim Sued com Carlos Machado por ter sido preterido em favor de Jacinto de Tormes, quando da inauguração da “boite” “Night and Day”, quem está levando melhor é Agnelo Martins, este também de relações cortadas com o produtor. Ibrahim tornou-se grande propagandista da vitoriosa “boite” Arpège e convida pelo telefone os seus amigos para ouvirem a boa música de Waldyr Calmon. E tem sido correspondido plenamente.

—:—
E, em janeiro, vai acontecer uma coisa no Teatro Recreio...

—:—
De todos os cronistas surgidos após o advento de Mister Eco, os mais afoitos vieram de

“O Estado do Rio Grande”, de Porto Alegre, e da “Gazeta do Povo”, de Curitiba, que até o nome lhe copiaram. Os ilustres confrades, como vêdes, não souberam ser “mister”; são apenas “eco”.



ROSE RONDELLI
Gostosa ou dengosa?



AGNELO MARTINS
O dono da bola



MURILINHO DE ALMEIDA — cantor — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

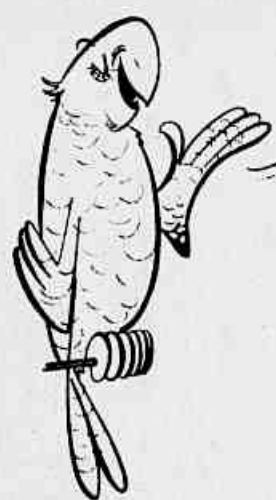
"EU NUNCA PRETENDI SER CANTOR. MAS QUE INCOMODO MUITA GENTE, INCOMODO"

Pão — Que é uma grã-fina?
 Queijo — E' a esposa, a irmã ou a filha de um grã-fino.
 Pão — Em quantas partes se divide uma grã-fina?
 Queijo — Três: Country Club, Arpoador e Sacha's.
 Pão — As diversas listas de elegância feminina publicadas por aí correspondem à realidade?
 Queijo — Nem seria possível...
 Pão — Você acha «bem» homem fazer parte de listas de elegância?
 Queijo — Não acho nada!...
 Pão — Na sua opinião, qual a mulher mais elegante da noite?
 Queijo — Norma Tamar.
 Pão — Que mais lhe desagrada entre a grã-finagem?
 Queijo — Não suportarem concorrência.
 Pão — Que acha do autor de «Café Society Confidencial»?
 Queijo — José Mauro é meu amigo.
 Pão — Que diferença existe entre «café socie-

ty» e sociedade pròpriamente dita?
 Queijo — «Café-society» circula, é citado, fotografado, etc. Sociedade a gente ouve falar e raramente vê.
 Pão — Você canta mesmo ou conta anedotas no Sacha's?
 Queijo — Eu nunca pretendi ser cantor. Mas que incomodo muita gente, incomodo. Nunca contei anedotas; conto fatos e eles se transformam em anedotas.
 Pão — As grã-finas adoram anedotas picantes?
 Queijo — Será possível que alguém goste de anedotas que não sejam picantes? Eu não conheço.
 Pão — Você quebrou a mão brigando ao lado do Ibrahim ou do João Rezende?
 Queijo — Trabalhando...
 Pão — E, como «cow-boy» no próximo «show» da «boite» Bèguin, você vai se sentir muito valente desta vida?
 Queijo — Nem pensar...
 Pão — Conhece algum picadinho-relations?

Queijo — Sim, conheço. Conheço, sim...
 Pão — Heron Domingues exagerou quando disse que você, depois de Gonçalves Dias, foi a melhor coisa que o Maranhão nos mandou?
 Queijo — Heron Domingues quis ser gentil e eu me sinto muito bem como Murilinho.
 Pão — A senhora Gisela Machado, não sabendo desenhar, é apenas uma senhora de admirável bom gosto ou é mesmo figurinista?
 Queijo — A senhora Gisela Machado, eu não sei se sabe desenhar ou não (Nota do Mister: quem afirmou em reportagem foi Heron Domingues), o que não tem a menor importância no caso pois todos os grandes figurinistas têm equipes de desenhistas. Quanto a bom gosto, perfeita noção de colorido e harmonia geral são privilégio da senhora Gisela Machado e a fazem, inegavelmente, a maior figurinista do teatro musicado brasileiro.
 Pão — E Norma Benguel «existe»?
 Queijo — Sol existe, lua existe, mar existe, está na cara: Benguel «existe»!

A ARARA TOPOU



◆ Topou e chegou mesmo a vibrar quando soube que o elemento negro, com o seu rebolado contagiante, salvou o «show» do Waldorf-Astória. Ela tinha «visto tudo» de antemão. As irmãs Marinho, o passista de frevo Jonas, Lord Chevalier, Eliseu e Ministro da Cuíca foram os donos do espetáculo. Fora disso...

QUEM DUVIDAR QUE DUVIDE

— Das grandes «boites», a de preços mais acessíveis ainda é o «Meia-Noite» do Copa.
 — O melhor filé da noite, embora restaurante típico, é o do «Cabeça Chata».
 — Oitenta cruzeiros é quanto o «Copa-Golf» está cobrando pela dose de uísque.
 — Quem «come» a revista do Teatro Serrador não é o Pai Adão: é o veterano ator Afonso Stuart.
 — Mais uma vez aquela casa que tantos nomes já teve e que, ultimamente, era «boite» da Carolina, vai tentar novamente. Agora como «Boite do Pôsto Seis».
 — Enquanto todas as «boites» caíram de frequência durante o mês de novembro, a «Arpegge» fraturou nada menos de oitocentos mil cruzeiros.

A ARARA CHUTOU

◆ E ficou pasma com as atitudes do sr. Hildon Rocha, chefe do S.C.D.P. que, ao invés de censurar, em definitivo, os espetáculos na exibição prévia, e embora aponha a sua chancela aprovando o que lhe parece de acordo com os princípios da moral, volta diariamente a exigir «cortes», numa demonstração de pudicícia ruminante.



IRMA ALVAREZ
 Beleza portenha de «Rio... de Janeiro a Janeiro».

ANTOLOGIA DE FRASES CÉLEBRES

De uma reportagem de José Alberto Gueiros, sobre o Sacha's: Jorge Henrique faz no seu órgão, cheio de truques, o que Santos Dumont fazia no 14-Bis. Voa sem saber como...
 — O Zézinho, ao que parece, deve fazer parte do fã-club dos irmãos Wright...

★

Não sendo pròpriamente uma figura da noite, o bravo edil Edgar de Carvalho não poderia faltar nesta Antologia, tão valiosa é a sua contribuição. Segundo divulgou Armando Pacheco, s. exa., fazendo a apologia do «Dia das Mães», explicou à ignara plebe: «Ninguém mais indicado para ser mãe do que a mulher...»
 — Pois é, doutor, pois é...

★

Ney Machado comentou: «Sem dizer água vai, encerrou no Maracanãzinho o «show» aquático de Mr. Noel Sherman».
 — Quando a Arara «chuta», Ney, é porque o negócio é maroto mesmo.

★

De Carlos Renato e Leda (lindinha) Rau, cronista a quatro mãos: «O que caracteriza a lua-de-mel é o estado de graça, de euforia, de plenitude, que ela causa no homem ou na mulher».
 — Esclarecendo: os queridos confrades ainda são solteirinhos da silva.



A BOA DO «CROONER»
 Marisa, das noites do Copacabana.



Santa Rosa voltou ao Brasil

♦ Repousa definitivamente em terras brasileiras, o corpo de Santa Rosa. Há uma semana já que recebeu o último adeus de seus inúmeros amigos e admiradores. O próprio Presidente Juscelino (foto) veio rapidamente de Belo Horizonte, e foi direto ao Teatro Municipal, prestar a sua homenagem ao grande artista desaparecido. Registre-se que nenhum ministro de Estado, nem mesmo o ministro da Educação compareceu ao entêrro ou a qualquer das homenagens prestadas a Santa Rosa. Compreende-se. Santa Rosa está morto, e o sr. Clóvis Salgado gosta de homenagear apenas os vivos, os que possam contribuir de qualquer maneira para que prossiga a sua carreira de homem medíocre que inesperadamente atingiu altos postos. Não imaginou o sr. Clóvis Salgado, que o Presidente da República fôsse comparecer ao entêrro de um artista. Se tivesse adivinhado, teria comparecido, pelo menos para aparecer na fotografia, sorridente, mesmo sendo um ato fúnebre.

**A FIGURA
EM FOCO**



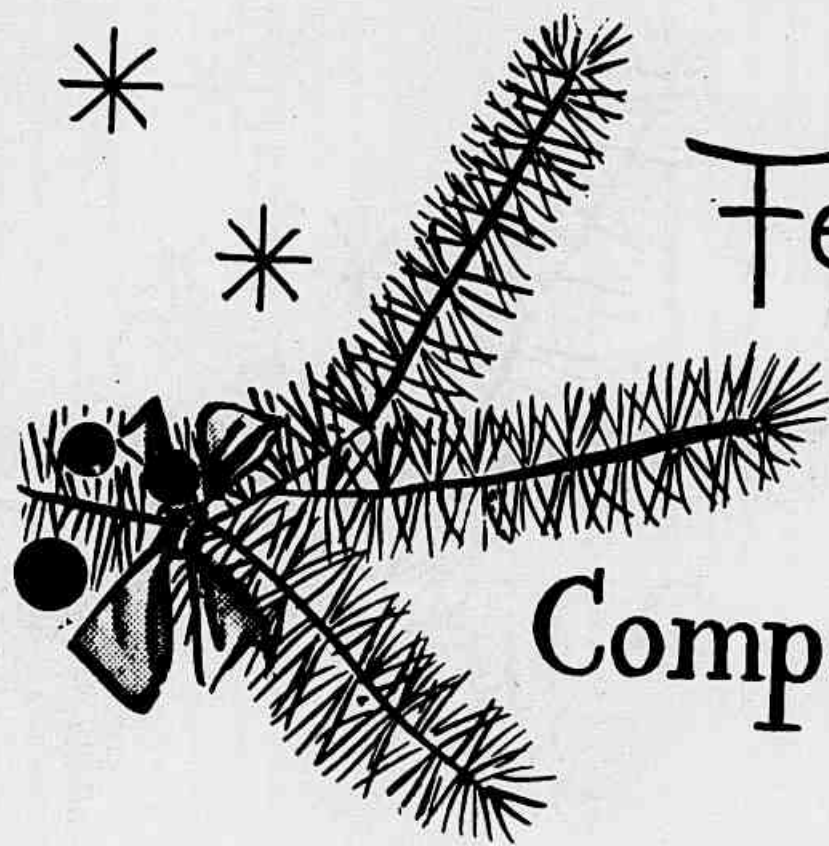
MARIA DE LOURDES MONTEIRO

Das côres primaveris,
Como uma linda aquarela,
Surgiu tão bela rainha,
Rainha da Primavera.

MENDES



Boas festas
de Natal!
Feliz
Ano Novo!



Companhia Telephonica Brasileira